

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/USP
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES/ECA**

**DAS ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS ÀS MEDIAÇÕES
PRODUZIDAS POR JOVENS**

ALIANÇA NEGRA POSSE E NÚCLEO CULTURAL FORÇA ATIVA

Por: Rosana Aparecida Martins Santos

**Tese apresentada à ECA – Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo, como exigência para obtenção
do título de Doutor em Ciências da
Comunicação sob a orientação da Prof.
(a) Yolanda Lulhier dos Santos**

São Paulo
2006
COMISSÃO JULGADORA

São Paulo
2006

Dedico este texto a
Terezinha e Clovis,
meus pais,
em memória

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores que permearam toda a minha formação acadêmica: Prof. Dr. Mário Antônio Eufrásio, Prof. Dr. José Jeremias de Oliveira Filho, Prof. Dr. Antônio Flávio de Oliveira Pierucci, Prof. Dr. Sedi Hirano, Prof. Dr. Sérgio França Adorno, Prof. Dr. Waldebyr Caldas, Prof. Dr. Gabriel Cohn, Prof. Dr. Sérgio Pinheiro, Prof. Dr. Lúcio Kowarick, Prof. Dr. Thiago de Oliveira Pinto, Prof. Dr. Mauro Wilton de Sousa, Prof. Dr. Paulo Vasconcelos, Prof. Dr.(a) Lucilene Cury, Prof Dr. Massimo Canevacci

Aos colegas de Mestrado e Doutorado que com suas críticas construtivas me auxiliaram na elaboração desta tese.

Em especial, agradeço, a todos os membros da Aliança Negra Posse e Núcleo Cultural Força Ativa pela acolhida e que tomaram como seus essa jornada.

Agradeço, ainda, aos amigos queridos que de um modo ou outro estiveram participando como fonte de energia, inspiração, se dispondo a conversar e partilhar experiências: Patrícia Silva, Maria Goretti Pedroso, Cíntia Allario, Ana Stela, Núbia, Shirley, Paolo Targioni, Alexander, Ronaldo Mathias, Natalício Batista

Por último, mas não menos importante agradeço a Prof. Dr. Yolanda Lulhier dos Santos pelo apoio e paciência inesgotável na partilha dessa produção

RESUMO

Tomando como ponto de partida os agrupamentos juvenis no cenário contemporâneo, este estudo discute a cena urbana atual e as políticas públicas endereçadas aos jovens, através da dinâmica comunicacional marcada pelos membros da Aliança Negra Posse e Núcleo Cultural Força Ativa, ambos pertencentes ao distrito Cidade Tiradentes, zona leste da cidade de São Paulo.

Este estudo tem como foco central à análise das formas estabelecidas pelos jovens periféricos em relação ao espaço de sociabilidade e às formas de representação. Ou seja, de que forma os membros expressam as saídas para os diversos conflitos presentes no cotidiano, e como cristalizam a idéia de renovação do espaço e das próprias relações sociais.

ABSTRACT

Having as a starting point juvenile groups in the contemporary setting, this study discusses the current urban scenario and the public politics aimed at the young, through the communicational dynamics registered by the members of the Aliança Negra Posse e Núcleo Cultural Força Ativa (Black Alliance Possession and Cultural Center Active Force), both part of the district Cidade Tiradentes, in the east zone of the state of Sao Paulo, Brazil.

This study has as its focus the analysis of forms established by the periphery young concerning the space of sociability and the forms of representation. That is, in which ways they express solutions to the various conflicts present in their everyday life and how they crystallize the idea of renewal of the space and the social relations themselves.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
I – MARCAS TERRITORIAIS E SUJEITOS URBANOS: ESTRATÉGIA DE REPRESENTAÇÃO DA POSSE.....	15
II - CIDADE TIRADENTES. INTEGRAÇÃO SOCIAL OU CONFINAMENTO?....	72
III - REDES JUVENIS - ALIANÇA NEGRA POSSE.....	106
IV - REDES JUVENIS - NÚCLEO CULTURAL FORÇA ATIVA.....	194
V - REDES PERIFÉRICAS JUVENIS - ALIANÇA NEGRA POSSE E NÚCLEO CULTURAL FORÇA ATIVA.....	253
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	275
BIBLIOGRAFIA.....	282
ANEXOS	297

INTRODUÇÃO

No presente trabalho procuramos tematizar a questão atual da globalização, que sob as marcas do consumo de uma cultura se apresenta cada vez mais mercantilizada sob o domínio do capital e realça o excesso de signos e imagens de um mundo permeado por simulações, indistinção do real com o imaginário. Ou seja, uma contemporaneidade mutável, pairada pelas incertezas e incapaz de oferecer parâmetros de estabilidade social ou identidade individual frente a um mundo alheio ao próprio homem, mas, sim, enquanto manifestação do gozo do capitalismo planetário das empresas transnacionais.

Diante desse quadro, assistimos a completa indiferença com respeito à vida humana, aos direitos do homem, no estágio contínuo e intensificado de sua coisificação. E, nessa luta pela existência e a condução da própria vida que buscamos retratar a importância da reflexão do “eu”, enquanto ser prático dotado da razão na arena pública (como bem diria Jürgen Habermas) ou indivíduos reunidos no espaço público dotados do poder da fala e da capacidade de julgar (Hannah Arendt) seu processo histórico.

É exatamente neste momento que nossa atenção recai para a atuação dos novos movimentos sociais, que ao resgatar a esfera pública enquanto campo pluralizado do diálogo, criam um espaço onde a autonomia de ação floresce de encontro as amarras do social. E é através do estar junto, o agir coletivo, que esses indivíduos criam diversas comunidades de identidade de pertencimento e a capacidade de pensar uma nova historicidade; estes se apresentam enquanto agentes dinâmicos, produtores de reivindicações e demandas, e não meramente reprodutores de papéis atribuídos de antemão.

Assim, a esfera da visibilidade conclama a sociabilidade e a comunicação. As identidades associativas no mundo globalizado nada mais são que agentes de liberdade, de igualdade, sistemas de forças e conflitos, cuja participação envolve a intensa busca pelo domínio do esclarecimento na superação dos indivíduos supérfluos.

Procuramos traçar uma análise onde se privilegiou localizar no tempo e no espaço um apanhado histórico do desenrolar da cultura *hip-hop* (enquanto uma alternativa da juventude para a violência urbana e que se apresenta em torno dos seguintes elementos artísticos: MC, mestre de cerimônia, a pessoa que se utilizando da voz, leva a mensagem poética-lírica à multidão; o DJ, disc-jóquei, aquele que coloca a música para dançar; o Break, aqueles que dançam ao som da música e, o Beat-box, som percussivo feito com a boca), nos Estados Unidos até a emergência desta manifestação na metrópole paulista.

Além disso, procuramos identificar a importância dada à conquista de espaços em termos de visibilidade e a postura dos jovens afiliados a essa expressão cultural, emergindo numa conjuntura social cada vez mais atravessada por uma multifacetada gama de ambivalências circunscritas na metrópole como centro de difusão e consumo de imaginários culturais no contexto de uma sociedade marcada por rupturas no sentido da racionalidade humana embrutecida pelo capital.

Nesse enfoque, partimos para o registro do nascimento das “posses” (grupo de amigos que no exercício da autonomia passam a reivindicar um mundo mais habitável), da sua reordenação nos bairros periféricos de São Paulo; seus mecanismos de estruturação e gerenciamento; seus valores ou compromissos e, a importância na tentativa de ampliar o diálogo da juventude com as transformações urbanas que se apresentavam na localidade. Como base nesse reconhecimento historiográfico, além da utilização de diversos teóricos foram realizadas diversas entrevistas com a posse de *hip-hop* Aliança Negra Posse (segunda

posse em São Paulo, depois do Sindicato Negro, e primeira de periferia, Cidade Tiradentes, zona leste da capital). O recurso à gravação em fitas garantiu a fidelidade quando da reprodução das informações colhidas proporcionando uma melhor sistematização e análise dos dados. Além disso, foi utilizado um caderno de campo como instrumento no registro das anotações que julgássemos importantes, assim, como em muito foi também exercitado o olhar do pesquisador diante da observação participante, no resgate de informações aos quais outrora pudessem se apresentar como relevantes para o andamento do estudo.

A partir daí, sentimos a necessidade de esboçar a partir de um breve relato sobre o distrito Cidade Tiradentes (onde estão descritas as histórias de vida dos moradores, suas associações e alguns indicadores sobre a situação sócio-econômica do distrito), focalizar ainda mais a pesquisa no redimensionamento do universo da ONG Aliança Negra Posse e dos membros do Núcleo Cultural Força Ativa. A partir das entrevistas forma levantadas informações sobre o direito à cultura e ao lazer, direito à segurança, direito ao trabalho, direito a moradia, direito à educação e a saúde. Aproveitamos para fazer um levantamento sobre a situação desses direitos na comunidade, a partir da coleta de campo onde realizamos diversas entrevistas, além das anotações realizadas no caderno de campo.

Logo, para falarmos de “*Quem Somos*” nada melhor do que falarmos “*Onde Estamos*”, pois acreditamos que o lugar de onde se vem torna-se um excelente registro de análise da nossa identidade e das dificuldades enfrentadas. E, foi partindo do olhar sobre a própria experiência de vida dos componentes, que podemos analisar e se aproximar dos temas que são relevantes tanto para a Aliança Negra Posse quanto Núcleo cultural força Ativa, das suas contribuições à comunidade local visando à superação da violência ali existente, das tensões entre os jovens, uma presença que se traduz na promoção de atividades de cultura, lazer, tornando o espaço fortalecido de cidadania, participação

popular e, no exercício constante dos direitos humanos.

Vários foram os desafios que se colocaram a realização do trabalho de campo, todavia, um dos maiores diz respeito ao amplo espaço geográfico do distrito e da impossibilidade de se fazer o trajeto sozinha, e sem nenhum meio de locomoção. Para isso, nessa etapa da pesquisa, contamos com a colaboração dos moradores, entidades locais, dos dois agrupamentos juvenis pesquisados, da ONG Oficina de Idéias e, principalmente, da Subprefeitura da Cidade Tiradentes.

O objeto da pesquisa situa-se entre o campo epistemológico da comunicação e das ciências sociais. Tratou-se aqui de levantar o caráter híbrido da comunicação enquanto fenômeno comunicacional em si, que se faz presente e interfere em vários setores da vida privada e social e em várias áreas do conhecimento: o conjunto das ciências humanas e das práticas políticas, sociais, culturais e econômicas. Para isso, foram elencados para a concretização da nossa pesquisa as seguintes questões:

A – Existe nas práticas comunicacionais dos agrupamentos juvenis, ações coletivas capazes de produzir mudanças qualitativas no sistema social.

B – Existe ocorrências de aproximação no discurso efetuado pela Aliança Negra Posse e o Núcleo Cultural Força Ativa, enquanto sujeitos comunicacionais, na mobilização e aplicação de propostas que ultrapasse as contradições do sistema social.

A partir das hipóteses levantadas passamos a sugerir algumas questões que servem como apoio para melhor reflexão do objetivo da pesquisa.

- 1) Como estruturam suas ações e como se organizam comunicacionalmente? Os suportes comunicacionais se dão pelo discurso interpessoal ou por mediações técnicas? Há mediações tecnológicas da comunicação tais como: panfletos, jornais, fanzine, rádio, vídeo, etc? Que suportes técnicos midiáticos estão inculcados dentro do discurso dos grupos?

- 2) Quais são as formulações de estratégias e como são feitos os encaminhamentos das reivindicações?
- 3) Qual o princípio comunicacional interno e externo que aglutina os participantes? O que une e distingue tais agrupamentos juvenis?
- 4) Quais as contribuições que esses agrupamentos trazem para o tecido social urbano?

O enfoque desse estudo recaiu sobre as bases exploratórias da pesquisa qualitativa - aquela cujas prescrições passam a adquirir feições mais imprecisas de modo a abraçar o universo complexo e ambíguo de tudo aquilo que não pode ser mensurado.

Nossa intenção investigativa seguiu uma tendência mundial, em que diante dos conflitos sociais gerados pelo mundo contemporâneo, vemos o surgimento de jovens em busca do livre agir e de produzir significados autônomos, tendo como característica essencial o questionamento das problemáticas urbanas que deriva das contradições geradas pelo desenvolvimento do capitalismo e das distorções decorrentes de aplicação desigual dos recursos públicos empregados.

CAPÍTULO I

MARCAS TERRITORIAIS E SUJEITOS URBANOS: ESTRATÉGIA DE REPRESENTAÇÃO DA POSSE

“...A espoliação urbana só pode ser entendida como produção histórica que, ao se alimentar de um sentimento coletivo de exclusão, produz uma percepção de que algo – um bem material ou cultural – está faltando e é socialmente necessário. Dessa forma, a noção contém a idéia de que o processo espoliativo resulta de uma somatória de extorsões, isto é, retirar ou deixar de fornecer a um grupo, categoria ou classe o que estes consideram como direitos seus...”

Escritos urbanos, Lúcio Kowarick

“La cultura giovanile può facilmente degenerare e divenire un nuovo modo per i capitalisti di rivendere alla gente un’immagine della vita che le è stata rubata. Tuttavia, sarebbe sicocco rifiutare questa cultura con il pretesto che non è ancora sfociata in un movimento politico organizzato”.

George Lipsitz

“...Não somos de direita nem de esquerda, somos a frente...”

Aliança Negra Posse

HIP HOP – CULTURA EM AÇÃO

Uma das características mais importantes do atual processo de globalização é a criação das chamadas cidades cosmopolitas, que independente de pertencerem a países economicamente desenvolvidos ou não, os problemas e as questões sociais adquirem características semelhantes. Nessas cidades se manifestam problemas como o narcotráfico,

a violência, as manifestações de discriminação social e étnica, o desemprego ou o trabalho na economia informal ou, ainda, pessoas vivendo a margem da linha da pobreza.

A existência humana dotada de sentido está sendo dissolvida e reduzida a relações de mercado, para as quais não é necessária nenhuma outra estrutura política, à exceção de uma política de mercado que reprima eficientemente qualquer manifestação de vida humana, menos aquela dos possuidores de mercadorias. Como consequência dessa normalidade social, no seu livro “Por uma outra globalização”, o geógrafo Milton Santos chega observar que:

“...para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes...” (2001, p.19)

Creio que a proliferação dessa população marginal pode ser melhor caracterizada como de participação-exclusão, sendo essa marginalidade uma forma específica também de participação. Na verdade, Milton Santos faz uma tentativa bem sucedida de identificar a emergência da faceta perversa da globalização, decorrente da dominação tirânica da

informação e do dinheiro, da exacerbação da competição, da contínua confusão de idéias e de paradigmas antes vistos como norteadores da ação, da violência estrutural e, finalmente, do que intitula de “desfalecimento” do Estado e sua capacidade de formulação de políticas.

Em particular, o que conduz o processo social é o mercado. É ele que, agora, regula as relações entre os povos, as nações e as culturas, que institui os modelos de comunicação e dinamiza as redes. Trata-se meramente de um conjunto de mudanças através do qual diminuem os constrangimentos geográficos (e seus vetores de tempo e de espaço) sobre os processos sociais, econômicos, políticos e culturais.

Para Jean Baudrillard (2003), com o processo atual de globalização assistimos à diluição do universal, ou seja, a indiferença com os direitos humanos, a democracia, a liberdade cuja correspondência não precede as leis do pensamento único, onde temos a profusão do mercado, da tecnologia, a promiscuidade de todos os signos, um espaço-tempo sem dimensão culminado na pornografia do capital mundial. Inaugura-se uma cultura (ou sua incultura) perfeitamente indiferente aos valores transcendentais do universal, através da supremacia da positividade mercadológica e eficiência técnica, com a intensificação do processo de mecanização de um mundo cada vez mais administrado cuja padronização, super-especialização, fragmentação do trabalho, acaba por penetrar em todas as esferas da vida social, reduzindo a todos em mercadorias diante do controle técnico expandido para além do campo científico e estendido diretamente a vida cotidiana.

Nessa perspectiva, a vida de cada indivíduo, incluindo seus impulsos mais ocultos do universo privado, tende cada vez mais a ser submetido ao planejamento que pressupõe seu ajustamento às exigências de preservação do sistema. Aqui, encontra-se em processamento o campo da objetividade do mundo cuja identidade do ser continuamente se perde frente às desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais lançadas em âmbito mundial,

desenvolvendo-se a interdependência, a integração, estimulando tensões e antagonismos.

Essa pauperização tende a dominar tanto da esfera pública quanto a esfera privada de cada indivíduo contemporâneo, muito através do mundo material dos objetos, agora essenciais não só para a satisfação das necessidades, mas também para o encontro de uma identidade¹. Nesse caso, assistimos a perda de um sentido de si estável que, por alguns teóricos chamam de duplo deslocamento, isto é, descentração do indivíduo tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo, dando margem ao surgimento de sempre novas identidades. O eu se transforma numa situação cabide (móvel), calculável de sobrevivência e sucesso social (Baumann, 2001; Hall, 2000).

A instabilidade da identidade no mundo contemporâneo requer que estejamos inevitavelmente envolvidos num projeto reflexivo, no envolvimento de uma auto-fiscalização, auto-exame, planejamento e ordenamento ininterruptos de todos os elementos de nossa vida a fim de combiná-los numa narrativa coerente chamada “eu”. A transformação da identidade precisa ser compreendida no contexto da mundialização da sociedade e da complexidade de possibilidades e de escolhas, dos fenômenos que se articulam na configuração das novas e mutantes identidades.

Uma questão fundamental é a de que o significado contemporâneo da identidade está orientado para a constatação de que ela não é estática. Trata-se em falar de uma pluralidade de sujeitos e de suas interações mutáveis e intercambiáveis.

O processo de identificação ocorre num mundo de complexidade de possibilidades e de escolhas que se efetivam, se redefinindo continuamente como resposta a uma dinâmica social que exige uma multiplicidade de linguagens e relações para a produção das

¹ Essa nova ordem sistêmica engloba uma pluralização de modos de vida na qual cada indivíduo tem de negociar identidades múltiplas e contraditórias à medida que percorre diferentes campos sociais, cada qual com seus diferentes papéis, normas, etc.

identidades. A cultura na sociedade contemporânea encontra dentro de si tessituras de paradoxos, o seu próprio oposto de negatividade, isto é, do conflito entre a cultura da vida, a cultura subjetiva, produtora de formas culturais ativas postas em prática aqui-e-agora pelos indivíduos criadores, e as formas culturais reificadas, congeladas, que constituem a cultura objetivada. A cultura objetivada está repleta de normas que se oferecem como modelos aos indivíduos, mas que são formas carentes de vida.

Em diversos países, o *hip-hop* tem servido de hino de libertação para as vítimas do racismo e da pobreza. Os subúrbios pobres de Paris vibram com o *rap* de MC Sollar, francês de origem senegalesa, e do grupo NTM (Nique ta Mère) que denuncia o fascismo na França. Os *rappers* britânicos de origem asiática, Fun Da Mental, consagram o direito de autodefesa aos ataques racistas, enquanto *hip-hoppers* alemães exigem respeito pela sua origem turca (Ogbar; Prashad, 2000).

Respondendo a esse estado inquietante, o *hip-hop* se apresenta como um conjunto cultural vasto que deriva de quatro elementos artísticos: MC, *master of ceremony*, mestre de cerimônia ou *rapper*, a pessoa que se utilizando das técnicas do *freestyling* ou o livre improvisado, e também do *beat-box* (sons reproduzidos pelas próprias cordas vocais dos *rappers*, cuja característica de percussão guarda semelhança de efeito com um toca-discos ao acompanhar o MC), leva a mensagem poética-lírica à multidão; o DJ, disc-jóquei, aquele que coloca a música para dançar; o *break*, para aqueles que se expressam por meio de movimentos da dança e o grafite, a arte visual do *hip-hop* (Martins, 2002).

A significação subjetiva dos termos lingüísticos *hip* (saltar) e *hop* (balançar o quadril) acabariam sendo ultrapassados² por aquela juventude dos primórdios do movimento nos

² Desse modo, observa Elaine Nunes de Andrade (1999), o *hip-hop* emergiria de experiências e práticas dos jovens em desvantagem econômica, participantes de uma cultura distinta da ordem dominante marcada por

Estados Unidos, preocupados não só com os problemas socialmente impostos, mas que buscariam soluções na tentativa de reestruturar as limitações cravadas pelo panorama social.

De acordo com Marshall Berman (1987), nessa época a cidade de Nova York foi o símbolo do processo dinâmico da industrialização, principalmente a partir de 1910, passando por um conjunto de mudanças urbanas – construções de pontes, viadutos, vias expressas, conjuntos habitacionais, estádios, etc. -, o que ocasionou na privatização dos espaços públicos da cidade. Uma característica deste processo foi as grandes reestruturações dos bairros e dos mercados de trabalho, afetando diretamente a vida da população e aumentando o abismo social e étnico. Estamos falando de uma sociedade americana voltada para a busca ideal do máximo de modernização, racionalização e planejamento, com privilégio dos aspectos técnico-rationais sobre os aspectos sociais e humanos, referenciado pelo dogma da ciência, na objetividade do conhecimento científico e na palavra do especialista, o intérprete autorizado do discurso da tecnologia, da produtividade e do progresso.

DJ ou disc-jóquei

No *hip-hop* o DJ não é simplesmente um disc-jóquei, mas um músico que controlando conscientemente a intensidade da festa, leva em consideração as batidas por minuto de cada música em nome dos desejos do público (Vianna, 1988). Aqui temos a consagração do

uma série de práticas integradas com o objetivo de disponibilizar espaços para a interação e comunicação de grupos marginalizados; ainda assim, a cultura *hip-hop* serviria de instrumental capaz de auxiliar na revisão do significado de ser jovem e negro na América, buscando o desejo de dignidade, do reconhecimento, dos direitos iguais, da autoafirmação e da liberdade de escolha.

dubbing ou a reconstrução do fundo musical sabiamente manipulados pelos DJs, na criação de uma nova trilha sonora.

As *disc-mobile* (sistema compacto de agrupamento de toca-discos portáteis) preparam-se para entrar na história do *rap* pela via do trabalho de manipulação e de recriação da linha rítmica dos discos pelos animadores das festas, que acrescentavam sobre a própria música um ou outro discurso espontâneo.

O *talk-over* (discutir, o ato de falar ou conversação) juntando-se ao *dubbing* desencadeia uma nova concepção contemporânea da oralidade, através de um processo inovador de fusão entre técnica de reapropriação e a desconstrução musical rompendo, com isso, todas as formas de construção da música tradicional - da composição, do arranjo, da melodia e da harmonia (Contador & Ferreira, 1997).

Numa nova configuração, o disco vinil, misturador ou *mixers*, que se unindo aos toca-discos ou *pick-ups* e samplers (os equipamentos digitais), permitia o recorte, as montagens, a sobreposição de músicas que passam a ter andamento, ritmo e tonalidades diferentes das originais, na descoberta dos sons que melhor se harmonizariam com as letras propostas, o que implicava em um grande conhecimento das raízes do *hip-hop*, *funk*, *soul*, *jazz* e da música negra de um modo geral.

Para a utilização dessa técnica temos:

- Os *samplers* ou colagens musicais dentro das músicas que reconfigurando o tempo para inserir a música do passado no presente, redescobrem figuras históricas como Malcom X e, com isso, fazem deles parte da cultura contemporânea.

- O *scratch* é uma técnica onde se é tocado os discos ao contrário, arranhando e provocando sons dos mais diversos.

Os *decks*, os *ghettoblasters* (destruidores de guetos) e os sistemas de som, todos eles apropriados a formas de improvisação e inovação cultural como o *sampling* ou o *scratching*, nada mais são do que formas de descentração e redistribuição de poder cultural não constituindo, na percepção de Dick Hebdige, nenhum perigo a banalização da obra de arte e de descaracterização da história; desse modo afirmará o autor: "...ninguém é dono de um ritmo ou de um som. Você apenas o pega, usa e devolve às pessoas numa forma ligeiramente diferente. Para usar a linguagem do *reggae* jamaicano e do *dub*, você simplesmente faz uma versão dela. A estética da versão oferece um equivalente popular-cultural do tão celebrado princípio da intertextualidade..." (Connor, 1993, p. 151); deste modo, o que leva a concluirmos ser versão um princípio não-oficial, democrático e não uma escritura sagrada onde todos podem brindar a chance de fazer e de contribuir. Vemos aqui aparecer pela primeira vez na história do mundo, a emancipação da obra de arte com relação à existência parasitária que lhe era imposta pelo seu papel ritualístico.

O DJ pode tanto atuar na discotecagem selecionando discos nos bailes, puxando refrões que animam o público como atuando no plano artístico, em *shows* e campeonatos onde o que conta é o talento na arte do *scratch*, da mixagem ou colagens. Com ao desenvolvimento de novas possibilidades abertas pela tecnologia na área musical, o trabalho do disc-jóquei foi se tornando cada vez mais complexo. Tanto os *samplers* e as *drum machines* ajudaram a abrir mais portas no domínio de novas batidas. Os *samplers* digitais concederam aos DJs extrair uma batida particular ou apanhar uma melodia de um som antigo dando ao andamento da música uma roupagem nova totalmente eletrônica. As *drum machines* concedem aos DJs acrescentar um novo ritmo e como resultado eles

passaram a ser vistos também como compositores e produtores do que só instrumentalistas (Ayazi-Hashjin, 1999).

Principais DJs

- **DJ Kool Herc**

Clive Campbell, conhecido como DJ Kool Herc, é o homem responsável pelo importante conceito de *deejaying*. Aos 27 anos, em 1967, mudou-se de Kingston (gueto onde nascera Bob Marley), Jamaica, para Nova York.

Kool Herc, é o DJ mais conhecido pelo domínio do seu poderoso aparato técnico onde trazia para a pista improvisada os dançarinos de *break*, e o que ele chamava de *Herculords*, ou seja, o minimalismo acidental das quebras dos *break beats* ou *b-beat*, que consistia no isolamento de um fragmento musical onde as vozes desapareciam e davam lugar a um solo da seção rítmica. Este solo é geralmente muito curto e a verdadeira inovação de Herc consistia no seu prolongamento através da manipulação de dois discos a rodar simultaneamente em dois pratos. Outra contribuição fundamental de Herc foi à separação entre o DJ e o MC ao remeter para outro *performer* (Coke La Rock) a tarefa de improvisar ao microfone com o objetivo de animar o público na pista de dança.

- **DJ Grandmaster Flash**

Ao *break-beat* juntou-se uma outra inovação, está criada por Grand Wizard Theodor e aperfeiçoado por Grandmaster Flash ou Joseph Saddler.

Flash criou o desenvolvimento de um verdadeiro novo estilo ampliando o vocabulário

básico dos DJs - *cutting* (mudança de uma música para outra sem perder a batida); *phasing* (manipulação da velocidade dos toca-discos) e *back-spinning* (voltar o disco manualmente para uma breve repetição de um trecho musical).

- **DJ Afrika Bambaataa**

O DJ Afrika Bambaataa ou Kevin Donovan, ex-membro da gangue de rua “The Black Spades”, de Nova York, é identificado pelo programa ideológico que serve de base à cultura *hip-hop*. Ao criar em 1974 a organização Zulu Nation, Bambaataa pretendia transformar as gangues violentas de jovens dos anos 70 em *crews* (grupos de dança), baseando-se em valores como a tolerância racial e a paz, na tentativa de acabar com as lutas entre gangues juvenis e transformar o duelo caracterizado antes pela violência em arte. A originalidade de Bambaataa se deve a de ter assimilado com êxito o legado de Kool Herc e de Flash aos novos arranjos ambientados num clima *soul* da disco.

A notória consagração do papel do DJ ou a “era do *sound-system*” surge com o domínio técnico de um conjunto sônico que inclui dois toca-discos, dois amplificadores e um microfone. Tendo o seu apogeu nas festas, as *block parties* eram organizadas pelos próprios DJs nas ruas dos bairros deteriorados de Nova York; a transposição dos códigos de manipulação da técnica apreendida, passava por um processo de americanização do estilo, fruto da mesclagem entre a herança da oralidade africana e a sua readequação ao contexto urbano da cidade (Contador & Ferreira 1997).

MC – mestres de cerimônia ou cronistas urbanos

O desenvolvimento do MC pode ser traçado por Kool Herc. Para melhorar seu som, Herc tinha investido em um *echo box* para seu microfone - assegurando que sua voz deveria “explodir” sobre suas seleções musicais. Assim, era através das festas que aconteciam nas ruas do Bronx, um dos bairros americanos degradados pelo processo de desindustrialização, que DJs tocando e remixando discos de *funk*, *soul*, *rock*, *reggae*, falavam entre um *beat* e outro. Os temas abordados incitavam o apelo à tomada de consciência ao tratar, de maneira geral, de temas do cotidiano pertencentes à desfavorecida comunidade negra e hispânica dos guetos.

O MC, mestre de cerimônia ou repórter do gueto, tem sido interpretado como aquele que utiliza a sua arte no sentido de resistência e critica a sociedade urbana contemporânea através da relaboração de práticas culturais ancestrais, de origens africanas, relacionadas à tradição oral e musical, como salienta José Carlos Gomes da Silva (1998), e que encontram localizadas na cultura negra norte-americana por intermédio dos *storytellers* (contadores de história), os *prayers* (pastores negros) e a poética da rua (o *preching*, o *toasting* e correlatos como *boastin’*, *signifying* e as *dozens*)³.

³ De acordo com Ayahi-Hashin (1999), o *griot* é o nome dado aos membros das comunidades localizadas ao norte do continente africano (Gana, Mali) que, por sua vez, conhecem e contam histórias via oralidade a partir de cantos ao toque do Kora (instrumento melódico). Eles transmitem as lições por meio da música, som, memória e sabedoria ancestral. Nos EUA, os artistas do *hip-hop* mantêm muitas dessas mesmas regras. O MC fala para seus ouvintes em estilo similar àqueles da tradição ancestral da África embora contem (cantem) a história dos tempos atuais numa linguagem próxima do cotidiano. Assim, *signifying* e *toasting* são os nomes dados para a mais moderna forma de *storytelling* que inclui ritmo, o relato de uma história, assim como, o de inventar insultos satíricos.)

As influências da África são atualmente encontradas em muitos tipos de música, por exemplo, dois tipos de sons africanos: o *holler* e o *call-and-response* que representam um papel muito importante no desenvolvimento de muitos tipos de música afro-americana, incluindo o *hip-hop*. Frequentemente o som *holler* (caracterizado pelo chamar, lamentar, resmungar, hesitar) é cantado por pessoas que trabalham além das fronteiras do seu território com a finalidade de comunicar-se com alguém. Os *call-and-response* (chamar

O *rap* possui o orgulho de se constituir uma música de gueto, música de periferia ou música de favela, adotando como temática suas raízes culturais e seu compromisso com as áreas que a população negra habita. Atualmente, muitos grupos de *rap* em São Paulo conseguiram adquirir seu selo próprio e, ajudam outros grupos a lançarem o próprio CD.

Em São Paulo, onde o cenário *rap* é o mais forte do país, existem dezenas de programas de TV (canal aberto e fechado) e rádios (comunitárias e oficiais) direcionadas ao estilo musical. Todavia, no que diz respeito a grande mídia, os *rappers* paulistanos sofrem o temor que essa cultura, feita por jovens negros e pobres, das periferias da cidade, acabe se transformando em mera mercadoria de consumo.

Breakdance ou dança de rua: arte e protesto

Caracterizada por movimentos em que os dançarinos tentam reproduzir o corpo debilitado dos soldados que voltavam da guerra do Vietnã, a dança *break*, em seus passos iniciais procurava reproduzir as hélices dos helicópteros utilizados na guerra na tentativa de mostrar através da dança o descontentamento da juventude americana da época (Andrade, 1996). Surgido em meados de 1970 no âmbito das reações à era disco ou discoteque, cuja principal característica estava centrada a linearidade do *beat*, o *break*, como proposta musical e de dança de rua, valorizava as quebras rítmicas propostas pelos DJs pioneiros. A dança *break* é caracterizada por piruetas atléticas, gestos robóticos, movimentos de tronco, saltos acrobáticos e movimentos bruscos recebendo os nomes: *flow work* (trabalho de chão), *freezes* (paradas) e *flow* (ritmo).

e responder) é um outro som africano que se assemelha ao ritmo da conversação. Uma pessoa fala e a outra responde. Isso pode ocorrer entre cantores, entre instrumentos ou entre um cantor e um instrumento.

Na roda de *break*, cujo espaço preferido são as ruas, o *breakdancer* desempenha sua melhor atuação em sintonia com a música tocada no espaço de tempo entre 10 a 15 segundos. Quanto mais irreverente e desafiante for o dançarino maior é a concorrência naturalmente estabelecida que surge desse tipo de estímulo entre dançarinos e *crews*.

Surgido em meados de 1970 no âmbito das reações à era disco ou discoteque, cuja principal característica estava centrada a linearidade do *beat*, a circularidade, o *break*, como proposta musical e de dança de rua, em oposição valorizava as quebras rítmicas propostas pelos DJs pioneiros, especialmente via experimentações de Afrika Bambaataa em torno da música eletrônica. Os dançarinos inventavam novos movimentos conhecidos como *freezes*: “*the baby*”, “*the turtle*”, “*the dead*”, “*the back bridge*”, “*the headache*”, “*the back spin*”, e “*the head spin*”, onde cada *b.boy* apresenta seu estilo próprio de dançar o *break*. Através de grandes sucessos de James Brown, no final dos anos 60 garotos do Bronx arriscavam movimentos dentro do *soul* como giros e saltos.

A conclusão é que o *break* é uma evolução dentro da dança; localiza-se numa série de movimentos que remontam a diferentes tradições de origem afro-americana, como o *charlestone*, a *cokewalk*, o *jitterbug* e movimentos da *flashdance* que foi muito popular no Harlem na década de 40, além dos movimentos semelhantes à capoeira e daqueles inspirados na arte marcial do *kung fu* que foram popularizados pelo cinema nos anos 70 (Ayazi-Hasjin, 1999).

Nos Estados Unidos, em 1983, os *b-boys* (termo oriundo do inglês que significa *breaker-boy*, e que pode ser traduzido por dançarino de *break*, sendo o seu equivalente feminino denominado por *b-girl*) ocuparam capas de revistas e jornais, além de estrelarem nos filmes *Flashdance*; *Beat Stree*; *Breakin’ e Breakin’ 2: Eletric Boogaloo*; *Boys ‘N the Hodd*; *BreakDance o Filme*; *Menace II Society*, entre outros.

Grafite: colorindo as ruas

Esse tipo de manifestação de rua surgiu espontaneamente no início dos anos 70 nas comunidades negras e hispânicas da cidade de Nova York. Inicialmente, num ato de transgressão e ousadia pichavam os trens do metrô com uma profusão de rabiscos ou *tags* indicando caligrafias de indivíduos ou gangues.

O nome Taki 183 é para a história do grafite o seu início. Demétrius, de origem grega, que se identificava como Taki 183, respectivamente o pseudônimo e o número da rua onde morava. Trabalhando como mensageiro, Demétrius costumava inscrever suas *tags* (assinaturas) em diferentes espaços da cidade, especialmente dentro e fora dos trens e nas próprias estações do metrô até que um jornalista da revista New York Times decide dar visibilidade fazendo-lhe uma entrevista e o transformando rapidamente em notoriedade nacional. *Taggar* o próprio nome nas paredes e em todos os lugares da cidade é a fase inicial à entrada no mundo do grafite.

Como uma atividade ilegal e um grande divertimento, esses jovens davam a si uma “*tag*”, um código que os protegia da descoberta e dava aos seus trabalhos um ar de mistério. Era um trabalho ocioso e perigoso para os jovens; pode-se dizer que com o passar dos tempos o estilo acabou se complexificando através da incorporação de letras especiais, temáticas relativas aos *cartoons*, assinaturas estilizadas, símbolos e imagens extraídas da televisão. *Taggar* o próprio nome nas paredes e em todos os lugares da cidade é a fase inicial à entrada no mundo do grafite (Ogg; Upshall, 1999).

Alguns grafiteiros, como Jean-Michel Basquiat, (hatiano radicado em Nova York que teve suas obras expostas em galerias como na Bienal de Artes em São Paulo chegando a

produzir até mesmo um disco de *rap*), juntamente com Keith Haring e Kenny Scharf partiram para a elaboração do grafite no sentido plástico distanciando-se das *tags*. Aos poucos o *hip-hop* soube aproveitar o grafite para colocar de forma colorida suas reivindicações, especialmente sobre a fria durabilidade da metrópole urbana em questões envolvendo a temática racial e o consumo pesado de drogas.

Para se destacarem da poluição de rabiscos, as letras foram ficando cada vez mais largas e coloridas. Foi com o grafiteiro Lonny Wood cujo pseudônimo era Phase 2 que se criaram os painéis coloridos com o objetivo de transmitir mensagens sempre positivas sendo, por isso, considerado o inventor do grafite pelos jovens do *hip-hop* no Brasil. Dos vagões, as disputas migraram para as paredes das ruas chegando à elaboração de verdadeiros painéis coloridos.

No grafite, assim como no *rap* e no *break*, a expressão feminina encontrou limites. Da participação feminina a mais importante ficava ao encargo da equatoriana Lady Pink e da afro-americana Lady Heart. Os principais grupos e nomes de grafiteiro são: Three Yard Boys (3YB), The Burnes (TB), The Spanish Five (TSF), Destroy All Trains (DST) e Mad Transit Artist (MTA), Taki 183, Super Kool 223, Lee 163d, Phase 2, Tracy 168, Papo 184, Stitch I e Barbara e Eva 62. Tais como o *break*, DJ e MC, o grafite tem seus astros como Crash, Daze, Dondi, Skeme, Kase 2, e Seen (George, 1998), sendo todos predominantemente masculinos. Identificados com essa arte juvenil, os *rappers* cada vez mais passaram a ilustrar suas capas de disco, folhetos de divulgação de festa, encartes de CD, video-clipes até as jaquetas pintadas por grafiteiros.

Aos poucos o grafite vai ultrapassando as fronteiras dos guetos reivindicando o espaço público como lugar de expressão das identidades políticas confinadas nos subúrbios de Nova York, deixando visíveis sua presença através dos muros e paredes pintados numa

espécie de invasão simbólica do gueto, rumo ao centro da cidade.

MADE IN BRASIL

Espaço vivido: o território diferencial das culturas urbanas

No Brasil a primeira manifestação que temos do *hip-hop* remonta a meados dos anos 80 com a dança *break*. Inspirado em coreografias mostradas pelo cinema ou pela televisão americana, multicoloridos, alegres, informais, os *breakedancers*, são os dançarinos que tendem a se agrupar, na cidade de São Paulo, em torno das equipes de dança: Funk & Cia, East Break, Irmãos Mouser e Irmãos Trocados. Mas, é por intermédio do grupo Funk & Cia (Nelson Triunfo, Def Paul, Don Billy, Lilá, Betão, Pierre, Star, Raul, Luisinho, Moacir e Bira), com suas enormes cabeleiras, com suas roupas coloridas, sapatos berrantes, óculos esdrúxulos, que o *break* nacional, antes chamado de “*funk quebrado*”, por causa dos movimentos robóticos, ganha novos adeptos influenciando uma grande parcela de jovens que os viam dançar em frente ao Teatro Municipal, região central de São Paulo, até o viaduto do Chá, passando pela Rua Direita, as ruas Dom José de Barros e 24 de Maio.

Nessa época os dançarinos costumavam usar um boné chamado “bombeta”, e luvas brancas à moda de Michael Jackson. Aos poucos começaram a surgir convites para *shows*, festas, clubes, propagandas de TV, academias de danças, etc. De 1985 a 1989 os dançarinos de rua começaram a freqüentar programas como o Barros de Alencar na TV Record, Silvio Santos e Gugu no SBT.

Nesse período temos também a gravação do vídeo-clip da música *Funk se Puder*, com o músico da MPB, Gilberto Gil, onde a equipe de dança Funk & Cia demonstrava sua habilidade exibindo passos de *break*; além disso, temos a participação da equipe na

abertura da novela Partida Alto, de segunda a sábado, no horário nobre das 20h, pela Rede Globo de Televisão, que ao lado do cantor jamaicano, Jimmy Cliff, dançava os passos de *break* misturados ao do samba.

Em meados dos anos 80 as gangues *break*⁴ vinham de diferentes lugares das regiões periféricas de São Paulo em direção ao centro; alguns *office-boys* que passavam pelo local aproveitavam para olhar a nova dança e se integrarem ao estilo que estava emergindo nas ruas da cidade. Em geral, os dançarinos eram integrados por grupos de jovens com mais de 14 anos, embora a presença mais forte ocorra a partir dos 17, quase todos iniciaram a vida profissional como *office-boys*, e apresentavam uma relação bastante descontínua com o ambiente escolar. Dentre aqueles que conseguiram terminar o ciclo básico, a maioria não concluiu o segundo grau. No centro urbano, esses lugares exprimem os modos de negociação identitária, o espaço de reconhecimento onde se combina uma série de significados, tidos não meramente como um local, mas uma espécie de pequena ilha dos comuns, “espaços de trânsito”, fornecendo para aqueles que daí fazem parte uma identidade e uma referência grupal centrado na idéia do “nós”.

Diferentemente de Nova York, onde as primeiras manifestações artísticas aconteceram nos bairros periféricos, as artes apareceram e se desenvolveram mais ou menos simultaneamente, ou seja, enquanto alguns desenhavam em muros ou paredes do metrô, outros procuravam locais para dançar e, outros, como os DJs e MCs, faziam festas nas ruas, primeiro no Bronx, depois no Harlem, Broklin; em São Paulo as primeiras manifestações dessa cultura de rua ocorreram no centro tradicional da cidade e, em princípio, com somente uma arte, o *break*. O centro era o lugar mais fácil de aglutinar

⁴ Cabe salientar que a palavra gangue é um termo pejorativo assimilado à violência e a criminalidade, mas dentro da cultura *hip-hop* gangue significa uma turma, um grupo ou uma equipe de dança.

várias pessoas vindas de bairros distantes e também porque ali ocorreria maior visibilidade.

No Brasil, a dança *break* começou a se estruturar em São Paulo no início dos anos 80. Na época foram lançadas duas edições da revista “Dance o Break” no qual ensinava aos principiantes a história da dança, indicando também alguns dos passos e seus termos nacionais agrupados em: *break* aéreo - incluindo os movimentos robotizados, saltos mortais, e *break* de chão - incluindo giro de cabeça (aquele em que o dançarino com a cabeça no chão e com os pés para cima vai girando todo corpo, como metáfora, que nos remete em simbolização aos helicópteros agindo durante a guerra do Vietnã), rabo de saia, giro de costa⁵.

Os jovens *breakers* por desconhecimento da língua inglesa não entendiam o significado das letras de *rap*, detinham apenas no ritmo do novo estilo musical batizando-o de tagarela, em alusão à fala rápida e incessante do cantor⁶. Uma das principais dificuldades da época era a obtenção de informação, porque tudo que esses meninos sabiam era retirado de revistas americanas especializadas onde cada um traduzia um trecho sem ao menos conhecer perfeitamente o idioma.

As quatro gangues de *break* que faziam a história do *hip-hop* no Brasil (Nação Zulu, Back Spin, ex- Dragon Breakers, a Street Warrior's e a Crazy Crew, que foi um desmembramento da Nação Zulu), eram compostas de 4 a 7 integrantes. Tanto a Nação Zulu como a Crazy Crew freqüentavam a São Bento somente quando havia as rachas - disputas entre as equipes de dança: Crazy Crew "versus" Street Warrior's, Nação Zulu "versus" Back Spin, Back Spin "versus" Crazy Crew; cada uma possuía o seu *point* próprio,

⁵ De acordo com José Carlos Gomes da Silva (1998), podemos fazer uma aproximação entre muitos dos movimentos da dança do *break* com os da capoeira e das artes marciais, como o *Kung Fu*.

⁶ Marco Aurélio Paz Tella (2000) adverte, *rap* não, *funk* falado. Esse era o termo usado quando Dee Light estourou no Brasil com Melo do Tagarela, no qual o cantor falava sem parar sobre uma base musical.

como é o caso da Crazy Crew localizado na Vila Carrão. Na Nação Zulu, a casa do integrante Marcelo Zulu era toda grafitada, adaptada para receber a gangue em Sapopemba. Já o *point* da Street Warrior's e da Back Spin, ficava na São Bento junto com outras gangues de *breakers* menores. Mais tarde a São Bento iria abrigar também a Crazy Crew e a Nação Zulu se transformando num *point* único para o *break* de São Paulo.

Aqui coincide com um momento em que vários integrantes das próprias gangues resolvem partir para cena musical, assim, da Back Spin sai o Thaíde, da Crazy Crew sai o MC Jack, da Nação Zulu sai o Código 13, da Street Warrior's o Andrezinho se tornaria mais tarde no DJ do grupo de *rap* romântico, Sampa Crew. Havia também o Geração Rap que era considerado como o grupo afiliado da Crazy Crew, sempre citando a gangue em suas apresentações.

Mas, foi através de video-clipes de Malcom MacLaren e de Lionel Richie, com a música *All Night Long*, apresentando passos de dança como *popping e locking* por mestres como Boogaloo Shrilin, Shaba-Doo e Popping Taco, e com ao estréia do filme *Beat Street* (1984), de Stan Lathan, produzido por Sidney Poitier, lançado no Brasil com o nome de “Na Onda do Break” e em vídeo como “A Loucura do Ritmo” -, que o *break* se tornará realmente “moda” entre os jovens de todas as partes de São Paulo. *Beat Street* mostra o início do *hip-hop* em Nova York com a participação novamente nos cinemas da famosa equipe de *break* Rock Steady Crew, além de Afrika Bambaataa na trilha sonora (Martins, 2002). Assim, “nessa onda”, é que surgiram muitas equipes em vários locais da cidade.

Em 1988 sai a primeira coletânea, *Hip-Hop Cultura de Rua* (Eldorado, 1988), pelas quatro equipes de *break* da São Bento, com Thaíde pela Back Spin, o Ninja da Street Warrior's, o MC Jack da Crazy Crew, o Credo e Código 13, ambos da Nação Zulu.

As divergências ocorridas entre os participantes do local levaram alguns grupos

ligados ao *hip-hop*, principalmente grupos de *rap*, a procurar um novo espaço para o desenvolvimento artístico desses jovens. Para lá também convergiram *breakers*, grafiteiros, mas foi em torno da música *rap* que o espaço se definiu. O local escolhido foi a Praça Roosevelt, também região central. Neste espaço se formaram grupos importantes para a década de 1990, como MT Bronx, Doctors MC's, MNR e DMN.

“...na Roosevelt não era igual a São Bento, onde as pessoas se reuniam para dançar o *break*, não tinha rádio, às pessoas batiam na latinha. Ali na Roosevelt tinha gravador e os grupos se apresentavam...” (Cláudio José Assunção, Aliança Negra Posse. Entrevista realizada em 18/09/03).

JR Blawn, do grupo Stylo Selvagem⁷, representou esse novo momento do *hip-hop*, principalmente para os novos grupos de *rap*; seu objetivo era dar um perfil contestador, de protesto para a cultura *hip-hop*. O tema étnico começou a surgir nas letras de alguns grupos como no caso do DMN que começou a citar Malcom X e Martin Luther King em suas músicas.

⁷ De acordo com José Carlos Gomes da Silva (1998), o JR Blaw, do grupo Stylo Selvagem é visto como uma das principais lideranças do *hip-hop* no período. Falecendo em razão de um atropelamento, mais tarde o *rapper* MT Bronx faria uma homenagem a JR Blaw em seu disco Nova Era, 1992.

Nesse período, chamado pelos integrantes da Aliança Negra Posse, de Era de Ouro, temos uma forte valorização da cultura negra, da auto-estima, a influência do dos *rappers* americanos (Public Enemy, KRS-1. Kim Latifath), sobre os *rappers* paulistanos.

No início do ano de 1989, mais precisamente no dia 25 de janeiro, aniversário de São Paulo, foi criado o Movimento *Hip Hop* Organizado, o MH2O. A festa de lançamento ocorreu num *show* em homenagem a cidade de São Paulo, no Parque Ibirapuera, no qual vários grupos de *rap* se apresentariam. Idealizado por Milton Sales, o objetivo do MH2O era difundir as artes do *hip-hop* para os bairros periféricos de São Paulo, além da sua atuação enquanto força política, com a participação de negros e os brancos, moradores das zonas geográficas mais pobres e abandonadas da cidade.

A partir de sua criação, foram realizados inúmeros *shows* nas ruas e em praças públicas, desencadeando, nesse momento, o aparecimento de diversos grupos de *rap* e de grupos de jovens com trabalhos comunitários que se espalharam pela grande São Paulo.

Olhar periférico

A partir dos anos 60/70 um novo movimento teve grande implicações na formação da periferia. O contingente migratório que se fixou nos arredores da cidade intensificou o processo de ocupação do espaço através dos loteamentos privados e clandestinos em áreas ainda mais distantes do centro, sem infra-estrutura básica fornecida pelo poder público (Caldeira, 1984). O material financiado em pequenas parcelas pelas casas de materiais de construção possibilitava os mutirões através da solidariedade dos parentes e amigos.

Foi como parte do processo migratório que grandes contingentes da mão-de-obra negra, reclusa nas regiões economicamente menos dinâmicas do país, passaram a residir na

periferia paulistana. Em geral, os jovens que hoje integram o movimento *hip-hop* são descendentes dessas gerações (famílias de migrantes brancos, pretos e pardos) que se fixaram na periferia a partir dos anos 70, momento em que a cidade se constituía no grande pólo de atração de mão-de-obra. São destes espaços afastados da Zona Sul, Norte, Leste e Oeste que surgem os componentes das posses de São Paulo.

A reestruturação econômica colocada em prática, a partir dos anos 90, promoveu rupturas ainda mais profundas da perspectiva econômica. A introdução de novas tecnologias transformou o perfil da cidade historicamente industrial para o de uma cidade de características pós-industriais. O mercado de bens de consumo foi ampliado, os meios de comunicação se sofisticaram, mas paralelamente acentuou-se a crise do emprego no segmento juvenil. Como nos adverte Lucio Kowarick:

“...O decênio dos 90 apresenta-se: desemprego de 16% na RMSP (região metropolitana de S.P), queda do rendimento médio real de 35% entre 1989 e 1997, enquanto, no mesmo período, aumenta 20% o número de empregados com jornada de trabalho acima da legal e a taxa de ocupação declina 25% (...) mais de dois terços dos novos habitantes desse período avolumaram-se nas favelas: 39% anteriormente habitavam moradias de aluguel e 9% tiveram de deixar sua casa própria ...”
(2000, p.45-46).

A condição de subcidadania é registrada pelo autor em boa parte das periferias da Região Metropolitana de São Paulo, condicionadas a conviver diariamente com as degradações: falta de água, em média, oito horas por dia; presença de água contaminada; moradias não conectadas à rede de esgoto; predominância das piores situações encontradas desde o uso do solo e configuração espacial - casas autoconstruídas que não dispõem de uma planta autorizada pela prefeitura, o que as transformam em construções clandestinas sujeitas a multas, cujas instalações sanitárias são divididas com outros moradores no fundo de um terreno; altas taxas de mortalidade infantil, dentre outros.

Segundo Lúcio Kowarick (1983; 2000), falar em periferia implica falar no plural, pois além de indicar a distância geográfica, aponta para aquilo que é precário, carente, desprivilegiado em termos de serviços públicos e infra-estrutura básica: ruas irregulares e esburacadas, ausência de serviços como iluminação pública e asfalto, graves problemas de saneamento, transporte, serviços médicos e escolares.

Para Teresa Pires do Rio Caldeira (2000) a segregação é tanto social quanto espacial, e as regras que organizam o espaço urbano passam pela questão da diferencial social e de separação. No município de São Paulo grande parte da população da periferia é excluída do acesso ao emprego, serviços sociais, equipamentos públicos e, portanto, de cidadania. Também nestas regiões periféricas que encontramos os 70% da parcela social de desempregados da capital, sendo que nem se quer completaram o ensino fundamental ou médio.

Além disso, humilhações, agressões, extorsões, espancamentos e torturas, furtos ou roubos são ocorridos frequentemente por policiais e bandidos, que atingem, particularmente, as populações pobres que moram nas periferias da Metrópole, que por

medo de represálias acabam por silenciar-se. No plano institucional, a existência de um aparato policial repressivo estruturado no regime militar tem sido freqüentemente mencionado.

Apesar de os cidadãos terem recuperado a condição de elegerem seus representantes na vida pública, a igualdade jurídica e o respeito aos direitos humanos continuam inexistentes para as camadas mais pobres da população. Para dizê-lo de maneira curta e grossa: a triste verdade é que grande parte das mortes de jovens, na periferia, permanece sem solução.

Sublinhar a cultura da pobreza como fator atrelado à natureza, neste caso, termina por desviar a atenção das próprias relações de poder e por alimentar as políticas públicas que perpetuam a desigualdade e a incivilidade social ancorada no imaginário que fixa a pobreza como marca da inferioridade, a mercê da filantropia pública, de um sistema social em crise⁸.

Nesse sentido, olhar o Brasil na sua especificidade é também procurar interpretá-lo pelo eixo dos seus modelos de ação, paradigmas e que nos permite tomar consciência de certas cristalizações sociais mais profundas que a própria sociedade faz questão em ocultar. Reduzir os contrastes sociais é um dos maiores desafios colocados ao mundo contemporâneo. No caso brasileiro, trata-se, sobretudo de superar a herança de um modelo econômico que historicamente concentra a renda e gera exclusão social.

Projeção das posses na metrópole

⁸ Ver: PAOLI, Maria Célia; TELLES, Vera da Silva. Direitos sociais conflitos e negociações no Brasil contemporâneo. In: DAGNINO, Evelina et al. (Org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**, 2000, p. 103-148.

Durante os anos 90, a cultura *hip-hop* paulistana ganhou maior visibilidade não apenas em termos fonográficos, mas a partir da sua reordenação no plano dos bairros periféricos através das “posses”⁹, na tentativa de ampliar o diálogo da juventude com as transformações urbanas que se apresentavam na localidade.

“...Aliança Negra é a segunda posse na Cidade de São Paulo, a primeira era o Sindicato Negro na Rossevelt, e a primeira posse de periferia que deixou o centro pra se instalar no bairro onde as pessoas moravam. Porque ali é onde a gente passava a maior parte do nosso tempo e não era só uma vez por semana. A gente tava lá no bairro todo o dia, então porque não passar mais umas horas no nosso bairro (...) Quando a Aliança Negra surge estávamos sofrendo violência policial de mais no bairro, e a gente viu que se a gente andasse junto, estar sempre um perto do outro, conversando sobre as coisas, tinha como se defender melhor. A primeira coisa de caráter social que a gente pensou era se proteger, nós mesmos, da violência policial no bairro” (Elton Ferraz, Aliança Negra Posse. Entrevista realizada em 20/07/2003).

⁹ Franco Ferrarotti (1996) no seu livro, *Rock, rap e l'immortalità dell'anima*, toma a palavra “posse” (que na língua rasta do *ragga* significa simplesmente um grupo de amigos) como formas variadas e originais da cultura do conflito; lugar de autonomia anárquica de agregação de jovens, uma via possível no mundo totalmente administrado da sociedade tecnicista, ou seja, uma contra-corrente que reclama uma sociedade diversa, um mundo alternativo, não mercantil, menos utilitário e mais humano.

Depois da Aliança Negra Posse, na Cidade Tiradentes, zona leste da cidade, surgiram: Conceitos de Rua, zona sul, Vale das Virtudes/Jardim Helga; pela zona norte, temos a Força Ativa; Ipiranga temos a Posse Mente Zulu; no ABC paulista, em São Bernardo do Campo, encontramos a Haussa.

Sob esta perspectiva, o espaço desenvolvido pelas posses apresenta-se como processo de propostas, de discussões e de negociações, ou seja, agir em consenso objetivando a possibilidade futura de um novo início, do estar em casa num mundo habitável onde podemos fazer parte, participar.

O filósofo Jürgen Habermas (1989) chamará de “comunicativas”, as formas nas quais as pessoas envolvidas se põem de acordo para coordenar seus planos de ação, o acordo alcançado em cada caso medindo-se pelo reconhecimento intersubjetivo das pretensões de validade. No agir comunicativo de Habermas os participantes tentam ter clareza sobre um interesse comum; ao negociar um compromisso, eles tentam chegar a um equilíbrio entre interesses particulares e antagônicos. A teoria da ação comunicativa reforçada por Jürgen Habermas enfatiza o lugar do homem como ator racional pela comunicação, lugar estratégico para uma ação que possibilitaria a busca da racionalidade na vida social.

Portanto, a importância de uma comunidade imaginada “posse” segue daí: ela evidencia um “nós” necessário para a constituição de cada ser humano individual, processo que dá testemunho ao fato de que vidas individuais não se formam apenas de dentro das estruturas burocráticas institucionais, mas principalmente de fora, ou seja, das arenas interacionais, das arenas públicas de diálogo cujo indivíduo conversando com os outros atualiza sua crítica ao mundo, cria outra lógica fora da normalidade social.

“Posse” é um grupo de pessoas que sedimentam a própria união em torno de uma

necessidade ou uma paixão comum, seja de reforçar as próprias raízes, seja de pesquisar um meio para compartilhar fragmentos de existência. Uma rede doméstica que se torna cada dia mais forte, na organização de defesas e estratégias (Pierfrancesco, 2000). Funcionando como a reunião da “*identità segregata*” – termo tomado do sociólogo Alberto Melucci (1996a) para se referir a qualidade discriminadora da referência identitária, que transforma a luta pelo direito à diferença - a identificação desses jovens entorno de grupos de formação coletiva, marca uma organização autônoma, orientada para o desenvolvimento dos elementos artísticos da cultura jovem “*hip-hop*”, e intervenção política no plano mais imediato da experiência juvenil¹⁰.

“...Todo membro do *hip-hop* quer a auto-estima de olhar enquanto cidadão. O jovem negro tem que ser um guerreiro e lutar para que sua condição de vida melhore. Posse é um sentimento de que você pode ter alguma coisa, identificação com a coisa que é sua. É você tomar posse daquilo. Esse é o sentido figurado da coisa. Jovens ligados ao *hip-hop* que reúnem para ensaiar ou para lutar por melhores condições no bairro. A importância é: a união faz a força. Toda vez que você chama uma pessoa pra lutar do seu lado, aí você acaba formando um

¹⁰ Numa entrevista realizada em 20 de agosto de 2003, em São Paulo, o então presidente da ONG Aliança Negra Posse, Cláudio José Assunção, chega a apontar a existência de posses voltadas unicamente para o aperfeiçoamento artístico e outras voltadas a questão puramente política, o que acaba por comprometer as relações internas entre os elementos artísticos da cultura *hip-hop*. De qualquer forma, finaliza Cláudio, é na busca do equilíbrio entre esses dois fatores, que a maioria das posses de São Paulo encontram-se sedimentadas.

exército. Essa é a importância da posse...” (Elton Ferraz, Aliança Negra Posse. Entrevista realizada em 20/07/2003).

Nesse caso, uma questão a ser discutida é repensar o uso da palavra a partir das práticas culturais. A comunicação é uma questão de culturas, de sujeitos, de atores, e não só de aparatos e estruturas; é uma questão de produção, e não só de reprodução¹¹. É nesse horizonte que salientamos três pontos essencialmente importantes para entender a comunicação e a cultura: a sociabilidade, a ritualidade e tecnicidade. Entender a cultura como o espaço das práticas sociais é entender essas práticas como o espaço em que as relações sociais adquirem concretude.

No curso desse tipo de articulação, as principais posses paulistanas estruturam-se no início dos anos 90 nos bairros periféricos. Integradas por *rappers*, *breakers*, grafiteiros e djs passaram a promover através da arte e do lazer, intervenções culturais e políticas no espaço público. Em São Paulo existem hoje aproximadamente 15 posses, todas situadas nas periferias da cidade.

As posses envolvem três componentes básicos: 1) o componente de caráter artístico com aperfeiçoamento das produções artísticas; 2) caráter comunitário que visa um trabalho de cunho assistencial na resolução de problemas básicos que carecem na comunidade; 3) o caráter político num processo interativo com entidades negras, visando através da participação em encontros e seminários, obter dados informativos sobre a problemática negra e sobre outros assuntos que desconhecem, seja sobre a questão política atual seja sobre a história do negro no Brasil ou sobre o povo africano.

¹¹ Ver: BARBERO, Jesús Martín. Comunicação plural: alteridade e sociabilidade. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 9, ano III, p. 39-48, maio/agosto, 1997.

Estruturadas nos bairros periféricos, as posses unificam experiências entre jovens pobres (pretos, pardos ou brancos). Sabemos que mesmo no contexto da periferia o negro vive uma situação diferenciada em função da discriminação racial. Mas, como jovens da periferia, a maioria encontra-se exposta a situações próximas de exclusão social e violência; por isso, a temática racial tem incorporado problemas que afetam a vida na periferia como um todo.

A questão da identidade é o elo que une as associações tidas como posse, um movimento que na sua prática social consegue simultaneamente trabalhar a auto-estima de seus protagonistas através da conscientização e também, por meio dela, exercitar a cidadania – a participação nas relações sociais, apropriando-se de bens, usufruindo direitos e compartilhando de decisões. A participação do cidadão no ambiente social é o que define a cidadania. E, acrescento: a questão da cidadania deve estar atrelada a participação do ator social e a pluralidade de seus interesses, na ampliação das oportunidades de uma vida feliz e a maximização da liberdade individual.

A despeito disso, temos que essas agremiações juvenis no urbano elaboram claramente uma definição de esfera pública como sendo um espaço de livre acesso onde cidadãos apresentam discursivamente e argumentativamente, na sua capacidade de ação múltipla compartilhada, que se dá pela troca de palavras e na capacidade de julgar de forma aberta com base numa política não só esclarecida, mas que busca incessantemente o esclarecimento. Participar nessa esfera pública envolve adentrar num campo da vida social protegido por formas não-comunicativas e não racionais como o poder, o dinheiro, as hierarquias sócias.

Num mundo notoriamente dinâmico e mutável, a luta pelos direitos individuais em nome da igualdade e estabilidade, uma política de reconhecimento na promessa de justiça

social, age como um catalisador que estimula a produção dos “não estamos sós”, de comunidades que passam a conferir segurança para aqueles que delas fazem parte.

A vivência grupal e a prática social dos jovens na posse apontam para um crescente e significativo ato educativo, no qual a participação comunitária e a formulação de questões vão garantindo a consciência política de cada componente (Andrade, 1996). A articulação dos agentes propicia uma consciência crítica e política a partir da formulação de demandas e estratégias de trabalho que, por sua vez, possibilitam perceber o que já foi feito e os erros cometidos, visando fazer algo melhor.

Numa sociedade cujos princípios são traçados pela estética do mercado, a exclusão social é por si só uma violência provocada pela estrutura social, que reflete no cotidiano por intermédio da privação das classes subalternas no acesso aos bens material, simbólico e sociopolítico. Em nenhum caso, o vínculo estabelecido incorpora todos os membros que a compõem no jogo, ao contrário, deseja manter a audiência ocupada e feliz, e, mais que tudo obediente. Esta violência é expressa nas formas de articulação das posses, como um fator fundamental a ser trabalhado dentro da comunidade – círculo de união e socialização dos atores sociais.

Neste campo assim definido, a emergência das posses urbanas se inscreveriam no eixo do desejo de liberdade e de autodeterminação para a expressão das individualidades se colocando em oposição às formas que viabilizam a reprodução das condições necessárias à continuidade do sistema capitalista.

As posses geralmente nascem da inquietação e insatisfação social dos jovens com o desemprego, o aumento da miséria, o não acesso aos bens de consumo e as faltas de perspectivas com relação à educação e a ascensão social. Nesse caso, o tipo de entendimento que nasce no conjunto é o ponto de partida de toda união na formação de uma

comunidade que precede a quaisquer acordos ou desacordos¹².

A crise social contribui para articulação dos jovens, pois como alega Marialice Foracchi (1982), a juventude de alguma forma reflete a crise que emerge da sociedade. Em função das transformações recentes no mundo contemporâneo, a juventude como categoria social específica permaneceu no centro das investigações sociológicas. Aspectos relacionados à internacionalização da cultura, transformações tecnológicas, segregação urbana, que afetam diretamente a experiência juvenil, sugerem novos temas e problemas para a pesquisa.

Os jovens sentem necessidade de afirmar a sua originalidade, singularidade, autonomia. Vivendo relativamente à margem das instituições dominadas pelas gerações mais velhas, os jovens formam uma geração que se caracteriza pelo desenvolvimento de valores e gostos culturais próprios que escapam aos processos tradicionais de socialização. Os jovens procuram escapar as determinações e obrigações institucionais através de envolvimento sociabilísticos – com o suporte da música, das práticas desportivas e artísticas (Abramo, 1994). Daí que o cotidiano dos jovens transborde para além das fronteiras impostas pelos poderes institucionais. Os signos mais característicos das culturas juvenis funcionam, muitas vezes, como forma de resistência às culturas dominantes e hegemônicas e são obliquamente expressos em estilos. Então, os estilos juvenis podem também ser interpretados como uma reação dos jovens resultante da situação de marginalidade ou subalternidade em que vivem¹³.

Através das poses esses jovens procuram reverter os discursos em prática, transmitir

¹² Ver: BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**, 2003, 141p.

¹³ Ver: SANTOS, Rosana Aparecida Martins Santos. **O estilo que ninguém segura: mano é mano! Boy é boy! Boy é mano? Mano é mano? Reflexão crítica sobre os processos de sociabilidade entre o público juvenil na cidade de São Paulo na identificação com a musicalidade do Rap Nacional**. 2002, 274p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo.

na palavra e na ação sua situação de vida e seu descontentamento com o social.

Note-se que o projeto de autonomia nas posses é o fim e guia, reivindica a prática democrática no compartilhamento e cuidado mútuo de indivíduos livres, na manifestação de seus direitos iguais, e na busca de um seguro coletivo do qual esperam proteção frente a nossa desregulamentada e volátil sociedade de mercado, cujas únicas partes sólidas ainda restantes, tendem a desaparecer frente aos nossos olhos.

Dentro do *hip-hop* diversos jovens da periferia paulistana desenvolvem a criatividade e a possibilidade de contestar as relações sociais, buscando meios de auxiliar outros jovens também marginalizados e não integrantes do movimento a refletirem sobre sua condição de vida.

Nas posses a participação dos jovens não é cobrada e eles não são questionados, o que anula qualquer tentativa de obrigatoriedade que possa impedir a criatividade e espontaneidade de seus integrantes.

“...Cada um pega uma parte da responsabilidade e cumpre não é delegado. Na posse todos procuram o que fazer. As decisões não são votadas, são discutidas e as melhores idéias elas prevalecem. Não é feito por um colegiado, feito pelo presidente. É uma coisa mais aberta...” (Elton Ferraz, Aliança Negra Posse. Entrevista realizada em 24/09/2003).

Nas reuniões realizadas nas posses desenvolvem-se idéias sobre a melhor forma de

intervenção nas relações sociais. Esses ideais são formados por um conjunto de interesses individuais que se tornam coletivos a medida em que esses jovens percebem que a opinião de um colega da reunião é semelhante à sua própria concepção. Aprender a falar, opinar e formular questões, são os atributos encontrados na dinâmica ou prática social da posse.

A unicidade de pensamento, o ideário da ação, ser sujeitos da sua própria história, sentar juntos para trocar experiências, são alguns dos aspectos importantes a ser realizado entre os componentes das posses paulistanas. Na posse, toda a prática social é democrática. A reunião é geralmente a oficialização das decisões, mas é também nos pontos de lazer que eles criam e aplicam as idéias.

O grau mais alto de participação é a autogestão, na qual o grupo determina seus objetivos, escolhe seus meios e estabelece os controles pertinentes, sem referência a uma autoridade externa. Na autogestão desaparece a diferença entre administradores e administrados, visto que nela ocorre a autoadministração, com estruturas não burocráticas e até informais, e com formas coletivas de tomada de decisões, praticadas com um certo distanciamento social relativamente pequeno, entre liderança e demais participantes (Melucci, 1996a). Como se verá, muito destes grupos estão diretamente envolvidos em atividades culturais, lançando mão da música, teatro, dança, poesia e outras manifestações culturais para divulgar seus objetivos.

“... a gente usa a música, a dança como carro chefe de atrativo, mas por trás vem oferecendo algo a mais e é esse algo a mais que faz a diferença, alimenta tanto a mente quanto o espírito do cara que vem até aqui, com palestras e debates sobre vários

temas que afeta a comunidade da Cidade Tiradentes” (Elton Ferraz, Aliança Negra Posse, entrevista realizada em São Paulo dia 18/05/2003).

À luz disto, o simples fato da participação implica forte apelo na criação e experimentação de formas diferentes de relações sociais cotidianas no exercício de espaços de relações mais solidárias, de consciência menos dirigida pelo mercado, de manifestações culturais menos alienadas em reação às várias deficiências da esfera social que se manifestam na periferia do sistema.

De acordo com Guru, fundador da Aliança Negra Posse¹⁴, cada vez mais se coloca como um desafio para as posses de São Paulo à resolução das limitações internas, ou seja, o de se montar um mecanismo para o desenvolvimento das potencialidades dos componentes, das habilidades no desenvolvimento de projetos e estratégias de trabalho.

Os meios de divulgação das posses continuam sendo o fanzine, uma espécie de gibi informativo; telefone; panfletagens; o boca-a-boca; rádios (oficiais e comunitárias); aparições em programas de tvs (abertas e fechadas); eventos; palestras e oficinas em centros de cultura, faculdades e colégios (particulares e públicos), sendo a maioria realizada nas redes públicas de ensino; *shows*; internet (e-mail); documentários; jornal impresso e revistas especializadas no gênero *hip-hop*.

Vale salientar a importância da “Semana do *Hip-Hop*” como um dos ótimos exemplos de eventos gratuitos onde as posses procuram firmar um ambiente democrático para o debate crítico, a exposição de diferentes visões sobre o *hip-hop* e intercâmbio na procura de objetivos que venham a ser comuns no desenvolvimento de projetos sociais.

¹⁴ Informação obtida na palestra “Raízes e resistência: o papel das posses”, realizada na Semana de Hip-Hop, de 28 de julho a 01 de agosto 2003, na Ação Educativa.

Aqui são realizadas várias oficinas de *rap*, *break*, dj e grafite, mostra de vídeos, exposição fotográfica, *shows* de *rap*, centro de internet, com a colaboração de pessoas ligadas ou não as posses, além da participação de algumas entidades voltadas a questão do negro como o Núcleo de Consciência Negra da USP e entidades voltadas ao *hip-hop*, como a participação da Zulu Nation Brasil¹⁵.

Festas e *shows* são promovidos em apoio às campanhas que visam a arrecadação de alimentos, agasalhos, prevenção a AIDS, combate à violência e às drogas.

“...O projeto Jovem no Farol, consistia em fornecer nos semáforos da Cidade Tiradentes vale camisinhas onde a pessoa poderia obter três camisinhas em qualquer posto, já que os postos de saúde são muitos escassos no bairro e aqueles que têm só fornecessem caminhas grátis de três a seis meses, isso levou a posse Aliança Negra a tomar esta decisão. Um bairro que possui um auto-índice de gravidez precoce, e jovens com AIDS...”
(Cláudio José Assunção, Aliança Negra Posse. Entrevista realizada em 18/09/03).

¹⁵ Na última edição de 2003, a posse Núcleo Cultural Força Ativa através de um manifesto lido em público entre os presentes da 3ª. edição, justificou a sua não participação enquanto organizador da Semana de Cultura *Hip Hop*, destacando o papel da atual organização e em se rever o evento não como algo puramente festivo de celebração ou um evento pontual da Ação Educativa, mas como um ambiente onde os coletivos jovens possam debater, se organizar e se apropriar do Centro da Juventude como um espaço fomentador de assuntos significativos para os jovens, cuja proposta está na busca do fortalecimento da cultura *hip-hop*.

A ação pedagógica das posses fortalece a identidade do grupo na superação do mundo de exclusão, mais ainda, do mundo da violência simbólica. Na busca de preservar e expandir direito no trabalho, de reivindicações na apresentação de propostas de mudanças sociais para as instituições públicas, para os órgãos não-governamentais ou mesmo para os meios de comunicação, eles estão intervindo nas relações sociais, participando das decisões.

Diversas parcerias são firmadas entre as posses e organizações não-governamentais (ONGs), associações de bairros, escolas de samba.

“...órgãos estaduais é só pra facilitar alguma coisa, por exemplo, o equipamento de som que a gente pede tem que pedir com 90 dias de antecedência. E quando aparece é em cima da hora e a gente tem que arrumar um ou dois dias antes do evento...”
(Uiliam Kawatoko, Aliança Negra Posse. Entrevista realizada em 29/11/03).

Devido à burocracia formada muita das posses chegaram a tomar inúmeros prejuízos por não se encontrarem ainda institucionalizadas. A não institucionalização de uma posse como, por exemplo, em ONG ou algo que lhe traga algum respaldo jurídico, acaba por dificultar na viabilização de projetos trazendo para os seus componentes a estampa daquele que não se deve levar a sério. A importância da autonomia das posses se traduz, segundo

Guru, um dos fundadores da Aliança Negra Posse, como “uma forma de você conseguir angariar alguma coisa”¹⁶, na negociação direta com os financiadores.

Cabe ressaltar que a maioria das posses de São Paulo, sobrevivem através de doações dos próprios membros, sendo que grande parcela dos componentes das posses possuem um outro emprego, geralmente, fixo. A maioria das sedes são casas de integrantes das posses, poucos são os espaços que são cedidos pelo governo.

“...A Aliança Negra Posse entrou com um processo na COHAB pra eles cederem o espaço e demorou quase cinco anos, quando mudou o governo eles cederam um espaço que estava totalmente inabitável, não dava pra gente usar aquele espaço ali no momento. E a gente tá reformando aos poucos com o dinheiro vindo de doações dos membros (...) Recursos dessas parcerias são materiais como mesas, cadeiras, papelaria, material pra oficinas; financiamento em dinheiro mesmo não tem...” (Elton Ferraz, Aliança Negra Posse. Entrevista realizada em 24/09/03).

A ideologia desempenha um papel relevante na vida das posses: ela é um mecanismo essencial primeiro, na afirmação do objetivo, propósito e premissas do movimento; segundo, um conjunto de críticas a estrutura vigente, que o movimento está buscando mudar; terceiro, viabilizar a construção de um discurso mobilizador; quarto, a capacidade

¹⁶ Informação obtida na palestra Raízes e Resistência: o papel das posses, na Semana de Hip-Hop, de 28 de julho a 01 de agosto de 2003, realizada na Ação Educativa.

de construir identidades políticas (novos atores) e uma autonomia frente ao sistema político representativo, garantindo a expressão dos verdadeiros interesses populares.

“...os valores cultivados na posses são: honestidade, a compreensão, da pessoa saber entender o próximo. Ciente de que você está lutando com mais pessoas, pra que a situação melhore. Sendo a pessoa que pode ser exemplo pra muitos jovens, atrás de você ou próximo a você tem gente te olhando e esperando você dar o primeiro passo pra caminhar junto...” (Elton Ferraz, Aliança Negra Posse. Entrevista realizada em 20/07/3003).

A ideologia das posses fornece um conjunto de valores, convicções, críticas, argumentos e defesas dando ao movimento sua direção, justificção, armas de ataque, armas de defesa, inspiração e esperança.

No conjunto dos depoimentos realizados por Teresa Caldeira (1984) em seu livro “A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos processos”, são freqüentes as situações em que os entrevistados falam de si mesmos apenas como pobres, e sem fornecer maiores especificações funciona quase como um símbolo, na medida em que sintetiza uma série de imagens, concepções a respeito de si, de seus iguais e daqueles que são socialmente opostos.

As redes de vizinhança, parentesco e amizade que prevalecem nas periferias agem no sentido de estar o tempo todo fornecendo para os integrantes das posses uma identidade e

uma referência grupal, uma idéia do “nós”. Destacamos aqui a fala de um dos componentes da Aliança Negra Posse.

“...Quem faz parte da posse é da periferia, classe C e D que o pessoal costuma falar, são pessoas pobres. A maioria não tem superior, mas tem vontade de fazer, tá correndo atrás. Terminei o ginásio male-male em escola pública, mas tem vontade de mudanças. São pessoas que a tendência a crescer é grande...”

(Elton Ferraz, Aliança Negra. Entrevista realizada em 20/07/03).

Os jovens que participam de associações tipo posse são sujeitos que passam a definir-se, a reconhecer-se a cada efeito resultante das decisões e atividades realizadas. Esse sujeito coletivo elabora sua identidade a partir das práticas através das quais pretendem defender interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nessas lutas. O modo como o fazem (tipos de ações para alcançar seus objetivos), tanto quanto a importância relativa atribuída aos diferentes bens, materiais e simbólicos que reivindicam, depende de uma constelação de significados que orientam suas ações. O discurso que revela a ação revela também o seu sujeito.

A essência destes agrupamentos juvenis está, na capacidade de gerar embriões de uma nova individualidade social – nova tanto em conteúdo quanto em autoconsciência. O membro da posse expressa uma insistente preocupação na elaboração das identidades

coletivas, como forma do exercício de suas autonomias e de projetos de mudança social a partir das próprias experiências.

Os novos movimentos sociais: posses em ação

O novo sujeito que surge das posses de *hip-hop* é um coletivo difuso, não-hierarquizado, em luta contra as discriminações de acesso aos bens materiais e culturais e, ao mesmo tempo, crítico de seus efeitos nocivos, a partir da fundamentação de suas ações em valores tradicionais, solidários, comunitários. Sob este ângulo, os atores sociais das posses serão analisados de acordo com a teoria dos novos movimentos sociais, prioritariamente sob dois aspectos: por suas ações coletivas e pela identidade coletiva criada no processo capazes de se autodefinir, a si mesmos e a seu relacionamento com o meio ambiente (Offe, 1985).

De fato, os novos movimentos sociais são novos porque não têm uma clara base classista, como nos velhos movimentos operários ou camponeses; e porque não têm um interesse especial de apelo para nenhum daqueles grupos. São de interesses difusos com pluralidades de orientações. Os movimentos contemporâneos são fenômenos que contêm no seu interior uma multiplicidade de elementos, de significados, de níveis diversos da sociedade. Os agentes presentes no processo permitem colocar em jogo as potencialidades multidimensionais (polimorfos) de cada um, num conjunto (Laclau, 1986). A identidade coletiva não é um dado ou uma essência, mas a concretude de trocas, negociações, decisões, conflitos entre atores, na apropriação de espaços públicos, isto é, exprimindo os modos de negociação identitária coletiva, espaços políticos societários gerado por aqueles

que daí fazem parte de uma identidade ou uma referência de vínculos centrado na idéia do “nós”, enquanto formas de pertencimento onde se combinam uma série de significados.

A identidade de pertencimento se reforça como estratégia simbólica de busca de inclusão frente a contextos de fragmentação derivados de processos de desigualdade cada vez mais intensos. Através do pertencimento pode derivar o ato de participar, ou seja, pertencer como processo mais amplo no mundo simbólico.

A comunidade de entendimento comum é compartilhada por uma intensa interação com trocas mútuas internas. Todavia, o vínculo construído pelas escolhas jamais deve prejudicar seus participantes. Seus laços são tecidos pelo compartilhamento fraterno, reafirmando o direito de todos a um seguro comunitário contra as incertezas transitórias da modernidade líquida. A comunidade de identidade, como observada na posse é a garantia da proteção, da certeza, segurança, do abrigo de uma coletividade que busca a sensação de resistência e poder.

A ação coletiva é um sistema de ação multipolar que combina orientações diversas, envolvendo atores múltiplos e implica um sistema de oportunidades e de vínculos que dá forma às suas relações. Os atores que se agrupam nas posses colocam em comum e ajustam laboriosamente três ordens de orientações: aquelas relativas aos fins da ação (isto é, do sentido que a ação tem para o ator); aquelas relativas aos meios (isto é, às possibilidades e aos limites da ação); e, por fim, aquelas relativas às relações com o ambiente (isto é, ao campo no qual a ação se realiza). Desse modo, o sistema multipolar da ação do integrante das posses se organiza em torno de três eixos (fins, meios, ambiente), que devem ser considerados como um conjunto de vetores interdependentes e em tensão entre si (Melucci, 1985).

E nessa dinâmica, a construção das identidades associativistas das posses deverá ser pensada a partir de uma epistemologia dialógica, isto é, como fruto das experiências individuais e processos de trocas e interações intersubjetivas. O próprio ser humano não existe isolado, sua experiência de vida se tece, entrecruza-se e interpenetra com o outro. Em linguagem arendtiana pensar em relação dialógica é remeter a um outro princípio a não autonomia do discurso a incapacidade de liberdade e capacidade de julgamento, sintonizado no pensamento da autora com a idéia de totalitarismo, ou seja, a produção de sujeitos supérfluos, o eu sem interlocutor que não acolhe a pluralidade de experiências. Portanto,

“...a ação e política, entre todas as capacidades e potencialidades da vida humana, são as únicas coisas que não poderíamos sequer conceber sem ao menos admitir a existência da liberdade, e é difícil tocar em problema político particular sem, implícita ou explicitamente, tocar em um problema de liberdade humana (...) a *raison d'être* da política é a liberdade, e seu domínio de experiência é a ação...” (Arendt, 1979, p. 191-192).

No pensamento de Hannah Arendt, a política aparece reumanizando o mundo através da palavra, do discurso, da ação que surge com o senso partilhado, com a capacidade de distinguir o mundo com clareza.

As categorias de percepção do mundo social não são somente produtos da incorporação das estruturas objetivas do espaço social, dos papéis sociais que todos

cumprimos categorizações produzidas. Para Michel Pêcheux (1990; 1997), filósofo que valorizou muito o funcionamento da linguagem na formulação do pensamento, o discurso aparece como uma abordagem do funcionamento da língua, como o lugar teórico de articulação da cultura, da constituição do imaginário social e da materialização dos sentidos em movimento. Esta postura implica a incorporação da história e da memória cultural nos procedimentos de análise. Os discursos são partes indissociáveis do contexto cultural - sócio-histórico-política. E, é através do encontro com o outro que se constrói a identidade específica, individual ou coletiva. Porém, do ponto de vista da construção de uma sociedade democrática, os processos de subjetivação coletiva realizam-se a partir das interações e participações na esfera pública.

Nessa visão macro do social o acionismo do sociólogo francês Alain Touraine, também se orienta por conceitos como historicidade, sistema de ação histórica, sistema institucional e organização social. Os novos movimentos sociais são entendidos pelo autor, como condutas coletivas que possuem um princípio de identidade (o conflito constitui e organiza o ator), de oposição (o conflito faz surgir o adversário e forma a consciência dos atores) e de totalidade, isto é, a construção de um contra-projeto societal (Touraine, 1982). A mudança social que o movimento social e o conflito dele decorrente provocam, advém da concepção do campo histórico, do sistema político-institucional e da organização social.

No acionismo de Touraine¹⁷, que tem se destacado como um dos estudiosos contemporâneos dos movimentos sociais, o núcleo de análise do social não está nem o poder nem nas classes, mas nos movimentos sociais, na ação pelo controle social da historicidade e dos mecanismos de autoprodução.

¹⁷ O acionismo tourainiano foi uma primeira tentativa real de fundar uma sociologia não individualista da ação. Ver: TOURAINE, Alain. **Sociologie de l'action**, 1995, 509p.

A sociedade, sob a ótica do autor é tomada como um campo de confronto de interesses que objetivam o controle das forças de uma sociedade. Por esse prisma, a abordagem de Touraine estrutura-se a partir do que se convencionou denominar paradigma acionalista que retoma um dos pressupostos básicos do funcionalismo: toda ação é uma resposta a um estímulo social. Em seus primeiros estudos, ele elaborou uma teoria das condutas e comportamentos sociais a partir da análise dos movimentos sociais; posteriormente, passou a estudar nesses movimentos os sistemas e mudanças sociais (Gohn, 2000).

Observa-se, portanto, que o mérito da abordagem de Touraine reside na importância conferida aos sujeitos na história – ou atores, como ele os chama – como agentes dinâmicos, produtores de reivindicações e demandas, e não como simples representantes de papéis atribuídos de antemão pelo lugar que ocuparia no sistema de produção (Touraine, 1994). Alain Touraine fala dos movimentos enquanto agentes históricos que expressam, em cada instante, as formas históricas de opressão, de miséria, de desigualdade, mas expressam também o devir, através de sua crítica, de suas constatações em busca de novas alternativas rumo a uma nova historicidade.

Portanto, como frutos de uma vontade coletiva, os movimentos sociais de Alain Touraine (se assemelham a agentes de liberdade, de igualdade e de justiça social), enquanto forma de ação coletiva organizada é capaz de se autoproduz diante de um mundo de preconceitos e privilégios. Esses movimentos são parte do sistema de forças sociais dessa sociedade, disputando a direção de seu campo cultural. Eles devem ser vistos dentro de uma teoria mais geral, a teoria dos conflitos (Cohen, 1985).

Alega-se, ainda, que é um erro ver os movimentos como os agentes de mudança histórica ou forças de transformação do presente e construção do futuro. Eles não são, em si

mesmos, agentes negativos ou positivos da história, do processo de modernização ou da libertação da humanidade. Eles são fruto de uma relação de produção e organização social, uma relação dupla – de identidade e de oposição – e, não se dirigem fundamentalmente contra o Estado, pois não são lutas por meras conquistas de poder. Um movimento social é ao mesmo tempo um conflito social e um projeto cultural. De acordo com Touraine (1999), o estudo desses movimentos é fundamental para entender o processo de mudança no mundo.

Em meio a tudo isso, Manuel Castells (Gohn, 2000), compartilha da mesma opinião na medida em que vê os movimentos sociais não como agentes de transformação social, mas possuindo limites políticos e técnicos na capacidade de transformação urbana. Entretanto, prossegue Castells, os movimentos são fundamentais para uma gestão democrática da cidade, porque são os verdadeiros diagnosticadores das necessidades coletivas.

Ao contrário de Alain Touraine, cujas análises são voltadas aos sistemas macrosociais, o sociólogo italiano Alberto Melucci (1985) enfatiza suas análises voltadas ao questionamento das relações desenvolvidas no plano micro, na ação coletiva de indivíduos, tendo um enfoque mais psicossocial. A ação coletiva é vista como a união de vários tipos de conflitos baseados no comportamento dos atores num sistema social. Aqui, os movimentos são sistemas de ações, redes complexas entre os diferentes níveis e significados da ação social. O autor chega a afirmar que a identidade coletiva é o processo de construção de um sistema de ação, sendo este processo interativo e compartilhado produzido por muitos indivíduos ou grupos.

Pode-se dizer que, a identidade coletiva nunca é inteiramente negociável, porque a participação e a ação coletivas são dotadas de significados que não podem ser reduzidos a

cálculos de custo e benefício, pois sempre mobilizam emoções e sentimentos. A identidade coletiva é também um processo de aprendizagem. Há uma auto-reflexão sobre o significado das ações que é incorporada à práxis do grupo. A sociabilidade constitui um tema fundamental de estudo para ação social. Aliás, a participação não mais consiste na recepção passiva dos benefícios da sociedade, mas o fazer parte, tomar parte, ter parte ativa torna-se fator decisivo na tomada de decisões e nas atividades sociais em todos os níveis.

Os novos movimentos sociais caminham para além das agremiações de pertencimento aclamadas por Michel Maffesoli (1987; 1997; 1999) de “tribais”, simbolizadas no estar junto com os comuns, da imersão coletiva no existir, no compartilhar coletivo de gostos, sensações, emoções, desejos, já que representam, simultaneamente, fenômenos discursivos e políticos localizados na fronteira entre as referências da vida pessoal e a política.

Na verdade, acreditamos que para compreender a vida cotidiana se faz necessário uma análise das ambivalências geradas no social. Desse modo, os estudos de Maffesoli por mais preocupados que estejam com o campo do microssocial, das relações sociais imediatas, ao contrário de Alberto Melucci, não levam em conta o campo dos conflitos, das tensões, dos grandes temas e movimentos que perpassam a sociedade: a dimensão da história, do poder, do Estado, da tradição.

O autor Alberto Melucci (1996a, 1996b), explora as condições de existência de uma nova dimensão social na pós-modernidade, analisando as condições de existência, os tipos de análise que ela requer, as formas que assume, a organização que daí resulta, as instaurações de novas instituições. A socialização surge na sua obra enquanto energia em ato social, porém, precisa se materializar em ações recíprocas que envolvam fenômenos subjetivos e psicossociais – fidelidade, lealdade, reconhecimento do outro.

Na proposta que se segue, consideramos que essas agremiações de jovens no tecido urbano, no caso as posses de *hip-hop*, nada mais são do que o micro se relacionando com a macroestrutura (dada a importância dos estudos de Alberto Melucci e Alain Touraine), refletindo e dialetizando na constituição um de um potencial crítico e inventivo dos agentes envolvidos no requestionamento dos conflitos gerados no social, a partir do instante em que gestam espaços públicos democráticos capazes de repensar os sistemas modernos de direito, cultura, a história, enfim, enquanto base para uma cultura política que não somente é esclarecida, mas que busca o constante esclarecimento. Nas palavras de Alberto Melucci (1994),

“a influência dos movimentos sociais vai muito além dos efeitos políticos produzidos por eles. Existe um nível no qual a ação direta dos movimentos sociais afeta diretamente os sistemas políticos, obrigando-os a produzir algum tipo de reação que pode ser mais ou menos democrática conforme a natureza do sistema político envolvido. Neste sentido, a influência direta dos movimentos sociais sobre os sistemas políticos pode ser de três tipos: uma ampliação dos limites da política; uma mudança nas regras e procedimentos políticos; e uma transformação nas formas de participação no interior dos sistemas políticos..” (p. 156).

Certamente, essa ação política circunscrita por Alberto Melucci ultrapassa o campo do diálogo, assumindo para o autor um caráter administrativo da estrutura do Estado, já

que, neste contexto, os novos movimentos são apresentados enquanto a combinação de um princípio de identidade, um princípio de oposição e um princípio de totalidade. Isto é, uma forma de ação coletiva (a) baseada na solidariedade, (b) desenvolvendo um conflito, (c) rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação. Estas dimensões permitem aos novos movimentos sociais que sejam separados dos outros fenômenos coletivos (delinqüência, reivindicações organizadas, comportamento agregado de massa) que são com muita freqüência, empiricamente associados com movimentos e protesto.

De uma forma sintética podemos sistematizar as posses como sendo o lugar do enfrentamento voltado ao interesse coletivo que não podem ser resolvidos através por caminhos de verdades singulares, radicadas em interesses privados. Neste modelo a esfera pública envolve e constrói mecanismos que devem dar conta da diversidade que nela se expressa. Daí a importância do “nós”, enquanto sujeito da ação coletiva e produtora de poder, entendido aqui como um recurso gerado pela habilidade dos membros de uma comunidade de estabelecerem uma discussão e eventualmente concordarem sobre qual o caminho a seguir.

Nesta perspectiva, a identificação é referência, sendo o ponto original relativamente ao qual se define a diferença, cujo entendimento não podem ser compreendido fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentidos.

O paradoxo da identidade, afirma Silva (2000) é que a diferença, para ser afirmada, supõe igualdade e reciprocidade. A identidade coletiva das posses se refere a uma rede de relações ativas entre os atores que interagem, concebidas como um processo de construção de um sistema de ação, significa o reconhecimento de que esta se define por interações e partilhas, produzidas através de um número de indivíduos ou grupos, dizendo respeito às

orientações de suas ações e ao campo de oportunidades e constrangimentos no qual tais atividades acontecem.

O agir coletivo produz orientações simbólicas e sentidos que os atores são capazes de reconhecer. O ator coletivo das posses, enquanto categoria do juízo crítico, torna-se, assim, numa instância de decisão de legitimidade, um autêntico sujeito de enunciação, na medida em que se arroga no direito e até no dever de informar e ser informado, para isso, situando a sua legitimidade sob o modo de oposição à estrutura vigente. Por sua vez, os processos comunicacionais são dotados de valores que põem em jogo as preferências, as opções, os desejos, os amores e os ódios, os projetos, as estratégias dos intervenientes na compreensão e na interação (Rodrigues, 1990).

A idéia de solidariedade assume o cimento que une esses novos movimentos sociais e a outras associações para além das fronteiras locais e nacionais, criando-se redes e parcerias para a constituição de um amplo movimento planetário pela cidadania, pela igualdade com respeito às diversidades culturais e de luta contra os processos crescentes de exclusão social inerentes à globalização.

Estas formas de agremiações são compreendidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída. Nessa perspectiva, a liberdade e a igualdade surgem como temas fundamentais na explicitação da cidadania social e da democracia.

Certamente, o “coletivismo” gerado nas posses torna-se uma opção estratégica na retomada do controle pelo indivíduo de suas próprias ações, exigindo o direito de se definirem a si mesmos em oposição ao que é imposto pelos sistemas de regulação.

CAPÍTULO II

Grupo: Original HIP HOP

(Aliança Negra Posse)

Letra: Cidade Tiradentes também tem seu lado bom

Fique esperto, o terror está só começando

Violência gera atos desumanos

Um tiro, dois tiros, três tiros disparados por
um revolver

Mais se não pegou você, é um homem de
sorte

Um grito e em seguida um corpo caído

Eles dizem, insistem que essa é a cidade do
perigo

Roubos, estupros e assassinatos

Tanta agressão e eu nunca fui roubado
marginalidade, dentro de uma cohab

Porém há bairros mais perigosos em outros
cantos da cidade

Correm perigo, adultos, crianças e jovens

Quem aqui reside encara enfrenta todo dia a
morte

Refrão { não, não é assim não

{Cidade Tiradentes também tem seu
lado bom

E ladrão, não existe só aqui
Mas em todas as cidades, bairros, ruas do
país
Devido às injustiças cometidas pelo governo
Pobreza, miséria e desemprego
E nenhum ser humano agüenta tanta fome
se não roubar o seu destino será a morte
nós não somos advogados de bandido
original HIP HOP defensor dos negros
oprimidos
se insistir em dizer que aqui é um péssimo
lugar
me diz onde não tem ladrão que eu vou pra
lá

Refrão { não, não é assim não

{Cidade Tiradentes também tem seu
lado bom

Ando pelas ruas durante a madrugada

e eu tenho medo daqueles que estão de
farda,
emblema e mão armada
não são morcegos, mais gostam de ver
sangue
o massacre na casa de detenção, não foi o
bastante
é o exemplo de que há bandido na polícia
e não somente nos bairros de periferia
mas se você critica pare pra pensar e reflita
cuidado, cuidado, cuidado para não ser
baleado
pois eu sei que a maioria está despreparada
polícia aqui na Tiradentes, meu Deus como
demora
quando não se precisa passa toda hora
humilhando, parando pessoas que chegam
ao serviço cansadas
e nós aqui na Tiradentes que somos
criticados

Refrão { não, não é assim não

{Cidade Tiradentes também tem seu
lado bom

E ladrão não existe só aqui
Se político rouba como dizem por aí
São essas coisas que eu preciso esclarecer
pra você
São sobre os porcos, políticos que reinam no
poder
Tornando a nossa vida muito mais difícil
Ladrões, bandidos disfarçados de políticos
E a diferença entre nós e eles é o terno
E a gravata
Mais que nada não passam de canalhas
Por trás destas roupas se esconde uma farda
Como a idéia da pena de morte
Que é sugerida quando morre artistas
brasileiros
Mas quando morre menores pobres
Fica por isso mesmo
E eu garanto que com a violência eles
Não vão resolver
Os verdadeiros criminosos estão no poder

Refrão { não, não é assim não

{Cidade Tiradentes também tem seu
lado bom

A música, a nossa forma inteligente
De mostrar a verdade que é escondida
Entre quatro paredes
E defender esse povo sofrido
Humilhado, discriminado
Por morar nesse lugar escondido
Mais apesar disso, aqui ninguém abaixa a
cabeça
Todos lutando pela própria sobrevivência
e ao invés de criticados, devíamos ser
respeitados
somos guerreiros, trabalhamos e acordamos
cedo
levamos uma vida injusta, muito dura
mas tudo bem, pois Deus ajuda quem
cedo madruga
nos da força para reagir
contra aqueles que insistem em dizer
que somos vagabundos, moramos no fim do
mundo
mais quero que eles saibam que sentimos
orgulho
pela concentração de negros que existe aqui
e é isso que nos faz feliz

CIDADE TIRADENTES

INTEGRAÇÃO SOCIAL OU CONFINAMENTO?¹⁸

“Temos vinte anos de democracia que não ajudaram a reduzir as desigualdades. Isso porque o índice de mobilização e agressividade ainda é baixo. O grau de tolerância à injustiça ainda é alto”.

José Murilo de Carvalho - Cientista Político

“O que caracteriza os novos movimentos sociais não é somente uma resistência contra esse processo geral de serialização da subjetividade, mas também a tentativa de produzir modos de subjetividade originais e singulares, processos de singularização subjetiva”.

Félix Guattari

De acordo com dados do IBGE, em 2000, a população do distrito da Cidade Tiradentes (uma fazenda da época da escravidão) estimava 190.657, sendo esperado para 2002, aproximadamente 220.486 habitantes. De 1991 a 2000, Cidade Tiradentes, região-leste, foi o segundo distrito com maior crescimento populacional em São Paulo, 7,89 % ao ano, com 94 mil novos moradores. Segundo projeção do Censo-IBGE, em 2003, ano do

¹⁸ Dados contidos neste capítulo referente ao distrito Cidade Tiradentes, zona leste de São Paulo, correspondem ao ano de 2003, início da pesquisa.

começo da pesquisa, são estimadas 220 mil pessoas vivendo no distrito.

Com área de 15Km², e tendo 35 quilômetros de distância do município de São Paulo, geograficamente Cidade Tiradentes se situa no limite com dois municípios da região metropolitana da Grande São Paulo, a leste com Ferraz de Vasconcelos e ao sul com o município de Mauá.

No extremo leste do município, fazendo fronteira com o município de Ferraz de Vasconcelos, Cidade Tiradentes não é um local de passagem para nenhuma outra região, é apenas ponto de chegada. Apenas dois são os caminhos de acesso ao distrito: ao norte, vindo por Guaianases, ou à oeste, pela Avenida Ragheb Chofi – antiga Estrada do Iguatemi. Esta última liga São Mateus a Guaianases, núcleos urbanos mais antigos e consolidados, e contorna o morro do Carmo, uma ocorrência geográfica que restringe as possibilidades de acesso a Cidade Tiradentes. Da Estrada do Iguatemi, que tangencia o distrito, saem dois acessos principais ao interior do bairro: a Avenida Inácio Monteiro, ao norte, e a Rua Márcio Beck Machado mais ao sul, que dá acesso ao terminal de ônibus e à Avenida dos Metalúrgicos.

Localizada na antiga área da fazenda Santa Etelvina, Cidade Tiradentes é uma obra comerciável e de responsabilidade da COHAB/SP (Companhia Metropolitana de Habitação, órgão ligado à secretaria de Habitação do Município de São Paulo), ou seja, é o maior complexo habitacional realizado no Brasil, onde se destaca além da sua extensão geográfica, a existência de elevações com a presença de morros e encostas¹⁹. Executado em

¹⁹ Implantada em área rural e desprovida de sinais urbanos anteriores, Cidade Tiradentes foi construída através da destruição extensiva de vegetação significativa ou das fazendas anteriormente existentes, substituindo-as por paisagem desértica. A presença das sobras de mata atlântica remanescentes é indicada pela população como a característica urbana mais importante de Cidade Tiradentes.

grande parte na década de 1980, chega a ser inaugurada sendo entregue para comercialização em 24 de julho de 1984.

No seu interior, os setores pertencentes à Cidade Tiradentes são identificados por uma letra do alfabeto, A, B, C, D, E, F, G, 2B, 2G, VIIG – as áreas mais antigas e tradicionais vão do A até o E.

Como principal via de acesso aos setores temos a Avenida dos Metalúrgicos, em seguida a Avenida dos Têxteis, principal via de acesso aos setores A e F. O setor A encontra-se localizado atrás da Avenida dos Metalúrgicos, e é cortado pela Avenida dos Têxteis que faz via de acesso ao setor F, e também aos setores B e VIIG.

O setor B está numa região intermediária (devido sua posição em plano elevado se encontra no meio do morro), ou seja, atrás do setor A e ao fundo pelo setor F. Do setor B podemos avistar os setores D e E (o setor E tem ao fundo uma ligação com o setor C, e sua via de acesso é a Avenida dos Bancários). Já para quem deseja adentrar no setor C (que se destaca pela sua extensão), pode percorrer a Avenida dos Gráficos; já para quem deseja fazer o trajeto pelo setor D, a principal via é Avenida dos Ferroviários. E para adentrar no setor E, temos a Avenida dos Bancários (Nascimento, 1998).

Ocorre na Cidade Tiradentes que muitos das pessoas que habitam nas imediações da Avenida Inácio Monteiro não se reconhecem como moradores da Cidade Tiradentes, mas sim de Guaianazes. A mesma questão ocorre com a população do Dom Angélico e Vila Yolanda, nos limites a nordeste do distrito, que se referem também a Guaianases ou ao município vizinho, Ferraz de Vasconcelos, como pontos de referência pública. Até mesmo, com a recente criação da Subprefeitura local, que anteriormente pertencia a Administração

Regional de Guaianazes²⁰. Na verdade, diversos moradores do conjunto habitacional Cidade Tiradentes não se sentem identificados, e muitas vezes se sentem despossuídos de quaisquer identificação com a região ou alguma outra forma de auto-representação.

Quase sempre que se fala de periferia “dos pobres” – aqueles espaços gerados por ações perifерizadoras e que tradicionalmente fazem opor ao centro, dotado de toda gama de amenidades no campo das infra-estruturas, oportunidades de trabalho, geralmente em terrenos insalubres, com forte declividade ou mesmo inundáveis -, parece estar atrelado a identificação do espaço urbano a uma certa forma estereotipada de comportamento coletivo de seus moradores (Maricato, 1996).

Desse modo, preferindo dissimular o nome do local de onde habita, os moradores sentem-se humilhados ao serem igualados ao local cujo descrédito é de conhecimento público. De acordo com a fala de alguns moradores, esse não pertencimento gerado é ocasionado em grande parte ao papel destinado a região pela grande mídia, que freqüentemente associa a pobreza com a criminalidade.

Para muitos de seus moradores, mais do que viver na cidade dos conjuntos é, também, assumir o estigma que lhe é imposto como uma cicatriz, isto é, aquilo que marca e denota claramente o processo de qualificação e desqualificação do indivíduo na lógica da exclusão social.

“ ...tem muita gente fazendo arte, trabalhando com música, com teatro, movimentos de ONG tem muita gente fazendo trabalho, para que esse trabalho possa tá mostrando uma

²⁰ Devido à grande demanda do distrito de Guaianases, que outrora incorporava sob sua jurisdição o distrito da Cidade Tiradentes, a regional se desmembrou incorporando apenas dois distritos: Lajeado e Guaianases.

outra cara que a mídia não mostra” (César Augusto, 46, superior completo, morador desde 1991 do conjunto Sítio Conceição, trabalha no departamento de Cultura/Coordenadoria de Ação Social da Sub-Prefeitura da Cidade Tiradentes. Entrevista realizada em 09/10/2003);

“...acredito no potencial da região, acredito que nós juntos vamos encontrar um caminho, as pessoas começarem a se juntar, amando a Cidade Tiradentes, não ter vergonha também, qualquer lugar que você vai né, onde se mora, moro no Santa Etelvina, e onde é, ah é ali em Guaianazes, Não falam que é na Cidade Tiradentes, tem vergonha disso” (Roberto Sena, 45, morador desde de 1992 do conjunto Santa Etelvina Setor G, próximo a Avenida dos Têxteis, professor da rede pública, trabalha na sub-prefeitura como assessor do coordenador de educação da Cidade Tiradentes. Entrevista realizada em 20/09/2003);

“...violência eles colam muito para o negativo na mídia, não vou falar que não acontece, mas eles pegam só por um ponto e ficam nesse ponto. Não aperta outra tecla, não mostra as oficinas educativas que estão acontecendo na região (...) No futuro isso aqui vai ser bem visado, bem falado, não adianta só a gente daqui de dentro visar, mas a gente quer o

reconhecimento de fora....” (André Calixto, 20, segundo grau incompleto, trabalha com o projeto Educação nas Ondas do Rádio, oficinas de rádio na EMEF José Augusto Salgado, ex-membro da ONG Aliança Negra Posse, cantor de rap e radialista, morador do Setor 81, Têxteis. Entrevista realizada 20/09/2003);

“... muitas pessoas não conseguem arrumar emprego quando falam que moram na Cidade Tiradentes, eles não pegam, também aqui não tem firma para trabalhar. As pessoas de fora é que tem medo da Tiradentes, acha que só tem bandido. Quem pode sair, sai da Tiradentes...” (Márcia Sandra Rocatoli, 38, agente escolar da EMEF. Senador Luis Carlos Prestes, Inácio Monteiro, moradora a dezoito anos do conjunto Castro Alves, Cidade Tiradentes. Entrevista realizada, 20/09/2003).

Basta andarmos pelas ruas dos conjuntos habitacionais que veremos claros sinais de uma miséria social e moral (uma miséria que disciplina o espírito e a alma despojando os indivíduos de qualquer tipo de valoração humana e auto-estima). O espaço sem prazer estético simboliza a desvalorização atribuída aos seus moradores, que são desrespeitados por uma sociedade, e abandonados pelo poder público. O espaço da habitação não pode ser restrito apenas ao plano da casa, mas deve ser mais amplo, envolvendo vários níveis e planos espaciais da apropriação onde se realiza a vida cotidiana.

Estigmatizada como Cidade de Exilados, a desqualificação social contribui paulatinamente para a não-identificação dos moradores da região, que se reverte também na total falta de conexão que a cidade dos conjuntos possui internamente, entre seus vários setores que pouco se comunicam, devido a falta de acessibilidade interna, o que acaba por comprometer sensivelmente a mobilidade dentro do distrito.

Várias áreas são ligadas por uma única rede viária que distribui os acessos. O transporte público precário (em muitos dos casos há apenas uma linha de ônibus servindo regiões muito populosas) não faz a integração entre a Avenida Inácio Monteiro e o terminal Cidade Tiradentes (parte da antiga sede da propriedade escravocrata que foi recentemente destruída para a construção de um terminal de ônibus), concentrando-se apenas nas avenidas de acesso ao distrito ²¹.

Cidade Tiradentes é o distrito com o maior índice percentual de viagens feitas a pé em São Paulo (55% no total), em percursos longos e acidentados devido ao relevo de morros e vales e às diversas barreiras físicas encontradas (muros, buracos, mato, etc).

Para isso, a subprefeitura local²² juntamente com as entidades locais vem realizando projetos voltados para a concretização de uma maior sociabilidade entre a população da Cidade Tiradentes, ou seja, uma política cultural que quebre os (pré)conceitos do externo,

²¹ Há apenas dois caminhos possíveis de ligação norte-sul: a Rua Sara Kubitschek, no conjunto Castro Alves, e a R. 32, no conjunto Barro Branco, mas que não suprem as necessidades de conexão e mobilidade das pessoas que buscam o terminal de ônibus (principal porta de entrada e saída de Cidade Tiradentes), e os equipamentos públicos e locais de comércio e serviços, concentrados na Avenida dos Metalúrgicos. No ano de 2003, a situação do transporte coletivo em Cidade Tiradentes também aparecia prejudicada devido ao monopólio de uma empresa de ônibus que controla todas as linhas de acesso ao distrito, empresa que na época acabou sendo descredenciada pela prefeitura. Dados: Relatório Técnico Distrito Cidade Tiradentes, Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado, Usina, abril, 2003.

²² Subprefeitura da Cidade Tiradentes, localizada na Estrada do Iguatemi, 2.981 (dentro do supermercado Negreiros), foi inaugurada oficialmente em abril de 2003, e é composta do gabinete do subprefeito e de sete coordenadorias: coordenadoria da Ação social de Desenvolvimento, Coordenadoria de Planejamento e Desenvolvimento Urbano, Coordenadoria de Manutenção de Infraestrutura Urbana, Coordenadoria de Projeto e Obras Novas, Coordenadoria de Saúde, coordenadoria de Educação e Coordenadoria de Administração e Finanças.

estímulo a integração, a identificação com o local e, principalmente que desperte a auto-estima dos moradores frente as limitações físicas do território. Vários são os espaços territoriais que podemos citar como contribuição ao processo de identificação com o distrito: o Clube dos Velinhos no Prestes Maia; a Igreja Sagrado coração de Jesus; a biblioteca Solano Trindade; o Campo do Coroa e do Verona; o Campinho Vila Yolanda ou a pista de skate do Piscinão do Limoeiro; SOASE (Sociedade Amigos da Santa Etelvina); a Escola de Samba Príncipe Negro; Praça semente do Amor, Inácio Monteiro; o Esporte Clube Juscelino Kubitschek, a Ação Comunitária Tiradentes no Setor dos Gráficos; A Casa Cultural e Religiosa Ilê Axé Omo Ode, no Jardim Santa Etelvina; a ACETEL (Associação dos Mutuários e Moradores do conjunto Santa Etelvina); o Clube da Cidade; Praça 65; Antiga casa da Fazenda, Praça da Bíblia, Setor 65²³.

Acreditamos que essa prática poderá propiciar a reativação dos espaços públicos, onde a comunidade local poderá consecutivamente, agir coletivamente e engajar-se em deliberações conjuntas sobre assuntos que afetam a vida política dos moradores. Essa iniciativa demonstra-se essencial para a constituição da identidade pública, do diálogo, da sociabilidade e autonomia. Desse modo, defendemos o discurso “nós” interacional e construído no processo de interlocução, no despertar da ação entre os moradores da Cidade Tiradentes enquanto fonte de significado da vida humana libertária, que permite ao indivíduo revelar sua subjetividade frente ao isolamento territorial.

Através da ação discursiva, os moradores da Cidade Tiradentes, agindo em conjunto, poderão revelar ativamente suas identidades pessoais e singulares e aos poucos reverter o condicionamento espacial que tende a segregar num interior, restringindo a

²³ Dados obtidos na exposição realizada para o evento de inauguração do CEU (Complexo Educacional de Ensino) Inácio Monteiro, em novembro, 2003.

prática de sociabilidade e, impondo padrões comportamentais. Tendo que provar o tempo todo sua condição de cidadão, de se fazer ver e ser reconhecido na sociedade frente ao mundo cujos salários insuficientes, moradia precárias, o subemprego e o desemprego periódico solapam o acesso aos direitos, o pobre caminha na liminaridade entre ordem e desordem, o “trabalhador honesto”, família unida, casa limpa, da boa aparência (símbolos de uma vida digna), que consegue vencer as adversidades e condições de pauperização apesar da pobreza²⁴.

A importância do coletivo, do agir conjunto, do qual nasce o poder, é entendido aqui como um recurso gerado pela capacidade dos membros de uma comunidade política de concordarem com um curso comum de ação, são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens libertários.

Desprovido de vários equipamentos de infra-estrutura local e, com poucas oportunidades de emprego, a cidade dos conjuntos habitacionais possui o menor índice de emprego formal (com carteira assinada) por habitante em São Paulo, o que deu margem para se tornar conhecida como bairro-dormitório (Usina, 2003). Diante desse processo de apartação social²⁵ das camadas de renda mais baixa da população urbana, desenvolve-se uma série de mecanismos institucionais gerais e setoriais que possibilitam a espoliação (conceito de destituição através da negação), um modo particular de pertencer e de

²⁴ É importante destacar que as camadas populares urbanas desenvolvem uma ética do trabalho com a finalidade de fugir da discriminação do pobre como criminoso. Ver: BERLINCK, Manoel Tosta. **Marginalidade social e relações de classes em São Paulo**, 1975, 152p. ; MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo**, 1996, 141p.

²⁵ Termo usado por Cristóvão Buarque para designar o outro como um ser à parte, expulso não somente dos meios de consumo, dos bens, serviços, etc., mas do gênero humano. Ver: WANDERLEY, Mariângela Belfiore. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, Bader et. al (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**, 3.ed., 2001, p. 16-26.

participar na estrutura geral da sociedade. Os moradores dos conjuntos habitacionais da Cidade Tiradentes encontram-se à margem dos benefícios do processo de desenvolvimento, circunscritos a um espaço geográfico monofuncional, isto é, de uso exclusivamente residencial, e deficiente no atendimento básico.

Raquel Ronik e Nabil Bonduki (Nakano, 2002), ao definirem a periferia baseada na baixa renda diferencial que a terra recém urbanizada possui, devido ao baixo nível de investimentos em serviços e equipamentos urbanos, produzem o paralelo com a macrosegregação produzida pelo diferencial na capacidade social de acesso à terra urbana mantida como uma mercadoria peculiar na urbanização capitalista, cujos benefícios são acessados notadamente por aqueles com maior poder aquisitivo. Nesse sentido, pode-se dizer que o conceito de macrosegregação é intercambiável com a exclusão social que também opera interdições de acessos aos serviços e benfeitorias urbanas produzidas coletivamente. Cabe ressaltar, que a localização das pessoas no território é, na maioria das vezes, produto de uma combinação entre forças de mercado, os planos que respondem aos interesses do capital empreendedor, e decisões de governo²⁶.

Nesse caso, pensando na Cidade Tiradentes, propomos falar na viabilização de um modelo cívico-territorial, isto é, a organização e a gestão do espaço na instrumentalização de uma política efetivamente redistributiva, que tende à atribuição equidade e justiça para a totalidade da população, não importa onde esteja cada indivíduo. A igualdade dos cidadãos supõe, para todos, uma acessibilidade ao texto legal, inscritas nas leis, e pautadas pelos critérios universais da cidadania a serem garantidos por políticas públicas abrangentes.

Segundo dados de 1999 (Ministério do Trabalho), eram registrados apenas 459

²⁶ Ver: CARLOS, Ana Fani. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**, 2001, 368p.

empregos formais para uma população de 183 mil habitantes naquele ano (IBGE). Os edifícios comerciais da Cohab dependem de processos licitatórios para sua ocupação e muitas vezes a taxa cobrada não pode ser paga por micro-empresendedores. Isso levou, de um lado, à degradação da maioria das áreas comerciais planejadas, e, de outro, ao surgimento de comércios irregulares, muitos deles em garagens ou na frente de casas familiares.

Em relação à atividade industrial, Cidade Tiradentes conta com apenas uma empresa, montadora de armações de óculos. Os poucos estabelecimentos comerciais que tentam se manter no negócio, não chegam a criar um mercado de trabalho. Os poucos comerciantes que existem enfrentam freqüentemente além dos problemas com arrombamentos e assaltados, os problemas com enchentes (Usina, 2003).

“..todo mundo sai daqui cedo, é um bairro dormitório e vai trabalhar em outro local, zona sul, paulista, centro, até zona oeste. é uma cidade que você acorda mais ou menos quatro da manhã você sente a movimentação já na rua. As pessoas já indo buscar sua condução...” (Roberto Sena, 45, morador desde de 1992 do conjunto Santa Etelvina Setor G, próximo a Avenida dos Têxteis, professor da rede pública, trabalha na sub-prefeitura como assessor do coordenador de educação da Cidade Tiradentes. Entrevista realizada em 20/09/2003).

De acordo com a pesquisa realizada em abril de 2003, pela ONG Usina, dados revelam que não existem áreas planejadas no distrito para receber outras atividades industriais. Seria necessário prevê-las e regula-las urbanística e ambientalmente. Em Cidade Tiradentes, com exceção do supermercado Barateiro (pertencente ao grupo Pão de Açúcar), ao lado do terminal de ônibus, nenhuma franquia ou filial do McDonalds, Carrefour, Extra, etc, são encontradas, já que a leitura econômica do espaço urbano não atende suas expectativas de faturamento. Além disso, redes de supermercados, redes de drogarias e cadeias de fast food não se instalam no local também por temerem assaltos.

Do mesmo modo, afirma Uiliam Kawatoko²⁷, membro da Aliança Negra Posse, as agências bancárias são praticamente inexistentes na região, os únicos caixas eletrônicos no distrito se resumem a um caixa 24 horas, um caixa eletrônico do Banco do Brasil e do Itaú (localizados na Avenida dos Têxteis, Santa Etelvina, sentido Setor 81), assim como, a existência dos postos de coletas, aonde os moradores se dirigem apenas para pagamento de contas públicas (como água e luz), pagamento das prestações de mutuários e a retirada de recursos dos programas sociais. Mesmo os bancos públicos, como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e a Nossa Caixa, têm se pautado por análises locais semelhantes aos bancos privados.

“(...) o seguro contra roubo aqui é muito alto, inclusive tinha um supermercado que chamava Tatá ele faliu, eles gastavam muito dinheiro com segurança pra manter aquele supermercado aberto (...)

(...) o Banco do Brasil abriu no Supermercado Negreiros. Pra

²⁷ Dados correspondentes ao ano de 2003.

eles compensam o lucro, não só ficar recebendo contas, eles querem movimentação, aplicação, dinheiro, e a população da Cidade Tiradentes são pessoas que ganham em torno de mais de um salário mínimo as vezes até menos, até foi beneficiado com programa social, foi uma das primeiras...” (Roberto Sena, 45, morador desde de 1992 do conjunto Santa Etelvina Setor G, próximo a Avenida dos Têxteis, professor da rede pública, trabalha na sub-prefeitura como assessor do coordenador de educação da Cidade Tiradentes. Entrevista realizada em 20/09/2003).

No estudo feito pela ONG Usina (2003)²⁸, ficou constatado que a renda per capita em Cidade Tiradentes girava entorno de R\$ 131,00 mensais (US\$ 39), semelhante à de outros bairros periféricos, como o Jardim Ângela, cuja renda era de R\$ 120,00 mensais (US\$ 36). Num bairro central de classe média e média-alta, como Pinheiros, a renda média alcançava o patamar de R\$ 1.490,00 (US\$ 451).

Cabe ressaltar que a falta de acesso por parte dos despossuídos aos equipamentos e infra-estruturas básicas nas áreas metropolitanas está intimamente ligada às estruturas que

²⁸ A USINA (Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado), cujo objetivo principal é promover o acesso à cidadania buscando aprimorar estruturalmente a qualidade da vida da população de baixa renda, é uma organização não-governamental que através do contrato firmado com BIRD (Banco Mundial) e por intermédio da mediação do SEHAB/PMSP (Secretaria de Habitação de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de São Paulo), foi à equipe de assessoria responsável pela execução do diagnóstico do Programa Bairro Legal em Cidade Tiradentes, onde apontava o desenraizamento e as condições particularmente adversas para a juventude neste Distrito.

Esta proposta buscou traçar um conjunto de ações focalizando a juventude: mobilizar e engajar jovens de Cidade Tiradentes no processo diagnóstico-propositivo do Programa Bairro Legal; promover a participação dos jovens na implementação/execução de projetos de intervenção/qualificação urbana, contribuindo na sua formação/qualificação para o mundo do trabalho e, também para a consolidação de uma política pública para a juventude neste bairro, pautada pela articulação/integração das políticas setoriais e pela participação da juventude na sua gestão.

criam, mantêm e perpetuam a segregação urbana e, por esta via, às diversas formas de periferização. Até o ano de 2003, começo da pesquisa, o distrito da Cidade Tiradentes apresentava-se como sendo um dos mais contemplados pelas benemerências dos programas sociais de combate a exclusão que visa a complementação de renda fornecida pela Prefeitura de São Paulo (Secretaria Municipal do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade). “O programa Renda-Mínima atingiu 6.806 pessoas no distrito (5º. mais atendido); o Bolsa Trabalho-Renda (1º.); o Começar de Novo (2º.). No total foram atendidas 10.110 pessoas, 19,7% da população do distrito, produzindo uma injeção mensal de R\$ 1,37 milhão”²⁹ (Usina, 2003, p. 48).

Em dois meses, o projeto Jovem Cidadão, que alia a conscientização de jovens ao combate à mortalidade materno-infantil, foram cadastrados, até o ano de 2003, sete mil crianças e gestantes na Cidade Tiradentes. O Projeto Jovem Cidadão se trata de um tipo de serviço civil voluntário para jovens entre 17 e 18 anos de idade e de diversos setores da Cidade Tiradentes. Cada participante recebe uma bolsa auxílio de R\$ 60,00 e um certificado de conclusão de curso, podendo até obter uma carta de recomendação (Usina, 2003).

Cabe registrar que os jovens, os principais atingidos por esses programas, são obrigados a deslocar-se para longe do bairro em busca de emprego, enfrentando, ainda, o estigma de serem provenientes da região.

²⁹ O programa Renda Mínima é um programa direcionado a famílias que tenham de 0 a 15 anos e renda de até meio salário mínimo por pessoa da família. Os filhos com sete anos ou mais devem freqüentar a escola. O programa Bolsa Trabalho-Renda dá capacitação ocupacional e formação para atividades comunitárias, além de pagar uma bolsa mensal de 45% do salário mínimo, auxílio-transporte e seguro de vida. O jovem deve permanecer estudando e fazer a atividade oferecida no outro meio período. Começar de Novo-Renda, dá capacitação para o mercado, para melhor exercício da cidadania e também para atividades comunitárias, visando à reinserção social e no mercado de trabalho. Beneficia trabalhadores desempregados de famílias carentes, pagando uma bolsa mensal de 66% do salário mínimo, auxílio-transporte e seguro de vida. Ver: <http://www.trabalhosp.prefeitura.sp.gov.br>.

Dados importantes presentes no relatório produzido, pela empresa de consultoria na área de políticas para infância, Oficina de Idéias³⁰ (2003), refere-se as dificuldades enfrentadas pelos jovens moradores do distrito na aquisição de vagas no Ensino Médio na comunidade local o que os obrigava a procurá-las em regiões próximas. Esta situação se tornava particularmente difícil em função das dificuldades de transporte (gastos e pouca cobertura da rede de ônibus) e dos riscos de percurso (ruas pouco iluminadas, por exemplo). Em relação à escolarização, um dado preocupante do relatório, diz respeito aos números relativos a adolescentes e jovens que não freqüentavam a escola em Cidade Tiradentes: 29,7% dos adolescentes de 15 a 17 anos; sendo que 48,78% dos jovens de 18 e 19 anos não havia concluído o ensino fundamental.

Outro dado relevante levantado pelo mesmo relatório, trata do déficit ou quase inexistência de equipamentos de lazer/cultura/esporte e a associação feita pelos jovens participantes do projeto com a má qualidade de vida, o não poder de consumo dos mesmos,

³⁰ A proposta de formação de “jovens repórteres”, denominados “reporteens”, nasce como parte integrante das ações de protagonismo juvenil, desenvolvidas no âmbito do Programa Bairro Legal da Secretaria da Habitação do município (Sehab) em parceria com o Programa Bolsa-Trabalho, da Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade (STDS), e com a ONG Usina (sociedade civil sem fins lucrativos cujo objetivo principal é promover o acesso à cidadania buscando aprimorar estruturalmente a qualidade da vida da população de baixa renda).

As atividades de formação/monitoramento dos oitenta jovens ficaram ao encargo da empresa de consultoria na área de políticas para infância, Oficina de Idéias, com o apoio para infra-estrutura e outros recursos a serem gestados junto à Subprefeitura e Sehab, cujo objetivo centralizava: qualificar jovens como agentes comunitários para o conhecimento e pesquisa da realidade local; sistematização e disseminação de informações, com foco na situação da infância/juventude e na violação-afirmação de seus direitos; estimular o protagonismo do jovem na formulação de políticas a eles dirigidos e na intervenção/apropriação do espaço público; contribuir para o desenvolvimento de laços de pertencimento (enraizamento) e de participação na comunidade local.

Nas oficinas realizadas de maio a agosto de 2003 (que teve sua continuidade por meio da Secretaria de Trabalho, Desenvolvimento e solidariedade – PMSP, com verba da UNESCO), tivemos a concretização de um jornal (Jornal Força Jovem) e de um projeto piloto da Rádio Bairro Legal “Juventude Força Ativa”, onde temas informativos sobre DST AIDS; aborto com aconselhamento aos jovens e opiniões de jovens ao vivo na rádio; meio ambiente; educação, com a participação de entidades, onde se buscou priorizar a conscientização, a informação e a mobilização da população local. Cabe ressaltar, que o jovem aqui é o ator privilegiado na metodologia deste trabalho não só como fonte de informação (sobre si e os outros), mas também como autor de ações que interfiram nas condições de vulnerabilidade do seu cenário social.

ao descaso do poder público, o envolvimento dos adolescentes com práticas associadas à situações de vulnerabilidade (consumo de drogas, participação em gangues). Ficou apontado também que um dos caminhos para a superação dessa falta, encontra-se nas diversas atividades e promoções culturais realizadas pelo distrito por jovens e associações comunitárias.

No mesmo ano de 2003, a revista do jornal Folha de São Paulo³¹, apontava o distrito de Cidade Tiradentes ao lado de outras regiões da cidade de São Paulo (Jardim São Luís, Marsilac, Anhanguera, Itaim Paulista, São Rafael, Cachoeirinha, Guaianases, Lajeado, Cidade Ademar, Jardim Helena, Capão Redondo, Pedreira, Brasilândia, Iguatemi, Jardim Ângela, Grajaú e Parelheiros), localizado na Zona Cinco, isto é, a região de maior exclusão social: com os piores indicadores sociais, onde concentrava a maior porcentagem de jovens fora da escola (43%) ou que freqüentavam aulas no período noturno (53%).

“Nas classes menos favorecidas, há um número cada vez maior de mulheres chefes de família, que estudam, trabalham e carregam toda a responsabilidade pelo sustento e pelo futuro. E isso começa desde cedo (Macedo; Kormann, 2003, p. 20)

Os jovens da zona cinco, destacado pela matéria do jornal Folha de São Paulo, começam a vida cedo, têm menos tempo para atividades de estudo e lazer e, conseqüentemente, se casam ou vão morar juntos mais cedo (15%, contra 3% da zona 1).

³¹ MACEDO, Lúlie; KORMANN, Alessandra. Todas as caras da metrópole. **Revista da Folha**. São Paulo, 24 agosto, 2003, p. 6-34.

Da mesma forma, se tornam pais e mães antes das outras regiões da cidade (18% têm filhos, contra 3% da ZH1 – Morumbi, Alto de Pinheiros, Jardim Paulista, Perdizes, Vila Mariana).

Reflexo claro da associação entre cor e exclusão, esta é a zona com menor número de jovens que se identificam como brancos (37%) e com predomínio de pardos e negros (57%). Outro dado relevante da pesquisa revela a violência acometida nesses bairros e a falta de auto-estima é um complicador adicional.

Esse quadro estrutural não é apenas um problema focado vinculado a categoria econômica, mas também uma categoria política acima de tudo. Estamos lidando com um problema social.

“A mídia vendeu uma imagem do Alexandre Pires pros meninos, todo menino daqui da Cidade Tiradentes deseja ser um Alexandre Pires; como ele não consegue ele fica frustrado, então o ele começa fazer coisa errada pra ganhar dinheiro ou fica frustrado agride todo mundo, e as meninas é vendida aquela imagem da Carla Peres, ser dançarina, aquela coisa, e também. Elas acabam ficando frustradas. E eles acabam as vezes se envolvendo com tráfico de drogas, eles são presas fáceis pra tá se envolvendo com tráfico de drogas, então isso tudo leva a uma violência, e a própria família desestruturada. Muitos chegaram aqui como família com pai e mãe, filho, família tradicional, hoje só tá a mãe, o pai já foi embora ou o pai a mãe foi embora também e deixou os filhos ai, e tudo vai causando um descontentamento e a violência” (Roberto Sena, 45, morador desde de 1992 do conjunto Santa Etelvina Setor G, próximo a Avenida dos Têxteis,

professor da rede pública, trabalha na sub-prefeitura como assessor do coordenador de educação da Cidade Tiradentes. Entrevista realizada em 20/09/2003).

Acreditamos que a ampliação e garantia dos direitos e deveres implícitos no exercício da cidadania supõem, de imediato, a possibilidade não só de usufruir dos benefícios materiais e culturais do desenvolvimento, como também, sobretudo, que traga mais empregos e possibilite um aumento geral da renda da população.

Até o ano de 2003, encontramos diversas iniciativas realizadas por jovens da região visando ao mesmo tempo aumentar a comunicação interna no distrito, busca conscientizar e informar a população dos seus direitos enquanto cidadão; vale mencionar, por exemplo, o Jornal Força Jovem, com distribuição gratuita para a população que traz poemas, dicas e alertas de movimentos comunitários, contato de entidades locais, além de divulgação de serviços e eventos.

Um dado importante levantado tanto por entidades comunitárias e ONGs locais está no quesito saúde, Cidade Tiradentes, até o ano de 2003, era a primeira no *ranking* do município de São Paulo com inexistência de ambulatório, de especialistas e de hospital local (até a realização desta pesquisa o projeto estava em vigor na sub-prefeitura).

O sistema de saúde é constituído por alguns postos (unidade básica de saúde) e um pronto-socorro, sem aparelhagem suficiente para atender emergências. Para amenizar o problema a Prefeitura de São Paulo criou o Programa Saúde da Família que focaliza suas atividades na prevenção dos problemas de saúde por meio de uma estratégia de ação comunitária, os agentes comunitários de saúde desenvolvem um olhar apurado sobre a

realidade local. O Programa Saúde da Família (PSF) focaliza suas atividades na área da saúde por meio de uma estratégia de ação eminentemente comunitária, o agente comunitário como mobilizador social, esses agentes devem ser selecionados entre os moradores da micro-área em que irão trabalhar³².

De acordo com a pesquisa feita pela ONG Usina (2003), os agentes comunitários de saúde tornam-se os únicos do Estado a terem contato com a população, com exceção da polícia, a desenvolver um olhar apurado sobre a realidade local, compondo uma idéia bastante ampla de saúde pública, devido ao fato de passarem, muitas das vezes, pelas mesmas dificuldades das famílias que atendem.

Quanto à qualidade de vida associada às condições de saúde da população do distrito, os jovens repórteres do Programa Bairro Legal, demonstraram uma significativa preocupação quanto ao lixo, esgotos “a céu aberto” como são chamados, enchentes, lama e terrenos baldios, caracterizando como fatores de risco à saúde da população em geral e, particularmente das crianças³³.

Na Cidade Tiradentes, temos inúmeras redes de entidades ou associações de mobilização cultural que atuam na transformação do status legal da cidade dos conjuntos e, distribuem cestas básicas, leite, roupas, ao mesmo tempo, que preenchem uma ausência do estado na criação de serviços públicos e de infra-estrutura urbana, mas também de constituir uma imagem positiva da região - reverter a pobreza do distrito revertida no sentido negativo da falta e estendida até o plano moral, fazendo desaparecer as fronteiras

³² O PSF atende em média duzentas famílias com visitas uma vez por mês. Em tese, são um médico, um enfermeiro, dois auxiliares de enfermagem e cinco Agentes Comunitários de Saúde. A partir deste contato com os agentes, as pessoas que necessitam de cuidados médicos são encaminhadas às Unidades Básicas de Saúde.

³³ Cabe ressaltar que a mortalidade infantil chega a ser superior à média; até o ano de 2003, tivemos um alto índice de tuberculose precoce por doenças crônico-degenerativas (doenças do aparelho circulatório, sendo 45% delas atingindo pessoas com menos de sessenta anos). Dados: Oficina de idéias, maio a agosto de 2003.

entre o pobre honesto e o marginal ou criminoso.

Podemos chamar de práxis, este fazer no qual o outro ou os outros são visados como seres autônomos e considerados como o agente essencial do desenvolvimento de sua própria autonomia, a partir da instância ativa e lúcida de transformação constante do sujeito que está engajado.

A concepção apresentada aqui mostra ao mesmo tempo em que não podemos desejar a autonomia sem desejá-la para todos e, mais, sua realização só pode conceber-se plenamente como empreitada coletiva. Mudanças no uso e na gestão do território, enquanto forma de relação social e de representação espacial, se impõe, se queremos criar um novo tipo de cidadania, uma cidadania cuja sociedade civil encontra sua realização plena no campo da ação política, onde os indivíduos subjugados são chamados a empenhar suas lutas decisivas para se constituir como sujeitos, desenvolver seus valores, assumir a iniciativa e definir, por meio de amplo consenso, seu projeto de sociedade (Santos, 1987; 1978).

No centro de Fedora, metrópole de pedra cinzenta, há um palácio de metal com uma esfera de vidro em cada cômodo. Dentro de cada esfera, vê-se uma cidade azul que é modelo para uma outra Fedora. São as formas que a cidade teria podido tomar-se, por uma razão ou por outra, não tivesse se tornado o que é atualmente. Em todas as épocas, alguém, vendo Fedora tal como era, havia imaginado um modo de transforma-la na cidade ideal, mas, enquanto construía o seu modelo em miniatura, Fedora já não era mais a mesma de antes e o que até ontem havia sido um possível futuro hoje não passava de um brinquedo numa esfera de vidro.

Agora Fedora transformou o palácio das esferas em museu: os habitantes o visitam, escolhem a cidade que corresponde aos seus desejos, contemplam-na imaginando-se refletidos no aquário de medusas que deveria conter as águas do canal (se não tivesse sido dessecado), percorrendo no alto baldaquino a avenida reservada aos elefantes (agora banidos da cidade), deslizando pela espiral do minarete em forma de caracol (que perdeu a base sobre a qual se erguia).

No Atlas do seu império, ó Grande Khan, devem constar tanto a grande Fedora de pedra quanto as pequenas Fedoras das esferas de vidro. Não porque sejam igualmente reais, mas porque são todas supostas. Uma reúne o que é considerado necessário, mas ainda não o é; as outras, o que se imagina possível e um minuto mais tarde deixada de sê-lo..

A exemplo de Fedora, livro “As cidades invisíveis” de Ítalo Calvino (1990), metrópole de pedra cinzenta, o conjunto habitacional Cidade Tiradentes quer ser conhecida por uma outra Fedora, ou seja, o distrito bom para se viver, crescer e criar seus filhos; desse modo, iniciativas começam a ser lançadas e um bom exemplo é a grife, criada em 2003, e que carrega o nome do bairro, cujo símbolo é um conjunto de prédios. Oferecendo produtos confeccionados por mão-de-obra da região, a preços 50% mais baixos que os de mercado. Com roupas inspiradas no estilo de vida da comunidade: roupas para crianças, jovens, homens e mulheres e também uma linha praia, já que o conjunto tem piscinas e, para o ano de 2004, a marca traz a moda específica para os evangélicos³⁴. O objetivo de pôr o bairro nas passarelas vai muito além de gerar empregos, antes de mais nada torna-se fundamental gerar esperanças de um futuro a partir da valorização auto-estima da população.

A busca de cidadania é em última análise a busca de direitos iguais num contexto não somente constitucional, mas principalmente na sua concretização prática.

No mundo moderno, a prática socioespacial revela a contradição entre identidade e não-identidade, estranhamento e reconhecimento, que permeiam a produção de um espaço em função das necessidades econômicas e políticas suscitado pelo capitalismo financeiro - a imposição do setor imobiliário como elemento dinâmico da economia mundial (Maricato, 1996).

A periferia é entendida por alguns teóricos como os limites, as franjas da cidade, talvez em substituição a expressões mais antigas, como subúrbio (Caldeira, 1984; Kowarick, 1983). Essa ocupação foi à estratégia desencadeada pela indústria para assegurar

³⁴ Ver: CAPITELLI, Marici. Na passarela, à moda de Cidade Tiradentes: conjunto habitacional terá grife. Roupas foram inspiradas no estilo de vida da comunidade. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 09 de outubro, 2003. Cidades/sociedade C 4.

habitação para uma população de baixos salários. O surgimento da periferia é decorrente de uma transformação profunda ocorrida no Brasil nas últimas décadas, que é a urbanização. O governo federal tentou minimizar o problema abrindo um banco, o BNH (Banco Nacional da Habitação), para financiar projetos habitacionais. Os Estados criaram as COHAB's para executá-los e as prefeituras contribuíram com a abertura de enormes loteamentos.

Criados pelo regime militar, em 1964, período nacional desenvolvimentista, em plena etapa do chamado milagre econômico, o SFH (Sistema Financeiro da Habitação) e o BNH (Banco Nacional da Habitação) foram estratégicos para a estruturação e consolidação do mercado imobiliário urbano capitalista. A política praticada pelo SFH combinou o atendimento dos interesses dos empresários privados (construção, promotores imobiliários, banqueiros e proprietários de terra) com interesses de políticos clientelistas (governadores, prefeitos, deputados e vereadores). Na verdade essa política foi fundamental para a estruturação de um mercado imobiliário de corte capitalista. Ele constituiu também um dos expedientes de concentração de renda, uma vez que privilegiou a produção de habitação subsidiada para a classe média em detrimento dos setores de mais baixa renda.

“ (...) O SFH provocou uma forte transformação num mercado imobiliário que vinha sendo dominado por incorporadores relativamente pequenos e famílias que construía suas próprias residências. Ele estimulou a criação de grandes empresas de incorporação imobiliária, que tomavam dinheiro emprestado do SFH para construir edifícios ou conjuntos habitacionais para

serem vendidos com financiamento do BNH” (Caldeira, 2000, p. 226).

Para enfrentar a problemática habitacional na cidade de São Paulo, captando recursos centralizados pelo BNH (Banco Nacional de Habitação), o prefeito Faria Lima criou a Cohab – Companhia Metropolitana de Habitação. Essa criação deu-se através da transformação da superintendência Municipal de Habitação, uma autarquia, criada na gestão do Prefeito Prestes Maia, em uma empresa, proporcionando, com isso, uma ação mais sistemática da prefeitura no setor habitacional. Por muitos anos, a construção de casas populares foi plataforma obrigatória dos políticos.

Em termos estruturais as COHAB's são agentes executores dos programas de habitação popular do BNH (Banco nacional da Habitação). As COAHB's foram instituídas sob a forma de sociedade mista devendo o poder público do Estado ou Município, deter o controle acionário. Com a criação do IAP (Instituto de Aposentadorias e Pensões), recursos foram centralizados e estatizados para produzir os primeiros conjuntos habitacionais. Nesses projetos as prefeituras assumiam, os encargos referentes a implantação das infra-estruturas básicas. As COHAB's deveriam também participar do projeto com a doação dos terrenos e, quando isto não era possível, deveriam adquirir o terreno que geralmente eram comprados a preços do mercado imobiliário.

Seguindo na prática as regras de funcionamento estabelecidas pelo BNH (Banco Nacional da Habitação), as COHAB's na sua forma de atuação, delegavam ao setor privado todas as funções produtivas. Contratavam as empresas privadas para a construção das moradias e, se limitavam a fiscalização das obras, liberação das parcelas de financiamento

de acordo com o cronograma físico-financeiro e se incumbiam da comercialização e recebimento/cobranças das parcelas referentes às unidades habitacionais (Nakano, 2002).

A COHAB Cidade Tiradentes teve sua construção iniciada em 01 de março de 1981. Em 24 de julho de 1984, após dois anos de atraso, são entregues para comercialização, as oito mil unidades do conjunto Santa Etelvina (na verdade 7.442). As casas passaram por 16 meses de recuperação, uma vez que apresentavam rachaduras por causa dos terrenos impróprios em que estão situadas.

Os problemas enfrentados pelos moradores na época iam desde assaltados, arrombamentos, enchentes e outros. Após as inaugurações, a COHAB Cidade Tiradentes é praticamente esquecida pelas autoridades. Os que vieram morar na Cidade Tiradentes vieram à procura da sonhada casa própria, felizes pela oportunidade de morar em um imóvel que num futuro, um tanto remoto, se tornaria próprio – hoje muitos ainda vivem numa cidade de mutuários e não de proprietários. No distrito, mais de 171 mil pessoas moram em 12 conjuntos habitacionais da COHAB (Companhia Metropolitana de Habitação). Elas pagam taxas que variam em média R\$ 50,00 a R\$ 160,00 reais³⁵.

A casa própria apoiou-se então no binômio loteamento periférico-autoconstrução. De 1980 a 1983, a construtora COAN LTDA contratada pela COHAB/SP para fazer três mil unidades habitacionais, empregou um método construtivo não testado, baseado em pré-moldados de concreto plástico químico. Assim, mesmo antes do término das últimas obras, as primeiras moradias já se estavam deteriorando e, em alguns casos, desabando (Nakano, 2002). Em Cidade Tiradentes esses prédios inacabados pela COHAB/SP serviram de abrigo para inúmeras famílias.

³⁵ Dados obtidos: Ver: Relatório Técnico Distrito Cidade Tiradentes, Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado, Usina, abril, 2003.

Sob o ponto de vista do engenheiro civil e coordenador de projetos e obras novas da subprefeitura do distrito Cidade Tiradentes, Edgar Brandão Junior, que trabalhou na COHAB nos anos de 1983/84 na função de superintendente de obras e presidente da comissão de licitação, acredita que a COHAB na época apenas atendia a legislação vigente, isto é, construir casas, e caso houve alguma falha no projeto deve ser analisado conjuntamente com a Prefeitura de São Paulo que deixou de cumprir sua parte, suprir a infra-estrutura do local.

“...O BNH, o fundo de garantia na época, as determinações que você tinha, ela só podia fazer a casa, ela não podia fazer a infra. Então, a água; o esgoto; o sistema viário; a praça; a escola, tinham que vir das prefeituras, no caso de São Paulo, a Prefeitura de São Paulo. O furo não estava na empresa de habitação e nem no BNH. Tem que ter uma parceria, só que você não conseguia isso (...) Os recursos que a prefeitura dispunha não eram dirigidos para esse desenvolvimento (...) cada época é uma época, temos que ver propostas. Na época a COHAB era a única das empresas habitacionais que aprovava o projeto junto com a prefeitura (que não era obrigado), e ela se atinha exatamente a legislação que estava vigendo na época. Se você quer mudar alguma coisa, você tem que mudar a legislação, se continuam fazendo conjunto, vão fazer dentro da legislação(...) tudo é uma questão econômica” (Edgar Brandão Junior, 58, superior completo. Entrevista realizada dia 18/10/2003).

Cidade Tiradentes possuía, até o ano de 2003, uma cidade formal, a cidade dos conjuntos, feita pelo poder público e, a cidade informal, a cidade dos loteamentos clandestinos, irregulares e favelas³⁶ (cuja construção geralmente é de alvenaria, sem acabamento nem pintura, é habitada por cinco pessoas, em média, possuindo aproximadamente 12 metros quadrados). A primeira cidade abrigava nesse período cerca de 150 mil habitantes e a segunda, 50 mil. Constatamos em meados de 2003 a presença de 220 mil moradores do distrito, sendo que 150 mil morando nos conjuntos e 70 mil fora deles.

A população da cidade informal aparece também neste período com a presença de uma população jovem, com mais de 40% de crianças com menos de 14 anos. A cidade formal apresentava maiores porcentagens de jovens adultos (entre 15 e 24 anos) e de idosos, destacando-se neste caso o conjunto Prestes Maia. Quanto ao índice de chefes de família-mulheres, a situação surpreende: enquanto na cidade informal elas representam uma faixa de 20 a 30%, nos conjuntos elas são entre 30 e 50%, com exceção do conjunto Santa Etelvina II. A cidade formal, por sua vez, não é completamente homogênea: é possível destacar o Barro Branco e, secundariamente, o Sítio Conceição como bairros de mais baixa renda e instrução³⁷.

Tais desigualdades sociais e econômicas entre as duas cidades podem ser decorrentes, segundo dados do relatório da ONG Usina de abril/2003, de diferenças entre famílias que obtiveram ou não condições de acesso ao financiamento da casa própria. Essa dualidade, entretanto, acaba sendo mantida e reforçada pela diferença de qualidade e intensidade da presença do estado num e noutro território. Essas áreas não aparecem no

³⁶ Fenômeno com origem na migração e no empobrecimento, as favelas brasileiras têm 2,363 milhões de moradias cadastradas pelas prefeituras. Em São Paulo, um estudo feito pela prefeitura e pelo Centro de estudos da Metrópole, apontaram: 464 favelas surgiram entre 1991 a 2000. Dados: Soares, Pedro. Casas em favelas já chegam a 2,4 milhões. **Jornal Folha de São Paulo**, Cotidiano, C 5, 13 de nov. 2003.

³⁷Relatório Técnico Distrito Cidade Tiradentes, Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado, Usina, abril, 2003.

geral reconhecidas como parte de Cidade Tiradentes e, conseqüentemente, destituídas de investimentos públicos na mesma qualidade e quantidade da cidade formal. Quase a totalidade das áreas institucionais, equipamentos de saúde e educação estão na cidade dos conjuntos.

Muitos dos moradores ouvidos, no início dessa pesquisa, apontaram que chegaram ao distrito fugindo do aluguel ou enviados pelos governos municipal e estadual após uma enchente ou, ainda, devido a desapropriação de várias naturezas³⁸.

Em Cidade Tiradentes, até 2003, os loteamentos mais precários, como Jardim Vitória, Jardim Pérola I e II, Vila Yolanda, Dom Angélico e Paiolzinho, avançavam sobre uma mancha de preservação contínua aos distritos vizinhos, Guaianases, Iguatemi e São Rafael (que se expandiam da mesma forma), e aos municípios vizinhos de Ferraz de Vasconcelos e Mauá. Em Cidade Tiradentes, a tendência de crescimento a nordeste direcionava-se para os limites do município de Ferraz de Vasconcelos e ao sul para o distrito de Iguatemi, sobre a cabeceira do rio Aricanduva³⁹.

No que diz respeito à rede de esgoto, os bolsões não atendidos encontravam-se todos localizados, até o ano 2003, na cidade informal, destacando-se Jardim Pérola (loteamento), Jardim Maravilha (favela), Vilma Flor (favela) e Vila Hortência (loteamento). A única região sem abastecimento de água, segundo o relatório da Usina (2003), também é o Jardim Pérola. O Jardim Maravilha apresentava problemas na coleta de lixo.

Dependendo do tempo de ocupação, destaca a ONG, deparamos com graus de

³⁸ O setor 7G, por exemplo, recebeu os moradores das favelas Jardim Edith I e II, removidos na gestão Paulo Salim Maluf.

³⁹ Essa outra cidade é composta pelos loteamentos perto da divisa com Ferraz de Vasconcelos (Vitória, Dom Angélico, Vila Yolanda, Jardim Pérola e Sítio Paiolzinho) e algumas favelas inseridas no meio dos conjuntos (como Jardim Maravilha e Vilma Flor). Na cidade dos conjuntos a renda média está entre R\$500,00 e R\$ 1200 enquanto na outra cidade está entre R\$ 200,00 e R\$ 500,00 reais. O mesmo se repetia com a taxa de analfabetismo, entre 0 e 4% para uma e 10 a 20 %. Dados obtidos: Relatório Técnico Distrito Cidade Tiradentes, Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado, Usina, abril, 2003.

precariedade diferentes: ocupações mais antigas já contam com regularização, asfaltamento, iluminação, esgoto coletado etc. (por exemplo, Vila Paulista, próximo ao Parque Do Rodeio); ocupações mais recentes têm ruas de terra, esgoto correndo em valas a céu aberto e ruas sem iluminação pública (por exemplo, Jardim Vitória). Destacamos também áreas de risco de deslizamento e enchentes nessas ocupações e loteamentos em áreas impróprias para habitação (altas declividades e áreas de proteção ambiental).

Na reportagem realizada em 2003, pelo Jornal Folha de São Paulo, os primeiros moradores dos conjuntos relatam que, antigamente, as moradias e as ruas eram absolutamente iguais. Não havendo referências do caminho da casa, nem transportes e nem comércios. Neste caso, chamamos de cidadãos mutilados, para referir a esses contingentes espoliados da cidade capitalista, como despojados dos direitos mínimos de vida digna, sem cidadania, excluídos dos benefícios urbanos.

“Houve casos de pessoas que ficaram dias perdidas. O sujeito saía para trabalhar e depois não conseguia encontrar a própria casa. Você pode imaginar isso?” (Gilson Negão, diretor da Sociedade Comunitária Fala Negão, da zona leste)⁴⁰

Segundo o subprefeito do distrito da Cidade Tiradentes, Vilson Augusto de Oliveira⁴¹, aos poucos o poder público por meio da subprefeitura marca sua presença na

⁴⁰ Cidade Tiradentes é a memória negra. Moradores de conjunto habitacional gigante, construído no início da década de 80, dizem que foram “jogados” no local. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 21 de set. 2003. C 4.

⁴¹ Entrevista realizada em 25/10/2003.

região. Até os dados de 2003, a subprefeitura local vinha realizando diversos eventos culturais (onde foi realizado I Simpósio da Coordenadoria de Educação da Subprefeitura da Cidade Tiradentes, priorizando desencadear o debate regional entre educadores e comunidade visou à contribuição da sociedade civil, dos movimentos organizados e representantes do poder público, na construção do Plano Municipal de Educação) além de, *shows* com bandas conhecidas do público e artistas locais, em pontos específicos dos conjuntos, no objetivo de criar junto aos moradores a identificação com o distrito. Mais do que propriamente uma presença física, pelos moradores locais é cobrada da subprefeitura sua qualidade de ação. Todavia, de acordo com Arlindo da Silva Arruda, 38, assessor de Gabinete da Prefeitura de São Paulo (Secretaria Municipal de Abastecimento) e, morador do distrito desde 1974, “não dá para culpar só o poder público, temos que ver o lado também das associações que só visam o interesse político, o poder público não tem como cuidar de tudo”⁴².

Em 12 de abril de 2003, reunidos na Escola Oswaldo Aranha Bandeira de Mello, moradores e representantes de associações locais, juntos e de forma democrática, sentaram e decidiram como seria administrado o orçamento de seu distrito e os delegados que seriam os representantes da população junto ao governo na discussão e defesa das propostas apresentadas. Na votação foram levantadas as seguintes propostas: 1) lixeiras de concreto; 2) EMEI em período integral na VL. Paulista; 3) construção de uma EGJ (Espaço Gente Jovem) Centro de Referência Jovem; 4) telecentro na Avenida dos Metalúrgicos; 5) construção de uma unidade de reciclagem; 6) melhora do transporte coletivo na cidade Tiradentes; 7) construção de uma área esportiva na Vila Paulista; 8) construção EGJ no Parque do Rodeio; 9) construção de um centro cultural na Cidade Tiradentes; 10)

⁴² Entrevista realizada em 22/11/2003.

regularização dos lotes na Cidade Tiradentes; 11) construção de centro de atendimento ao idoso; 12) construção de uma biblioteca pública na Cidade Tiradentes; 13) construção de uma escola técnica municipal (convênio), em Castro Alves; 14) implantação definitiva de linhas de ônibus circulares de 15 em 15 minutos e, 15) construção de um centro cultural musical na Cidade Tiradentes.

Destas as mais votadas foram: melhora do transporte coletivo; ENEI em período integral na Vila Paulista; Construção de uma área esportiva na Vila Paulista; construção EGJ no Parque do Rodeio; lixeiras de concreto; construção de um centro cultural e, construção de uma EGJ em Castro Alves⁴³.

Nas grandes metrópoles, as periferias são a materialização de mecanismos de exclusão/segregação, de toda essa espoliação urbana, isto é, o somatório de extorsões que se opera através da inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo⁴⁴.

Dados apontados pelo IBGE revelam que em cem anos, a riqueza total do Brasil cresceu quase 12 vezes em relação à população; no entanto, a distribuição de renda piorou na segunda metade do século.

De 1901 a 2000, o PIB (produto Interno Bruto, a soma das riquezas do país) mais do que centuplicou, subindo de R 9, 1 bilhões para R\$ 1 trilhão. No mesmo período, a população cresceu quase dez vezes, de 17, 4 milhões para 169, 8 milhões de habitantes. O

⁴³ Dados obtidos: www.amcidadetiradentes.hpg.com.br

⁴⁴ Do ponto de vista geográfico, periferia é a fatia mais extrema de uma cidade, a camada mais distante do centro. Do ponto de vista social, a periferia é aquele pedaço de chão que está mais distante do aparelho do Estado, é um lugar aonde o ônibus não vai, só as vans. Nas periferias as igrejas encontram o terreno fértil para seu crescimento. Ao lado dos bares, os templos são os primeiros estabelecimentos que costumam surgir. Cidade Tiradentes foi o primeiro bairro a receber um Telecentro da Prefeitura de São Paulo (junho de 2001). Não há centros culturais, cinemas ou teatros para os moradores locais. O bairro também não tem nenhum hospital. Os leitos mais próximos são os dos hospitais de Guaianases e Lajeado. As escolas não conseguem atender a demanda por educação e, em todos os níveis de ensino, faltam vagas nas salas de aula. Ver: <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spct>.

país cresceu e não redistribuiu, não só recursos econômicos, mas também oportunidades sociais De 1997 a 1999, o número absoluto de pobres aumentou de 40,7 milhões para 53, 11 milhões.

A desigualdade permanece sendo a marca nacional, seja desigualdade de renda, racial, de gênero ou regional. Apontado pelo relatório, de 2003, do Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), o Brasil encerra o século XX, em matéria de distribuição de renda, perdendo apenas para Namíbia, Botsuana, Serra Leoa, República Centro-Africana e Suazilândia. Na América Latina, o Brasil, o sexto pior em distribuição de renda no mundo, é o mais desigual⁴⁵.

A exclusão social não é passível de mensuração, mas pode ser caracterizada por indicadores como a informalidade, a irregularidade, a ilegalidade, a pobreza, a baixa escolaridade, a cor da pele, a religião, a raça, o sexo, a origem, etc. Diversas associações locais vêm desempenhando um forte papel frente à atuação da administração pública no que diz respeito tanto na criação de serviços públicos e de infra-estrutura urbana, quanto no status legal da Cidade Tiradentes. O respeito ao indivíduo é considerado consagração máxima da cidadania que, investe cada qual com a força de se ver respeitado e, sem distinção, deve atingir a todos.

⁴⁵ GOIS, Antônio; ESCÓCIA, Fernanda da. O Brasil do século 20. País fica mais rico e mais desigual. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 30 de setembro, 2003. Especial 1.

CAPÍTULO III

**REDES JUVENIS
ALIANÇA NEGRA POSSE**

ANP

ALIANÇA NEGRA POSSE

Responsável pela ONG: Cláudio (Presidente); Uiliam Castro Kawatoko (vice-presidente).

Endereço eletrônico: aliancanegraposse@hotmail.com ou shallonadonaianp@bol.com.br

Endereço: Rua Profeta Jeremias, 95, sala 5 , Setor 85 e 89 - Cidade Tiradentes

Cep: 08471 -710 - São Paulo – SP

Telefone: (011) 6964-9331, (011) 9834-5821

Página eletrônica: www.aliancanegraposse.org.br

CNPJ: 03.575.247/0001-24

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA PESQUISADA

Localização

Da parte mais alta da Cidade Tiradentes, avistamos um mar de conjuntos habitacionais, de todos os estilos e cores, dependendo da época em que foram construídos. Mas, quem percorre o distrito tem a nítida impressão de estar sempre vivenciando um grande canteiro de obras, já que diariamente são construídos novos conjuntos habitacionais. Uma grande parte dos moradores de Cidade Tiradentes e dos bairros ao redor são constituídos de

imigrantes, ex-favelados, ou a classe média empobrecida, desempregada e empurrada para longe pelos altos aluguéis. O primeiro conjunto foi inaugurado em 1984 e, claro, tinha o nome de Conjunto Habitacional Cidade Tiradentes. A partir daí vieram os conjuntos: Cohab Castro Alves, Santa Etelvina, Barro Branco, Sítio Conceição dentre outros. Ao redor deles, centenas de casas de alvenaria⁴⁶.

A prefeitura considera que, em cada moradia das centenas de conjuntos habitacionais, vivam quatro pessoas. Na prática, aponta o jornal Folha de São Paulo, moram até dez. Com relação ao lazer, menciona o jornal, a referência, a quilômetros dali, é o Sesc-Itaquera, que chega a reunir vinte mil pessoas em um final de semana; cinema só no *shopping* Aricanduva, mais longe ainda. No quesito saúde, em 2004, o distrito apresentou o pior índice na capital de pessoas nascidas vivas (23,9/1.000), até o presente ano Cidade Tiradentes acompanhava a construção de um hospital. Havia também no período um projeto para que, junto ao futuro hospital, em parceria com a prefeitura, seja construída uma universidade federal de enfermagem e medicina.

Nos registros do Datafolha de 2004, destacava ainda o jornal Folha de São Paulo, 20% dos moradores locais consideravam o desemprego o problema mais grave da região sendo que 26% sentiam mais vergonha do que orgulho do bairro onde moravam.

“ Tem mais gente chegando que escolas, postos de saúde e áreas de lazer sendo construídas, diz Iracilda Silva dos Reis, 39, que preside o Centro Comunitário Castro Alves, de Cidade Tiradentes...” (Biancarelli, 2004, p. A 9).

⁴⁶ Ver: BIANCARELLI, Aureliano. Itaquera/Guaianazes. Região tem pouco lazer e muitas obras. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 25 de janeiro, 2004. SP, 450 Especial 36.

De acordo com Aldaíza Sposati, (1988) a mediação dos serviços públicos tem papel relevante para os espoliados significando algumas vezes o fim da purgação a que são submetidos. A pobreza, diz a autora, é vista como algo inseparável da estrutura de poder e das conseqüentes desigualdades.

Embora a presença desses serviços não signifique, necessariamente, a ruptura com a situação política de subalternidade dos moradores do distrito Cidade Tiradentes, podemos dizer que a sua ausência acarreta cada vez mais as condições de miserabilidade da população.

Já na fala de Fernando Antonio dos Santos, 51, coordenador do Movimento de Saúde da zona leste, se percebe que viver na Cidade Tiradentes em muitos dos casos parece ser sinônimo de um certo aprendizado para a vida.

“Tudo aqui está para acontecer (...) aqui aprendi o que é cidadania”, (Biancarelli, 2004, C1).

Ao lado das dezenas de rádios comunitárias (que são fechadas num dia e reabrem no outro, em outro lugar) temos a atuação ativa na Cidade Tiradentes de diversas associações locais.

Sede da Aliança Negra Posse “como chegar”

➤ Ônibus

Centro/Bairro

Ônibus – Cidade Tiradentes – 3539

Embarque – Terminal Parque Dom Pedro

Desembarque – Av. Dos Metalúrgicos, próximo à Rua René de Toledo. Entre nesta

rua e siga até a Rua Profeta Jeremias.

➤ Veículo próprio

Ponto de partida – Praça da Sé

Vire à esquerda na Praça João Mendes, e siga pela Rua Tabatinguera. Entre à direita na Rua Frederico Alvarenga e pegue o viaduto 31 de Março. Prossiga à direita na Av. Alcântara Machado – Radial Leste.

Passa pelo Viaduto Pires do Rio e siga pela Rua Melo Freire – Radial Leste. Vire à direita na Rua Conselheiro Carrão e depois, à direita novamente, na Rua Gonçalo Nunes. Pegue à esquerda na Rua Rodrigues Velho e continue pela Avenida 19 de Janeiro.

Prossiga pela Avenida Rio das Pedras e vire à esquerda na Avenida Dos Latinos. Siga, à direita na Avenida Ragueb Chohfi até a Estrada do Iguatemi. Entre à direita na Rua Nascer do Sol e siga à esquerda na Rua Igarapé Azul. Pegue à direita na Avenida dos Metalúrgicos, prossiga à direita na Rua René de Toledo e finalmente siga até a Rua Profeta Jeremias.

As instalações

A instalação ocupada pela Aliança Negra Posse, localizada na Rua Profeta Jeremias, antiga Avenida dos Bancários, Setor 85 e 89, de propriedade da Cohab foi cedida para a posse com renovação a cada dois anos, mediante comprovação via documentos de trabalhos executados pela ONG. Nesta área encontram-se situadas diversas entidades, dentre as quais destacamos a presença de uma Associação de Moradores; um Grêmio Recreativo; um Telecentro; a Associação de Defensores de Deficientes Físicos e da Mulher; uma Unidade

de Saúde da Família; o CTA – Centro de Tratamento e Aconselhamento em DST/AIDs e uma padaria comunitária, o Café Cohab.

De acordo com Elton Fernandes Ferraz⁴⁷, membro da posse, quando a ONG recebeu o espaço físico da Cohab, prontamente os componentes tiveram de pagar do próprio bolso algumas reformas urgentes, tais como, luz elétrica, sistema de saneamento e concerto do piso esburacado. Cabe ressaltar que geralmente, devido ao fato da sede ser um pouco distante da casa da maioria dos integrantes, algumas das reuniões, aquelas mais costumeiras, que às vezes serve apenas para colocar o assunto em dia, acabam sendo realizadas nas casas dos membros da posse.

Com o auxílio de outras pessoas, a ONG está tentando elaborar um projeto de captação de recursos para a compra de um espaço-sede, pois de acordo com Elton, o atual espaço não fornece as condições necessárias de se trabalhar com o grafite, devido a quantidade de poeira ocasionada pelo enorme tráfego no local. Outro fator que levou os membros à procura de outra localidade, é que muitas pessoas que vão até a atual sede se sentem frustradas com a pequena proporção do espaço e chegam até a pensar que lá é somente o escritório da posse, o que, aliás, tem seu fundo de verdade, já que o tamanho da sede vem dificultando em algumas das iniciativas da Aliança, como na realização de projetos ligados a aulas de inglês, de computação, palestras ou shows.

FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA ALIANÇA NEGRA POSSE

A palavra “posse”, como é designada internamente pelos componentes da Aliança Negra, significa a união de jovens ligados de alguma forma a cultura *hip-hop* (no caso da

⁴⁷ Entrevista realizada na Cidade Tiradentes, São Paulo, no dia 24/01/2004.

Aliança, de jovens ligados ao universo da música *rap*) e de pessoas simpatizantes, preocupados em contribuir, de forma significativa, na melhoria de vida dos moradores do distrito Cidade Tiradentes, a maior Cohab da América Latina (onde a ONG encontra-se estabelecida), e também nas adjacências.

A construção desses atores sociais encontra-se vinculada à reativação da esfera pública onde indivíduos, com filiação flexível, agem coletivamente e se empenham em deliberações comuns sobre todos os assuntos que afetam o bem-estar da comunidade⁴⁸.

De acordo com a integrante da posse Márcia Cristina Isidoro de Oliveira⁴⁹, a função da posse não é “ser um banco de empregos para ninguém”, mas sim um projeto de vida, o que é compartilhado por outro membro da posse, Gildean Silva Pereira⁵⁰, quando se refere que viver da posse é viver dos próprios ideais.

Podemos dizer que as identidades produzidas ao redor destes agrupamentos sociais são percebidas como um espaço relacional que envolve uma comunhão de sujeitos, e que é marcado por uma unidade pluri-subjetiva, com diversas polifonias de vozes, não centrada em si mesma, mas se comunicando entre si (um nós que implica a reciprocidade através de algo distinto de cada indivíduo e que impulsiona a uma ação coletiva), e com outros espaços relacionais, isto é, associações locais e não locais, outras ONGs, movimentos artísticos de diversa natureza. Desse modo, com experiências de diálogos, acordos, consensos e conflitos, a rede social tecida pela Aliança Negra vai se construindo por intermédio da cooperação e da comunicação, a procura de uma outra alternativa de substancialidade para a lógica global e pretensamente dominante do sistema.

⁴⁸ As sub-culturas juvenis, distinguidas por época e geração, assumem como característica de se formarem no terreno da vida cultural e social, ao redor de pontos e interesses distintos e com elos flexíveis de filiação. Ver: HALL, Stuart., et al. Sub-cultures, cultures and class: a theoretical overview. In: **Resistance through rituals. Youth sub-cultures in post-war Britain**. 2000, p, 9-74.

⁴⁹ Entrevista realizada no dia 17/02/2004, no distrito Cidade Tiradentes, São Paulo.

⁵⁰ Dados obtidos no dia 05/02/2004, no distrito Cidade Tiradentes, São Paulo.

Como um movimento emancipatório, a Aliança Negra Posse não é nem prevista nem controlada pela estrutura social vigente, tampouco se encontra fechada em uma dialética sistêmica ou tendenciosamente unitária. O “nós”, aqui, significa a conjugação dos diversos anseios individuais em uma comunhão de subjetividades, que engendra sentidos e ação comum, e que atualiza a si mesma e a todos os indivíduos vinculados livremente, à medida que as interações se concretizam. Diálogo, encontro, comunhão e, sentimentos de pertença são assim, elementos fundamentais na construção identitária desse “nós”⁵¹.

Numa estimativa apontada pelos próprios componentes do grupo, a ONG Aliança Negra Posse conta atualmente com aproximadamente 29 pessoas, tendo seu início em 1989, como a segunda posse de *hip-hop* de São Paulo, depois do Sindicato Negro, na Praça Roosevelt, zona central da cidade e a primeira localizada na periferia.

Foi no Clube de Esporte e Lazer Cidade Tiradentes, hoje conhecido como Poli-Esportivo que tivemos a reunião de mais de trinta grupos de *rap* da região, com o objetivo de selecionar oito melhores para participar do LP Som dos Pratos.

Na época, muitos dos grupos de *rap* classificados para participar da coletânea, viriam a se conhecer e dar existência a posse - The Panther M’C, Comando de Rua, Gangster Boys, S O. C. Rapper, Conexão Break, L.D.J., Street Máster, Domínio Negro. Atualmente muitos destes grupos fazem ou não mais parte da Aliança Negra Posse ou, ainda, continuam com outro nome, como no caso do Domínio Negro e do Conexão Break que passou a se chamar Fator Ético.

Assim sendo, através de um acordo firmado com os promotores do festival o nome do disco, gravado pelo selo independente Cash Box Record’s passaria a se chamar Aliança

⁵¹ Ver: RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação**, 1999, 231p. ; BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: história e literatura**. 1995, 96p.

Negra. Contudo, mal produzido e pouco divulgado o disco, na época, não alcançou o resultado de vendas esperado. Mesmo assim, algo de muito importante marcaria o início de uma história, pois segundo Franilson, Guru⁵², antes do concurso nenhum dos membros da posse se conheciam, apesar de morarem no mesmo bairro. E foi durante as disputas do festival, aos domingos, que os grupos trocando informações e contatos, fundaram a posse com o objetivo de realizar um trabalho sólido e de consistência musical no cenário do *hip-hop* local, além da ênfase no social envolvendo trabalhos com a comunidade visando na resolução das diversas carências.

Através de um sorteio, realizado pelos componentes surge “Atitude Negra” que de acordo com Franilson “Guru”, na época este nome soava para a comunidade *hip-hop* local como uma forma de resistência à violência policial no bairro ou a qualquer tipo de opressão por serem jovens pretos, periféricos e pobres.

O eu coletivo da posse Atitude Negra, naquele período, assumia uma postura de resistência contra a opressão ao mito da democracia racial (que de maneira dissimulada aparece até hoje como um artifício de mascaramento político e ideológico). Assumir a identidade racial negra implicava na escolha da identidade racial que tem a ancestralidade africana como origem (afro-descendente). Ser negro era, essencialmente, um posicionamento político, onde se assumia a identidade racial negra, um sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de construção social⁵³.

A mudança no nome somente viria a ocorrer no momento em que num dos *shows* realizados pela posse fora da região, ficou-se sabendo que na zona sul da cidade havia um

⁵² Dados obtidos durante entrevista realizada dia 19/02/04, no distrito Cidade Tiradentes, São Paulo.

⁵³ Ver: CUNHA, Livia Maria Gomes da. Depois da festa. Movimentos negros e políticas de identidade no Brasil. In: DAGNINO, Evelina ; ALVAREZ, Sonia; ESCOBAR, Arturo (Org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. 2000, p. 335-380.

grupo com o mesmo nome, então por respeito retiram “Atitude Negra” e noutra votação foi eleito “Aliança Negra Posse”.

Os primeiros encontros da posse liderados por Franilson de Jesus Batista “Guru”, e por Cláudio José Assunção, o Coquinho, aconteceram na Escola Municipal César Augusto Salgado, setor 81, da Cidade Tiradentes, conhecido no período por abrigar grupos de *rap* da região como no caso do Doctor’s MC’s.

“...No começo tínhamos a finalidade de crescer no mundo musical do *hip-hop*, então montamos a posse Aliança Negra (...) hoje em dia as pessoas que integram a Aliança Negra tem uma cabeça mais madura (...) de trabalhar dentro da comunidade da Cidade Tiradentes...”. (Entrevista realizada no dia com Cláudio José Assunção, no dia 24/01/04, na Cidade Tiradentes, São Paulo).

O objetivo principal dos grupos de *rap* que compunham no período a Aliança Negra caminhava muito mais de encontro ao crescimento da cena musical do *hip-hop* local, todavia, com o passar do tempo os problemas sociais foram tomando relevância e assumindo frente aos integrantes como algo de prioritário na atuação da posse.

A partir do fim da gestão da prefeita Luiza Erundina, em 1992, teve uma mudança na direção da escola César Augusto Salgado e, com isso, os encontros dos grupos de *rap* que freqüentemente ocorriam no local passaram a não serem mais permitidos. Diante disso, sem

lugar para se reunirem, os integrantes da Aliança Negra Posse acabaram se dispersando. Mas, foi no ano de 1998 que alguns membros da posse se reencontraram, e a vontade de dar continuidade aos ideais interrompidos resurgiu. Como recomeço, as reuniões acabaram se transferindo para a casa de um dos membros, Cláudio, o Coquinho, e durante alguns eventos na conhecida Escola César Augusto Salgado, após a troca definitiva da direção.

“...a gente desenvolvia trabalhos na escola, alguns se tornaram membros da posse. Os pais admiravam a posse, por tirar as crianças da rua e levar pra dentro da escola...”

(Entrevista realizada com Keké, Alexander de Sousa, no dia 24/01/2004, no distrito Cidade Tiradentes, São Paulo).

Nessa época, cerca de vinte grupos se encontravam para discutir questões ligadas à educação, gravidez precoce, o uso de drogas e o alto índice de doenças sexualmente transmissíveis, sendo que esse último se destacava na época enquanto um dos maiores problemas enfrentados pela região.

É importante destacar que, nesse meio tempo, com a falta de espaço para as reuniões do grupo, surge na trajetória da Aliança a “madrinha”, dona Cecília, pousando na contracapa do disco Aliança Negra, da Cash Box, ao lado das filhas Ana e Márcia, *rappers* de um dos grupos da Aliança, The Girls Rappers, que acreditando na seriedade do trabalho daqueles meninos cedeu um espaço na sua casa para as reuniões da posse.

“...ela sempre nos acompanhou desde o início da Aliança, ela se identificava com a proposta, era uma senhora viúva e que acompanhou a trajetória, o crescimento da Aliança Negra (...) então pra onde nós íamos ela sempre nos acompanhou (...) é uma pessoa respeitada por nós até hoje, pelo passado e pela contribuição que ela nos deu...” (Entrevista com Franilson, Guru, no dia 05/02/04, Cidade Tiradentes, São Paulo).

Logo no começo, a Aliança Negra assume a preocupação de trabalhar com o marketing da posse, assim, em quaisquer *shows* que fossem se apresentar usavam uma camiseta da cor preta, desenhado em prata um rosto com um boné e dentro um círculo escrito Aliança Negra Posse. De acordo com Elton Fernandes Ferraz⁵⁴, o círculo na camiseta simbolizava a união pela causa racial dos negros. E esse logotipo fez com que a Aliança se tornasse muito conhecida, nos anos 90, em diversos bailes fora do território local.

Em dias atuais, conta Elton, esse mesmo marketing ainda vem sendo utilizado em eventos e palestras como uma marca da união do grupo, contudo, da antiga camiseta temos outra também de cor preta com dois espectros (duas sombras) desenhados em dourado e escrito Aliança Negra, na parte superior, e Posse, na parte inferior, cujo propósito está em enfatizar a não uniformidade da posse, mas a pluralidade da associação não centrada apenas na questão racial e sim, preocupada com o redor.

⁵⁴ Informação obtida em entrevista realizada no dia 24/01/2004, no distrito Cidade Tiradentes, São Paulo.

Nesse caso, a comunicação se faz presente no momento em que a mensagem é transportada de um lugar para o outro, corporificada no canal “camiseta”, e materializada no signo “logotipo” com a filosofia da posse, visando exercer alguma influência ou produzir alguma transformação no receptor.

Podemos dizer que ao longo de sua existência a posse se faz valer de inúmeros instrumentos a fim de ser ouvida, ou seja, tornar-se conhecida diante do público a partir dos projetos desenvolvidos.

“...um tempo atrás tinha dois membros que trabalhavam numa rádio comunitária, o Cláudio e o Leco (Colina FM), e aí anunciava na rádio (...) já chego a ser filmado pela TV Cultura um evento que a gente fez, tem divulgação via internet também, tem uma página da Aliança Negra Posse...”
(Matusalém Feitosa dos Santos. Entrevista realizada na Cidade Tiradentes, no dia 20/01/2004).

Até o ano de 2004 a posse se utilizava da linguagem cinematográfica, na realização de pequenos documentários, que por intermédio da produtora independente, Joinha Filmes, sem sede e sem equipamentos próprios, atuava através de diversas parcerias, onde destacamos as ONGs Ação Educativa e Kinoforum.

A utilização dos mídias para exprimir suas próprias formas de resistência e de identidade contestadora já é prática recorrente para os membros da Aliança Negra Posse. A

partir do documentário, *Atitude em Cena*, que mostra a comunidade, e os trabalhos desenvolvidos por entidades das periféricas de São Paulo, o grupo vinha participando de fóruns, congressos e palestras em escolas e universidades privadas e públicas (geralmente com temas que iam desde temáticas ligadas a cidadania, a políticas públicas, educação, racismo, juventude, violência e periferia). Fora isso, a Aliança faz sua divulgação através da mídia boca-a-boca, *shows*, fanzines, página na *internet*, jornais, rádios comunitárias, faixas, cartazes, CDs de *rap* e entrevistas nas emissoras de tv aberta e fechada.

Todavia, produzir a mensagem pode significar uma atividade não tão simples como parece, já que a recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente e a cadeia comunicativa não opera de forma unilinear.

Neste caso, citamos a palestra ocorrida no Unicentro Belas Artes de São Paulo, instituição de ensino superior privado, localizado no bairro de Vila Mariana, onde a Aliança Negra esteve presente no dia 29 de abril de 2004, para falar sobre políticas públicas, cidadania e direitos sociais, contudo, alegando ter sofrido discriminação no saguão da recepção por um dos seguranças do local, que havia perguntado a um dos membros da posse para onde estavam indo, Elton Ferraz resolveu não mais discursar naquele dia sobre os projetos realizados pela ONG, alegando ter se sentido mal com a abordagem - se remetendo aqui ao fato de ser negro e pobre.

De acordo com a aluna-bolsista de publicidade e propaganda, Solange, 25, moradora do Jardim Irene, próximo a Santo Amaro, a ONG naquele dia demonstrou praticar o mesmo ato de preconceito sofrido contra os presentes do evento, além de possuir idéias centralizadoras voltadas apenas a temática racial. Mesmo sendo branca, afirmou Solange, diz se sentir parte da minoria que luta por condições de vida melhor.

“...Acho que eles deveriam ter falado da ONG, não tivemos culpa, é claro que foi uma falha muito grande da faculdade, mas nem por isso acho que não deveriam ter deixado de defender a idéia deles (...) a forma como eles passaram foi um pouco agressiva, eu não aceito vocês no meu mundo porque eu defendo o meu (...) apesar de uma grande maioria aqui ser branca, isso não quer dizer que sou racista (...) a briga deles é muito grande, vem desde a escravidão, agora eu acho que não é centralizando, tem que dá espaço pra aqueles que não são da mesma cor entrarem na briga também...” (Entrevista realizada no dia 03 de maio de 2004, no Unicentro Belas Artes de São Paulo).

Compartilhando da mesma idéia, a aluna de publicidade e propaganda, Marcelle, 18, moradora do Ipiranga, disse que se sentiu desmotivada a procurar saber mais sobre o trabalho da ONG.

“...não me senti tocada, a forma como eles passaram é o que eles sofrem, o que eles vivem, a mensagem da ONG ficou em aberto (...) eles generalizaram que todos ali eram ricos, e que só eles tem problemas da forma mais bruta e preconceituosa (...) eu senti que o

público estava se defendendo...” (Entrevista realizada no dia 05 de maio de 2004, no Unicentro Belas Artes de São Paulo).

Acreditamos que o desenvolvimento do espaço comunicacional gira em torno da abertura para que se desenvolva a valorização das diferentes falas, as diversas competências comunicativas, assim, o pertencimento, a participação e a criação, em que se desenrolam as ações e os discursos, em conformidade com as regras da pluralidade feita pelas múltiplas singularidades, onde todos possuem o direito a opinar⁵⁵.

Trabalhando sempre nos moldes da filosofia *hip-hop*⁵⁶, a posse passou a estabelecer contatos via e-mail com estudiosos de diversas partes do mundo, o que ocasionou no reconhecimento dos trabalhos no Canadá, EUA, Alemanha e Suécia, além de manterem contato com a organização Zulu Nation⁵⁷, a principal da cultura *hip hop* nos EUA.

⁵⁵ Ver tb. RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade.** Lisboa: Editorial Presença, 1990.

⁵⁶ O termo *hip-hop* na verdade designa um conjunto cultural vasto que deriva daí seus elementos artísticos: MC, *master of ceremony*, mestre de cerimônia ou *rapper*, a pessoa que leva a mensagem poética-lírica à multidão; o DJ, disc-jóquei, aquele que coloca a música para dançar; a dança *break*, para aqueles que se expressam por meio de movimentos da dança e o grafite, as artes plásticas do *hip-hop*. No Brasil o *hip-hop* tem se esforçado na tentativa de denunciar e buscar soluções para fatores que tendem a paralisar a pretensão de progresso neste país tais como, a pobreza; a violência urbana; a violência policial; a discriminação racial; o resgate da auto-estima dos afro-brasileiros; as altas taxas de desemprego, de desigualdade na distribuição da renda; o uso das drogas; a falência da rede educacional; chacinas, dentre outros. A cultura *hip-hop* alastra-se e polariza-se cultural e comercialmente ao reivindicar para si o papel de voz marginal(izada) da imensa geração de jovens diante da implacável colonização econômica do mundo globalizado. Ver: SANTOS, Rosana Aparecida Martins.

⁵⁷ O DJ Afrika Bambaataa ou Kevin Donavan, ex-membro da gangue de rua The Black Spades de Nova York, é identificado pelo programa ideológico que serve de base à cultura *hip-hop*. Ao criar, em 1974, a organização Zulu Nation, Bambaataa pretendia transformar as gangues violentas de jovens dos anos 70 em *crews* (grupos de dança), baseando-se em valores como a tolerância racial e a paz, na tentativa de acabar com as lutas entre gangues juvenis e transformar o duelo caracterizado antes pela violência em arte, a Zulu Nation vem buscando, ao longo da sua trajetória, saídas de reconhecimento identitário diante de um mundo urbano cada vez mais brutalizado. Ver: POTTER, Russell. **Spectacular Vernacular: hip-hop and the politics of postmodernism.** 1995, 191p.

Podemos verificar aqui a importância assumida pelos meios de comunicação na produção e circulação de mensagens de maneira rápida, na superação do contexto social no qual são produzidas, afetando pessoas em lugares distantes e em culturas diferentes. Com a atual fase da globalização no mundo, sobretudo, potencializado pela era informacional, temos automaticamente o estar-junto mediatizado, o que significa que o estar-junto passou a ser mediado pelas técnicas de comunicação (Sousa, 2001). A exposição das diferenças de cada cultura às outras, de minha identidade àquela do outro, passou a reconfigurar o sentido de cidadania⁵⁸, inaugurando novos modos de representação e participação social e política.

Como um dos veículos comunicacionais da posse, talvez o principal, a música *rap* encontra inserida em quase todos os eventos realizados pela ONG. Estando presente na história da Aliança, o *rap* acompanha as transformações da posse e expressa, de alguma forma, nas melodias e nas letras, a relação do indivíduo com o tempo e espaço como forma de estabelecer uma identidade cultural de resistência à opressão.

⁵⁸ Ver: MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalismo comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 2003, p. 57-86

Negros Idealistas

(Domínio Negro, Demo, 1990, Luciano Stetison e
Leco)

Refrão

Sou negro sim, não tenho vergonha não

Desde a abolição eu luto

I

Domínio negro agora vai falar, ao povo negro

Já cansado de sofrer chorar, se humilhar.

Conformados não pensam em lutar e se valorizar.

Ouçã a nossa voz escute o que eu digo

Tudo que sofremos é consequência do racismo.

Pois estamos marcados pela nossa cor

A nossa dignidade a muito tempo perdeu valor.

Nossa história é o fracasso e a glória do reino
escravista.

Os vilões se tornaram heróis e heroínas,

Durante anos os negro sofreu na escravidão
violentados

Condenados até chegar a abolição.

Em nossos corações continua a dor

Pois alguns negros se venderam por pouco
dinheiro sem ao menos ter algo na vida
Essa é a liberdade que a princesa dos
colonos planejou para nós.
Pois estamos sem espaço na sociedade como
se fossemos dele sua propriedade
Muitos de nós sem recursos tornaram-se
marginais
E hoje impera absoluto preconceito racial.
São diversos ataques contra a nossa cor
Até hoje sofremos
Até hoje sentimos dor a uma ferida aberta.
ainda em nosso passado. Nossos heróis
verdadeiros foram deixados de lado.
Heróis que arriscaram a sua vida por nós
Heróis que lutaram para nos libertar como o
rei negro Zumbi morreu para nos defende
Mais está vivo em nossas mentes nos dando
força pra vencer
Incorporados em nós jovens de idéias esses
momentos de dor não se apagaram jamais
Nosso presente corresponde com o nosso
passado
Qual será o futuro a nós negros reservados.

Refrão

II

O jovem negro encara a sua realidade,
Começa desde de cedo antes que seja tarde,
É doloroso saber que poucos irão nos ouvir
Que entrará por um ouvido e por outro irá sair.
Escute ouça o que temos para falar
Ou nossa luta de nada valerá.
Nosso futuro depende de nossa união
Domínio negro está ciente dessa situação
Pois a fome e a miséria está na vida de um
povo
Nós estamos mesmo com a corda no pescoço.
Crianças morrendo em sua própria amargura.
E nós negros lutando por uma vida mais justa.
Pois o negro está na mira da sociedade nos
julgam o fruto de toda marginalidade.
Só queremos viver num mundo em liberdade
Só queremos justiça
Queremos igualdade

Refrão

III

Já não suporto sofrer o preconceito de cor.

Só nós mesmos sabemos o quanto nos causador

E não será a burguesia que irá nos ajuda

Nem a polícia que com nos acabar

A polícia, faz parte de um sistema incerto

Com eles que me preocupo

Fique esperto ou vai parar num necrotério

Num é seguro num gueto.

CONTEXTO

O grupo de *rap* Domínio Negro fala ao povo negro, aquele que sofre pelas conseqüências do racismo, pessoas marcadas pela cor, e como porta-voz pede ao povo negro que conquiste sua auto-estima, sua liberdade, até o momento, apenas no papel, já que na sociedade o negro é propriedade, ou seja, não tem direitos, somente deveres.

Domínio Negro reclama os direitos, lembrando Zumbi que lutou pela causa negra e que permanece no coração e mente daqueles que tomam a luta racial como bandeira, por isso reivindica um futuro melhor através da união dos negros, fator esse principal para a um mundo de liberdade, justiça e igualdade, frente aos processos de marginalização gerados por um sistema excludente.

<i>Caracterização identirária construída pela narrativa musical</i>	<i>Dinâmica social</i>	Obstáculos presentes na construção poética	Aspectos valorativos presente na dinâmica textual
Aqui a imagem do negro aparece destacado como sofredor; povo humilhado; discriminado; conformados em não lutar; povo que perdeu sua dignidade; propriedade da	<ul style="list-style-type: none">• Representa a conseqüência da chamada violência promovida pela sociedade• Faz parte da população desprotegida, discriminada pela cor da pele	<ul style="list-style-type: none">• Falta de união do negro• Conformados, não pensam em lutar• Falta de valorização• Cor da pele• Falta de dignidade• Racismo	<ul style="list-style-type: none">• Lembrança dos heróis negros que lutaram pela causa racial• A luta pela igualdade, justiça e liberdade• A auto-estima• Dignidade• Leitura crítica da história

<p>sociedade; marginais, vivem na miséria; que sofre preconceito racial; falta união.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A estrutura social, o sistema, que gera a pobreza, o preconceito racial e a humilhação 	<ul style="list-style-type: none"> • Esquecimento dos heróis negros que lutaram pela causa racial 	<ul style="list-style-type: none"> • O jovem negro enquanto sujeito crítico
---	--	--	--

Provérbios da vida

(Shallom Adonai, música não gravada,
2001, Cláudio José Assunção)

I

A vida percorre e se completa na velocidade
do tempo

Passa tão rápido que nós nem percebemos

Nem todos são fortes o suficiente para resistir

A vida está tão difícil faz mais chorar do que
sorrir.

O desemprego tomando conta das quebradas

A falta do que fazer levando a juventude às
drogas

O resultado do que se planta é o que se colhe

Quem cultiva a maldade não pode contar com
a sorte

A consequência, a violência, a realidade é essa

Não precisa dizer é como se estivesse escrito
em minha testa

Ainda tenho a esperança que os perdidos
encontrem o caminho.

Procure a trilha que leva aos braços de Jesus
Cristo

A vida difícil é, mais tem que ter fé

Se torna mais fácil a conquista
Daquilo que se acredita
Sonhos, metas, corra atrás do que lhe interessa
Nunca se esqueça que estamos só de passagem
pela terra
Aproveite seu tempo pois ele é curto
A eternidade é alvo de muitos
Muitos são loucos e vão pro caminho que leva
ao fundo do poço
E o privilégio de ser eterno fica pra poucos
Deus é o guia é a saída
A luz que de lá de cima brilha
Se está perdido amigo procure em Jesus Cristo
A saída, em Jesus Cristo à saída

Refrão

Procure a trilha Deus é o guia
Provérbios da vida

II

Deus é o guia é a saída se apegue mais a bíblia
Não procure por ele só quando está de mal
com a vida
Divida com ele também a alegria

Nesta hora não o deixe de fora
Traga sempre a idéia fixa e tudo se transforma
Como a fome em comida
O frio em calor
Solidão em união
O ódio em amor
Tristeza em alegria
Maldade em bondade
São tantas palavras e todos necessitam da fé
Eu sei como é que é palavras de mulher
Te dou uma dica não pense que as coisas estão
perdidas
Não deixe que a má fase acabe com sua vida
Palavras negativas tire do seu coração
Não de ouvidos pode ser a sua perdição
Ouça o que eu digo em nenhum momento
estou mentindo
Procure a trilha é tão fácil o caminho
Porque procuras fazer sempre o mais difícil
Se apegue ao guia que é Jesus Cristo

Refrão

III

Procure a trilha, fuja desse caminho tão vazio

Tudo que eu sei, é o que eu passei e o que
sinto

Tem gente maldosa que não pensa duas vezes
Tiraram o sorriso do meu amigo que vivia
alegremente

E uma armadilha na sua trilha o levou para a
justiça

Atrás do X um menino inocente que nada
devia

Com muita oração, com a fé, com a força da
paz

Ele saiu de lá.

Ah! Deus é mais

Estou aqui para contar essa experiência

A justiça de Deus tarda mais não falha

Basta ter crença.

A ansiedade, angustia de se obter o mais
rápido

Mais muita calma, paciência é necessário

Assim eu consegui, assim você vai conseguir

Basta apenas o caminho certo seguir

Esqueça o ódio, a maldade. O orgulho

Seja puro

Sua sabedoria vale muito

O amor é a saída duradoura, inteligente para a
salvação

Guarda isso em sua mente

E o auxílio pra você achar a trilha, o caminho

Então seja mais um seguidor de Jesus Cristo.

Refrão

CONTEXTO

Retrata as dificuldades da vida cotidiana, do desemprego que circunda a periferia, a falta de ocupação que leva os jovens rumo às drogas, a presença da violência. É preciso, diz a letra, ter fé acreditar em Jesus Cristo, que dividimos as alegrias, por isso é preciso se apegar mais a Bíblia.

É necessário não perder as esperanças, os sonhos. Este é um lugar de passagem, é preciso aproveitar cada vez mais o tempo, porque ele é curto. Deus é o guia e a saída. Tirar as palavras negativas, que levam o homem à perdição, do coração. Diz a canção que devemos procurar a trilha que é fácil, sendo que o guia é Jesus Cristo. Numa forma impessoal temos o relato de uma alguém que já passou por essa situação, e aconselha que é preciso tomar o caminho certo da fé, da oração, e esquecer o ódio, a maldade, o orgulho. No final temos o convite a tornamos seguidores de Jesus Cristo, aquele que nos mostra a salvação e nos trás a paz eterna.

<i>Caracterização identitária construída pela narrativa musical</i>	Dinâmica social	Obstáculos presentes na construção poética	Aspectos valorativos presente na dinâmica textual
Temos a presença dos fracos e dos fortes. Pessoas que são fracas: não tem	<ul style="list-style-type: none">• Vida repleta de dificuldades, onde tudo acontece muito rápido devido a	<ul style="list-style-type: none">• Fraqueza para resistir• Ociosidade forçada na periferia que leva	<ul style="list-style-type: none">• Esperança, o amor como saída para as dificuldades do dia-a-dia

<p>capacidade de resistir a dificuldades da vida; encontram-se a todo o momento perdidas; não tem fé nem sonhos; muitos caminham para o lado errado; procuram Deus apenas quando algo vai mal; carrega consigo as palavras negativas.</p> <p>Pessoas que são Fortes: ainda tem a esperança; aqueles que têm fé; têm sonhos, metas; aquele que é seguidor de Jesus Cristo, e tem Deus como guia; lê a bíblia; aqueles que acreditam na transformação e no lado positivo da vida; aqueles que oram; aqueles que acham a salvação e a paz eterna.</p>	<p>velocidade do tempo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desemprego na periferia “quebrada”, violência • Falta de ocupação leva ao caminho errado, por exemplo, leva ao mundo das drogas • Mundo que apresenta o lado positivo, a fé, a oração, a bíblia, a figura de Deus como o salvador e Jesus Cristo como o guia para a salvação e paz eterna 	<p>a caminhos tortuosos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Maldade, o orgulho • Violência • Não correr atrás dos sonhos, das metas • Não ter fé • Não ter Jesus Cristo como guia • Não se apegar a Bíblia • Não ter confiabilidade e crença em Deus • Se deixar abater pelas más fases • Angustia e ansiedade 	<ul style="list-style-type: none"> • Resistir, ser forte • Jesus Cristo como guia • Correr atrás dos sonhos, das metas • Ter fé • Aproveitar cada segundo a vida pensando em positividade • Confiabilidade e crença em Deus • Se apegar a Bíblia • Não se deixar abater pelas más fases • Calma e a paciência
--	--	--	--

Tributo a Paulo Freire

(Fator Ético, música gravada em fita de vídeo em show realizado no Tuca/PUC, 1995, Franilson Batista)

Refrão

lá, lá, lá...

Vivendo e aprendendo com Paulo Freire

Vamos vendo e tendo a certeza de uma realidade

Pois quem realmente mudou a história

Foram aqueles que mudaram

Os pensamentos dos homens

A respeito de si próprios

I

O Fator contribuiu para um resultado

Sua dá testemunho do que foi gerado

Ético foi nos estudos dos juízos

Na conduta pedagógica ele foi preciso

Revolucionou a educação

E o sistema arcaico

Ensinando o beabá como é de fato

A partir da realidade dos educandos

Suas idéias se espalharam em todos os cantos

Suas obras são reconhecidas mundialmente

Atravessou nosso país e os continentes

Refrão

II

Nascido em Recife

Capital nordestina

Olha só como é a sina

Perdeu seu pai aos treze anos de idade

Aos vinte e dois ingressou na faculdade

Se formou advogado

Não exerceu a profissão

Mas o que falou mais alto

Foi a área da educação

Paulo Freire foi precursor

Da pedagogia libertária

Ele lutou e venceu foi à batalha

Conquistou muitos alunos e também

professores

E ganhou a confiança de muitos leitores

Refrão

III

Vários anos se passaram

E seu nome foi honrado

Recebeu títulos e foi condecorado

De doutor em Filosofia e História da
Educação

Defendeu tese e programa de alfabetização

Publicou vários livros com temática educação

Viajou pelo mundo e passou a ser cidadão

Refrão

IV

Esse é o tributo a Paulo Freire

Revolucionário da educação

Do grupo Fator Ético

Para onde estiver

Descanse em paz!

CONTEXTO

A letra é um tributo do grupo Fator Ético ao educador Paulo Freire, um homem que revolucionou a educação através da pedagogia libertária partindo da realidade dos educandos. Ganhou muitos títulos e ficou conhecido e respeitado em todo o mundo, ganhando a confiança de muitos leitores.

Caracterização identirária construída pela narrativa musical	Aspectos valorativos presente na dinâmica textual
Paulo Freire: <ul style="list-style-type: none">• Mudou a história• Mudou o pensamento dos homens• Mudou o pensamento de si próprio• Revolucionário da educação	Paulo Freire: <ul style="list-style-type: none">• Exemplo a ser seguido• Revolucionário da educação• À frente do seu tempo• Conhecido e respeitado mundialmente• Lutou e venceu na vida, ganhou vários títulos

<ul style="list-style-type: none">• Precursor da pedagogia libertária• Um homem que recebeu muitos títulos• Perdeu o pai muito jovem e que entrou na faculdade com 22 anos• Ganhou confiança de professores e alunos• Ganhou a confiança de muitos leitores	
---	--

A verdade não dita

(Coletânea Aliança Negra, Conexão Break
Rapper's, atual Fator Ético, 1988, Franilson
Batista)

I

Num beco escuro olhar atento estar
Na beira da calçada um inocente a sangrar
Pois ficará um grito calado na alma de um
inocente
Confundido com outro considerado
delinqüente
A polícia para que? Eles são astutos
Só porque usam fardas se julgam donos do
mundo
E os irmãos se foram nada mais se falaram
O B.O batido e nada constado
Nos arquivos da polícia conflito, intrigas e por
baixo de tudo a verdade não dita

Refrão

É a verdade não dita
É a verdade não dita

II

É por isso que temos a voz da razão
De falar o que sentimos e o que vem do
coração
São coisas que todos tem medo de falar
Fatos da vida que vamos declarar
Não adianta esquecer o que passou
Por isso que sofremos quando tudo começou
O que nos enobrece é a arte hip-hop
É o que nos fortalece e nos deixa bem mais
forte
Pra viver neste mundo tão difícil
Que é cheio de misérias, maldades, conflitos
Não somos derrotistas ou tão pouco
pessimistas
Queremos neste mundo um sistema de vida
Vida verdadeira não a essa bandalheira
Não pense vocês que tudo é besteira
Entre no mundo da realidade, vocês vão
perceber que tudo que digo é verdade

Refrão

III

O desejo de todo é alcançar um ideal

É por isso que contamos e explicamos o
principal

É lamentável, mas nos temos que dizer

A verdade permanece e ninguém pode
esconder

Pagamos pra nascer, pagamos pra morrer

E quando vamos parar de sofrer?

O sofrimento já virou rotina, começa nos
adultos e vai até as criancinhas

Que sai pelas ruas a procura de respostas

Mas muitos otários viram as costas

Eles não sentem o menor constrangimento

E faz o nosso povo viver no sofrimento

Refrão

CONTEXTO

Nessa letra o grupo Fator Ético se coloca como a voz da razão e procura relatar fatos da vida cotidiana, o mundo da realidade marcado pelo silêncio cujo medo é transformado em algo rotinizado, permeado pela injustiça, sofrimento, dor, miséria, vítimas inocentes, intrigas, conflitos, com a presença de policiais corruptos a serviço não da população, mas que se utilizam de suas fardas para implantar o terror e impor o poder.

A arte hip-hop enobrece o coração, fortalece e dá força para vencer os desafios impostos. Para isso, reivindicam um mundo cuja verdade permaneça diante do sofrimento imposto ao seu povo.

Caracterização identitária construída pela narrativa musical	Dinâmica social	Obstáculos presentes na construção poética	Aspectos valorativos presente na dinâmica textual
<ul style="list-style-type: none">• Povo que sofre; vítimas inocentes; injustiçados; que vive na miséria; morrem por engano; vivem com medo• Polícia não a serviço da população,	<ul style="list-style-type: none">• Mundo de dificuldades, permeado por intrigas, maldades, conflitos, interesses, mentiras	<ul style="list-style-type: none">• Polícia• Conflitos, intrigas dos arquivos policiais• Medo• Mundo repleto de miséria,	<ul style="list-style-type: none">• Hip-hop enobrece e dá força para resistir• Fator Ético exemplo de povo que resiste• Um sistema de

<p>aparece como inimigos, de quem não se pode confiar; corrupta</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fator Ético é a voz da razão, diz aquilo que todos têm medo de relatar. Pessoas que tem como filosofia a cultura hip-hop, enobrece e fortalece aqueles que resistem e procuram a verdade escondida; não são derrotistas e nem tão pouco pessimistas. Procuram um vida verdadeira, sem mentiras 	<ul style="list-style-type: none"> • Povo vive em sofrimento, vítimas inocentes, ocasionado por outros que tendem a virar as costas 	<p>maldades, sofrimento que virou rotinizado</p> <ul style="list-style-type: none"> • Um não sistema de vida verdadeira • Pessoas que viram as costas intencionalmente e auxiliam a perpetuar esse mundo 	<p>vida verdadeira</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alcançar um ideal • Razão
--	--	--	---

A música rap é um terreno de disputas entre modalidades de expressão vocal, visão política e estilo, em que os negros pobres urbanos podem expressar suas inquietações, cujo R significa rima e ritmo, e o P, poesia – e em alguns caso política.

Na metrópole paulista, os primeiros *rappers* cantavam na rua, improvisando ao som de latas, palmas e o beat Box (imitação das batidas eletrônicas feitas com a boca). No começo havia também pouca preocupação com o conteúdo contestatório nas letras, onde tivemos a aparição do rap descontraído conhecido como rap estorinha. No final dos anos de 1980, as primeiras coletâneas de *rap* começaram a ser gravadas em São Paulo, com a predominância de uma enorme variedade de estilos⁵⁹.

Quando ouvimos o rap notamos como característica principal, ser instrumento de identidade e auto-afirmação num meio cada vez mais hostil. Os *rappers* freqüentemente chamam a atenção para si e usam essa forma musical para afirmar sua própria identidade. É muito comum os *rappers* se utilizarem de pseudônimos, que como uma máscara na tradição da cultura africana, em algumas ocasiões, pode significar que esteja falando por ele mesmo, pelo grupo ou pela comunidade, cuja preocupação de seus praticantes é dizer quem são, de onde vêm, o que têm em mente e que não estão mentindo, apenas relatam uma realidade de contradições também por eles vivenciada. Na verdade, os *rappers* são os intelectuais orgânicos de Gramsci, capazes de expressar as experiências de opressão de sua comunidade e de detectar causas e possíveis soluções para problemas expressos na música.

De acordo com Douglas Kellner (2001), o *rapper* muitas vezes é como um ministro da igreja, pois segundo o autor, traz uma mensagem para seu público, que de

⁵⁹ Ver: ZENI, Bruno. O negro drama do *rap*: entre a lei do cão e a lei da selva. In: **Estudos Avançados**, Dossiê O negro no Brasil, volume 18, n. 50, janeiro/abril 2004.

modo muito similar à igreja, que tem seu coro, canta acompanhado de um coral de fundo.

O *rap* frequentemente fala de grupos que estão fazendo algo pela comunidade, assim, como de heróis e tradições negras radicais do passado recente. Refere-se com frequência a Zumbi, Malcom X, aos Panteras Negras, de forma a lembrar a luta contra a escravidão e a necessidade de se conscientizar sobre a herança colonial brasileira, que ainda projeta suas seqüelas sobre a sociedade contemporânea.

Além disso, o *rap* possui uma linguagem própria – quebrada, crocodilagem, gueto, voz da favela, mano, mina, procede, *crews*, posses, dentre outras – que vem se constituindo no principal veículo de contestação e auto-estima para uma parcela de jovens negros e mestiços moradores da periferia da cidade de São Paulo. Por meio do conteúdo das letras, diversos jovens tendo como inspiração e cenário o cotidiano da(s) periferia(s), num forte apelo religioso faz da palavra instrumento de iluminação, um sentimento de pertencimento, do lugar onde vivem, ao mesmo tempo em que cantam fazem a denuncia das situações de discriminação étnica e a marginalização de jovens afro-descendentes no interior de um mundo de exclusões “...por meio do *rap*, estes jovens expressam as amarguras, as decepções, as revoltas de um cotidiano totalmente fragmentado, oprimido, cheio de contradições, injustiças e sem perspectivas...” (Tella, 2000, p. 18). A musicalidade do rap possibilita a representação da realidade a partir do momento em que apresenta em suas letras situações de distinções e diferenciações sociais, além da reorganização das pessoas em determinados grupos ou classes sociais ao expressar as diferenças entre uns e outros.

Caber notar que as letras transmitem experiências e, muitas vezes, mensagens. Em geral é executado em andamento rápido. O rap segue uma tradição afro-americana de contar histórias longas com variações individuais e refrões em solo repetidos

indefinidamente como no *rag-time*, no *jazz* e no *blues*. Trata-se de uma forma híbrida, que combina tradições afro-americanas com estilo contemporâneo, misturando voz humana e tecnologia, sons existentes e fragmentos sonoros da mídia, música e ruído disonante⁶⁰.

Como uma forma de linguagem universal o *rap* vem proporcionando nas periferias de São Paulo novas referências, apropriando e recriando memórias do grupo, e do local.⁶¹

Atualmente a Aliança Negra Posse é composta dos seguintes grupos de *rap*: Original Hip-Hop, Sistema Positivo, Fato Ético, Embriões, Domínio Negro, Shallom Adonai, Reflexão Urbana, Defesa de Rua e ZAIL.

Mesmo contendo no nome algo que simbolize a aliança de jovens negros, a Aliança Negra se mostra pluralista, pois engloba pessoas de diferentes credos, gostos, raças, e simpatizantes de diferentes classes sociais. Mas, para Elton Fernandes Ferraz⁶², reafirmar a união por meio da temática racial se faz necessário diante de um país onde a cor da pele e as características fenotípicas acabam por operar como referências que associam, de forma inseparável, raça à condição social, o que leva o afro-descendente a internalização do julgamento de inferioridade.

A isso, remetemos a autora Aldaíza Sposati que chamará de exclusão social, no livro

⁶⁰ O rap, através do seu dj (disc-jóquei) que manipula os sons eletrônicos, geralmente utiliza sofisticadas modalidades tecnológicas de reprodução do som diante de uma colagem de sonoridades urbanas, chegando a ser transgressivo. Trata-se freqüentemente de sons desordenados, com ruídos de carros de polícia, helicópteros, tiros, vidro quebrando, seleções de rádio, televisão, discos e agitação urbana.

⁶¹ A música *rap* nasceu na era do disco, no meio dos anos de 1970, nos guetos de Nova York: primeiro no Bronx, depois no Harlem e no Brooklin. Enquanto cultura de rua, o *rap* torna-se um instrumento de identificação, também via história oral, com seus causos, mitos, personagens, ícones. O *rap* começou a se expandir pelas periferias de São Paulo por meio de pequenos bailes e festas. No Brasil, os *rappers* se tornaram agentes do entretenimento nos bairros empobrecidos, em conjuntos habitacionais ou, ainda, em favelas, sendo que em alguns locais passaram a ser o único meio de lazer para os jovens periféricos. Ver: SANTOS, Rosana Aparecida Martins. **O estilo que ninguém segura: mano é mano! Boy é boy! Boy é mano? Mano é mano? Reflexão crítica sobre os processos de sociabilidade entre o público juvenil na cidade de São Paulo, na identificação com a musicalidade do Rap Nacional.** 2002, 274p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁶² Dados obtidos durante entrevista realizada no dia 31/01/2004, Cidade Tiradentes, São Paulo.

Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo (1996), a impossibilidade do indivíduo de poder partilhar da sociedade levando a condição de apartação social - o ato da privação de autonomia, do desenvolvimento humano, da qualidade de vida e da igualdade em se ter direitos. Encontram-se aqui incluídos: a pobreza, a discriminação, a subalternidade, a não equidade, a não acessibilidade e a não representação pública.

Nesse caso, para que os problemas possam ser encarados como públicos e não mais vistos como secundários, torna-se necessário, antes de tudo, que os mesmos sejam compartilhados por diversas pessoas.

Uma das especificidades da posse é atrair jovens interessados com o próximo, dispostas a defender suas idéias e práticas.

“...eu até lembro que para entrar na Aliança você tinha que ter uma ideologia, você era entrevistado por um dos membros da posse para saber qual a sua ideologia, o que você pensava. Para entrar na Aliança não tinha que ser simplesmente de um grupo de *rap*, que queria cantar *rap*, pra fazer fama, pra catá mina, não! O cara tinha que ter uma ideologia, esse era o ponto principal (...) pessoas que tinham, ambição de mudar, mano! Fazer alguma coisa pelo bairro, pelo negro em si...” (Entrevista ZAP, Arnailton Ribeiro da Silva, no dia 31/01/2004, Cidade Tiradentes, São Paulo).

De acordo com Eni Puccinelli. Orlandi (2000), as formações discursivas representam no discurso, as formações ideológicas, o que significa dizer que os sentidos sempre são determinados ideologicamente. A ideologia é a chave analítica para o entendimento desses novos movimentos sociais, incluindo a estruturação das atividades como parte do sistema representacional do ator. A ideologia aparece como o conjunto de estruturas simbólicas aos quais os atores coletivos usam para representar suas próprias ações, para si e para os outros, dentro de um sistema de relações sociais.

Toda ideologia tem por função constituir indivíduos concretos em sujeitos. Nesse processo de constituição, a interpelação e o (re)conhecimento exercem papel importante no funcionamento de toda ideologia. O reconhecimento se dá no momento em que o sujeito se insere, a si mesmo e a suas ações, em práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos. Como categoria constitutiva da ideologia, será somente através do sujeito e no sujeito que a existência da ideologia será possível (Melucci, 1996a, 1996b).

“... devemos conhecer muito mais ainda nossos direitos e acreditar nisso (...) lutar contra o preconceito, lutar contra o racismo, entendeu, contra a alienação das drogas que invade a periferia, contra a alienação das armas, tudo aquilo que o sistema tenta colocar pro jovem brasileiro, principalmente, pro jovem da periferia, o negro, que é o que mais sofre com isso (...). nós aqui do fundão da periferia nós temos ideologia, nós temos sabedoria, nós temos uma riqueza cultural, somos pobres de grana, de condições financeiras (...) somos pessoas que estão procurando um

ideal...” (Entrevista realizada com ZAPI, Arnailton Ribeiro da Silva, no dia 31/01/2004, Cidade Tiradentes, São Paulo).

Tanto as formações ideológicas quanto às formações discursivas, ambas representam espaços dialéticos para a constituição de subjetividade (s), onde habitam as contradições os conflitos, e a mudança.

Em todos os projetos executados pela posse, se vê a preocupação de não apenas tomar os dados estatísticos de algum órgão, como no caso IBGE, como a única fonte absoluta da verdade. Antes da execução de cada projeto os membros da posse saem a campo e se transformam em pesquisadores do seu próprio bairro, para isso, sentem a constante necessidade de se posicionar e se prepararem para diversas temáticas, como violência, saúde, educação, etc.

À vontade de se tornar uma ONG (organização não governamental), segundo Cláudio “Coquinho”, viria a partir das facilidades geradas com o processo de institucionalização, visando angariar os fundos necessários para dar continuidade aos trabalhos da posse, dificuldade esta até então enfrentada pela Aliança.

“...participamos junto de uma ONG num projeto que queríamos dar continuidade só que o projeto terminou e a entidade não quis dar continuidade. Queríamos dar continuidade e não podia porque a gente não era ONG, não era credenciado pra correr atrás dos patrocínios...” (Entrevista com Cláudio José Assunção, no dia 31/04/2004, Cidade Tiradentes, São Paulo).

A mesma dificuldade é lembrada por Uiliam Castro Kawatoko,

“No começo a gente tinha vários problemas, a gente conseguia a verba pra algum projeto nosso, mas tinha que nos associar a alguma ONG ou alguma outra associação que era já registrada (...) reunimos todos os nossos documentos, fotos, fitas, entrevistas, vídeos, cartas, depoimentos que a gente trabalhou com várias ONGs, fomos até um contador, fizemos uma rifa para buscar dinheiro, buscamos apoio dos comerciantes locais. Tivemos que por dinheiro do nosso bolso pra tirar xerox, porque você tem que pagar a autenticação, pagar um contador. Tivemos sorte que o contador ajudou a gente e fez de graça algumas coisas (...) tivemos que fazer vários caminhos pra abrir outros caminhos” (Entrevista realizada no dia 19/02/2004, Cidade Tiradentes, São Paulo).

O chamado terceiro setor (organizações não-governamentais, fundações, associações e outras entidades sem fins lucrativos), surge no Brasil a partir da década de setenta, no âmbito do sistema internacional de cooperação para o desenvolvimento. Sua origem no período autoritário e seu horizonte internacionalizado numa época de exacerbação dos embates ideológicos globais resultaram numa ênfase na dimensão política das ações, aproximando-as do discurso e da agenda das esquerdas. Na década de 80 foram as ONGs

que, articulando recursos e experiências na base da sociedade, ganharam visibilidade enquanto novos espaços de participação cidadã⁶³.

Compostas de organizações sem fins lucrativos, as ONGs atuam onde o Estado – primeiro setor- e o setor privado – o segundo setor – não funcionam ou simplesmente encontram-se ausentes.

Preocupada em construir formas de intervenção social-democráticas, que convertam os atores sociais em sujeitos sociais, ou seja, em cidadãos, no ano de 2000, a Aliança Negra Posse, seria reconhecida como ONG, isto é, organização não-governamental.

Com as novas mudanças, tivemos a saída de alguns membros da posse que não mais se identificavam com a nova direção tomada pela posse e formaram ao longo do tempo outras associações na Cidade Tiradentes, como é o caso do Força Ativa e do CADESC, e em Guaianases, o Ética e Arte.

Segundo Uiliam “Japa”⁶⁴, alguns fatores como, a finalidade da ONG Aliança Negra Posse e a atribuição dos cargos de conselheiros, presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretários, dentre outros, foram colocados como pontos centrais a serem discutidos pela posse.

As funções são bem delimitadas na posse “temos o presidente, nós temos os conselheiros, temos as secretárias, temos uma seqüência de funções, cargos...”, mas o

⁶³ As ONGs se encontram dentro de um conceito chamado de Terceiro Setor, que abrange o amplo espectro das instituições filantrópicas dedicadas à prestação de serviços nas áreas de saúde, educação e bem-estar social. Compreende também as organizações voltadas para a defesa dos direitos de grupos específicos da população, como as mulheres, negros e povos indígenas, ou de proteção ao meio ambiente, promoção do esporte, da cultura e do lazer. Engloba as múltiplas experiências de trabalho voluntário, pelas quais cidadãos exprimem sua solidariedade através da doação de tempo, trabalho e talento para causas sociais. Mais recentemente temos observado o fenômeno crescente da filantropia empresarial, pelo qual as empresas concretizam sua responsabilidade e compromisso com a melhoria da comunidade. No Brasil, como de resto em toda a América Latina, o Terceiro Setor exibe um papel insubstituível na mobilização de recursos humanos e materiais para o enfrentamento de desafios como no combate à pobreza, à desigualdade e à exclusão social. Ver: CARDOSO, Ruth et al. (Org.) . 3º. Setor: desenvolvimento social sustentado. 1997, 173p.

⁶⁴ Dados obtidos em entrevista realizada no dia 19/02/04, Cidade Tiradentes, São Paulo.

objetivo dessa hierarquização diz Marilene de Oliveira Marcelino, está na organização dos trabalhos desenvolvidos.

“...tem o presidente que representa a Aliança, e todas as negociações tem que passar pela mão dele. Na verdade, ele decide junto com o grupo de conselheiros, ele não toma nenhuma decisão sozinho e nem os conselheiros tomam decisões sozinhos, qualquer decisão é passado pelo corpo geral da Aliança. As funções são divididas para que haja um melhor aproveitamento de todas as idéias que vem de fora e que vem inclusive da comunidade...” (Entrevista realizada em 19/02/2004, no distrito Cidade Tiradentes, São Paulo).

Nesse caso, talvez o certo seria não falar de hierarquização dentro da posse, mas uma divisão por especialistas visando um melhor aproveitamento em todas as áreas e a limitação de poder entre uns e outros, para que todos possam participar e opinar.

As reuniões são realizadas uma a cada mês, todavia, não existe data específica, dependendo sempre da urgência que se têm em conversar ou resolver algo. Na verdade, qualquer integrante da Aliança Negra pode sugerir uma reunião, e o presidente fica incumbido, em comum acordo, de marcar a data, o horário e o local.

“...a Aliança Negra é uma posse de livre-arbítrio. Os participantes tem o direito de manifestar sua individualidade, de se colocarem, não tem nada de quem é líder quem não é, sempre conversamos para chegar num bem comum...” (Entrevista realizada com Franilson Luis de Jesus Batista, 32, Guru, no dia 10/02/2004, na Cidade Tiradentes, São Paulo).

Entendemos que para a existência do campo comunicativo e a constituição dos projetos desenvolvidos pela Aliança Negra é necessário que haja, antes, uma interação cooperativa e igualitária entre seus componentes envolvidos no processo.

Logo, para Franilson, o fato da posse ter seu presidente, vice-presidente é mera formalidade e tem haver, antes, com o fato de ser ONG, ser institucionalizado afim de facilitar a obtenção dos financiamentos para os projetos.

Cabe ressaltar que mesmo com o processo de institucionalização da posse, a ONG Aliança Negra continua tendo dificuldades na obtenção de financiamentos para os trabalhos executados, pois no momento em que enviam seus projetos competem com ONGs conhecidas e muitas vezes mais estruturadas, o que acaba dificultando na aprovação.

Muitas das dificuldades enfrentadas pela ONG passam em grande parte pela falta de infra-estrutura, como a aquisição de um telefone na sede, computador, fax e até mesmo um veículo próprio de locomoção. O dinheiro para pagar as contas muitas vezes sai do bolso dos próprios membros da posse, “...temos projetos e estamos esperando financiamento...”, explica Elza, secretária da ONG. Torna-se complicado fazer divisões de tarefas dentro da

posse, pois todos os membros trabalham em outro lugar que seja remunerado, “...todos trabalham juntos, cada um no seu tempo dependendo da carga horária, o tempo que cada um tiver no momento...” (Entrevista realizada em 31/01/2004, Cidade Tiradentes, São Paulo).

Segundo Márcia Cristina Isidoro de Oliveira, geralmente os integrantes da posse tendem a fazer um “rateio” em dinheiro para pagar uma conta de água, luz, manutenção da sede. O que quer dizer que a ONG vem sobrevivendo exclusivamente com a ajuda financeira vinda dos próprios membros da posse, que todo mês, espontaneamente, contribuem com uma soma em dinheiro (aqui dependendo da situação financeira de cada componente).

“...tem que ter um caminho pra que essas ONGs possam conseguir se manter, políticas melhores pro trabalho dessas ONGs...” (Entrevista realizada dia 19/02/2004, na Cidade Tiradentes, São Paulo).

Para isso, Atele dos Santos⁶⁵, aposta numa continua renovação dentro da posse na busca dos meios e das condições necessárias para formar diversas parcerias.

⁶⁵Dados obtidos em entrevista realizada no dia 19/02/04, Cidade Tiradentes, São Paulo.

CARACTERIZAÇÃO DOS PROJETOS

Em seus trabalhos a ONG vem realizando através da linguagem do *hip-hop*, principalmente da musicalidade do *rap*, projetos voltados aos jovens da região da Cidade Tiradentes, na maioria negra (já que estatisticamente o distrito possui uma soma consideravelmente alta de moradores afro-descendentes), e englobando dentre outros, as seguintes temáticas: palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis; drogas; conscientização e valorização da auto-estima do jovem afro-descendente; educação; campanhas de agasalhos; arrecadação de brinquedos e alimentos não perecíveis.

Modos de atuação:

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Rapensando a Educação
2. Data da implementação	1988
3. Local	Escolas Municipais da zona leste de São Paulo
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participante)
5. Ênfase prioritária	Discutir a cultura hip-hop e sua ação no campo da educação
6. Estratégia de intervenção	Palestras, oficinas de hip-hop e shows
7. Parcerias envolvidas	Secretária Municipal de Educação
8. Público alvo/beneficiário	Jovens alunos e jovens da região
9. Fontes de financiamento	Secretaria Municipal de Educação
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Desmistificar a cultura hip-hop, a valorização da educação e da escola

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Aprender a Aprender
2. Data da implementação	1996/97
3. Local	Jardim Aricanduva, zona leste de São Paulo
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (parceria)
5. Ênfase prioritária	Discutir o papel do jovem na sociedade
6. Estratégia de intervenção	shows, vídeo, oficina de hip-hop
7. Parcerias envolvidas	ABREvida e Comunidade Solidária
8. Público alvo/beneficiário	Jovens da zona leste
9. Fontes de financiamento	ABREvida
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Confecção da agenda 21 contendo a reflexão sobre a atuação do jovem no mundo atual

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Oficinas culturais para a comunidade
2. Data da implementação	1990/93
3. Local	Distrito Cidade Tiradentes, zona leste de São Paulo
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (promotora)
5. Ênfase prioritária	Combate a violência
6. Estratégia de intervenção	Shows, oficinas de hip-hop, palestras
7. Parcerias envolvidas	EMEF Dr. José César Augusto Salgado
8. Público alvo/beneficiário	Jovens estudantes da Cidade Tiradentes
9. Fontes de financiamento	Parcerias com diversas entidades envolvendo troca de prestações de serviços
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Conscientização da importância da escola e promoção de diálogo entre estudante e o corpo escolar

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Escola Cidadã Julia Lopes – município de Osasco/São Paulo
2. Data da implementação	1993
3. Local	Município de Osasco
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participante)
5. Ênfase prioritária	Oficinas de arte-educação, palestras sobre a cultura hip-hop
6. Estratégia de intervenção	Palestras, shows, oficina falando sobre a história do hip-hop, enfatizando os temas transversais no ambiente escolar como também a questão da cidadania e ética
7. Parcerias envolvidas	Fundação C&A, Instituto Paulo Freire
8. Público alvo/beneficiário	Jovens estudantes e não estudantes, moradores locais
9. Fontes de financiamento	Fundação C&A
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	A importância da educação e da participação da comunidade na escola

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Juventude negra no farol pela valorização da vida
2. Data da implementação	1998
3. Local	Abordagem das pessoas nos semáforos da entrada principal do distrito Cidade

	Tiradentes
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participante)
5. Ênfase prioritária	Esclarecer os jovens da Cidade Tiradentes as dúvidas sobre DSTs e AIDs; distribuição de vales camisinhas
6. Estratégia de intervenção	Palestras; apresentações de grupos de rap; reportagem no programa de TV a Cabo, Globo News; rádios comunitárias, internet
7. Atividades desenvolvidas	Distribuição de vale camisinhas no farol que dá o acesso ao distrito Cidade Tiradentes, palestras nas escolas públicas
8. Parcerias envolvidas	Programa de Saúde do Geledés – Instituto da Mulher Negra (Projeto Rappes); participação de algumas EMEFs do distrito Cidade Tiradentes
9. Público alvo/beneficiário	Jovens e adolescentes da região da Cidade Tiradentes
10. Fontes de financiamento	Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo
11. Resultados alcançados/horizonte da ação	Capacitou 14 jovens educadores/as por meio de oficinas sobre sexualidade, DSTs e AIDs; envolvimento da comunidade, principalmente dos/as professores da rede pública de ensino que colaboraram na divulgação do projeto e na distribuição de preservativos, sendo que ao todo foram distribuídos cerca de dez mil camisinhas
12. Detalhamento	Projetada a partir de uma pesquisa do IBGE, feita em 1997, onde apontava o número de casos de gravidez precoce

	<p>entre jovens e adolescentes, além da presença de soropositivos na Cidade Tiradentes, sendo este na época o mais alto da capital paulista.</p> <p>Na época somente pessoas que comprovassem um planejamento familiar poderiam retirar uma cota de preservativos por mês no posto de saúde local. Com o projeto “jovem no farol” cada pessoa de posse do vale-camisinha poderia retirar nas escolas credenciadas sua camisinha além da possibilidade de se inscrever nas palestras sobre sexualidade e saúde.</p>
--	--

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Semana de Ação Global iniciativa da Campanha Global pela Educação (CGE)
2. Data da implementação	6 a 13 de abril/2003
3. Local	ONG Ação Educativa, Rua General Jardim, 660, Campos Elíseos, São Paulo
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participante)
5. Ênfase prioritária	Aumentar a conscientização sobre o drama de milhares de mulheres que nunca tiveram a oportunidade de frequentar a escola; enfatizar a melhoria da qualidade educacional
6. Estratégia de intervenção	Palestras, shows de rap

7. Parcerias envolvidas	Ação Educativa; sindicatos e organizações da sociedade civil do mundo todo
8. Público alvo/beneficiário	Jovens mulheres
9. Resultados alcançados/horizonte da ação	Oportunidade para discutir os levantamentos de propostas sobre a erradicação das desigualdades entre homens e mulheres na educação brasileira e sobre a melhoria do ensino no país

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Seminário sobre o mundo do Trabalho e Bolsa Trabalho/ Primeiro Emprego
2. Data da implementação	novembro e dezembro de 2003
3. Local	Praia do Gonzaga, Santos
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participante)
5. Ênfase prioritária	Discutir a inserção do jovem no mercado de trabalho
6. Estratégia de intervenção	Palestras, vídeo
7. Parcerias envolvidas	ONG Ação Educativa; Instituto Friedrich Ebert Stiftung
8. Público alvo/beneficiário	jovens
9. Fontes de financiamento	Instituto Friedrich Ebert Stiftung
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Discussão sobre a participação dos jovens na sociedade e no campo de trabalho

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Segundo Fórum Social Nacional
2. Data da implementação	janeiro de 2001
3. Local	Extrema, Rio Grande do Sul
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participante)
5. Ênfase prioritária	Fundação do Fórum Nacional de Hip-Hop; discussão sobre a atuação da cultura hip-hop no Brasil
6. Estratégia de intervenção	Shows, vídeo, workshops
7. Parcerias envolvidas	Poses de hip-hop, Fórum Paulista de Hip-Hop
8. Público alvo/beneficiário	jovens
9. Fontes de financiamento	Parcerias de materiais, serviços prestados e financiamento dos membros ao evento
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Criação do Fórum Nacional de Hip-Hop e intercâmbio com grupos de hip-hop de todo o Brasil

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Desafios das políticas públicas de promoção da igualdade racial – A cultura hip-hop: construindo a cidadania juvenil
2. Data da implementação	16/12/2003
3. Local	Sesc Vila Mariana, Rua Pelotas, 141

4. Instituição	Participação na mesa de debates do membro da ONG Aliança Negra Posse, Gildean Silva Pereira, Panikinho, que também é assessor do CEERT (Centro de estudo das Relações de Trabalho e Desigualdade)
5. Ênfase prioritária	A cultura hip-hop e sua inserção nos temas voltados à questão da cidadania; desenvolver o jovem crítico
6. Estratégia de intervenção	Vídeo, palestra
7. Parcerias envolvidas	Sesc Vila Mariana, CEERT, Banco Real, Unicef, Paz nas Escolas, dentre outros
8. Público alvo/beneficiário	Educadores, pesquisadores, ONGs
9. Resultados alcançados/horizonte da ação	Discutir políticas para a educação e o lançamento do 2º. prêmio (Educar para a Igualdade Racial), com a publicação pela CEERT de 30 trabalhos de professores envolvendo a temática do evento

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Fórum Social Mundial
2. Data da implementação	2003/2004
3. Local	Roma, Itália
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participante Diego, membro da Aliança Negra Posse)

5. Ênfase prioritária	Discutir trabalhos de jovens desenvolvidos em seus respectivos países, voltados para temática da cidadania e inclusão social
6. Estratégia de intervenção	Palestras, vídeos
7. Atividades desenvolvidas	Fórum de discussão na temática jovem, cidadania e urbanidade
8. Parcerias envolvidas	Prefeitura do Município de São Paulo, Ação Educativa, Prefeitura de Roma
9. Público alvo/beneficiário	Jovens de vários países
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Intercâmbio de jovens de várias partes do mundo e dos projetos desenvolvidos no âmbito social de suas localidades

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Quilombo Cultural
2. Data da implementação	29/11/2003
3. Local	Avenida dos Metalúrgicos, s/n, Praça dos Bombeiros, Cidade Tiradentes, Zona Leste, São Paulo
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (uma das organizadoras do evento)
5. Ênfase prioritária	Discutir e apresentar a cultura negra na Cidade Tiradentes e incentivo ao lazer na região
6. Estratégia de intervenção	Shows de rap, pagode, capoeira, desfile da beleza negra, culinária afro com

	barracas típicas
7. Parcerias envolvidas	Prefeitura de São Paulo, coordenadoria especial dos assuntos da população negra e as entidades Conselhos de Iyalórisás e Ekedys Negras/SP; Fala Negão; Federação Afro de Umbanda e Candomblé; Ogum Marinho, Força Ativa; Tio Pac, dentre outras
8. Público alvo/beneficiário	Moradores do distrito Cidade Tiradentes
9. Fontes de financiamento	Parcerias com associações e comerciantes locais de materiais e serviços prestados
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Divulgação e conscientização da cultura negra e incentivo ao lazer na região

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Feira de Artes da Cidade Tiradentes
2. Data da implementação	24 e 25 de abril de 2003
3. Local	Avenida dos Metalúrgicos, em frente a EMEF Oswaldo Aranha Bandeira de Melo, Cidade Tiradentes
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (uma das organizadoras do evento)
5. Ênfase prioritária	No caso da Aliança a proposta era divulgar a cultura hip-hop
6. Estratégia de intervenção	Shows de rap, pagode, MPB, exposição de obras de arte dos artísticas locais, artesanato
7. Parcerias envolvidas	MOCUTI, ONGs e comerciantes locais

8. Público alvo/beneficiário	Moradores do distrito
9. Fontes de financiamento	Parcerias com entidades e comerciantes da região com trocas de materiais e serviços prestados
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Divulgação dos artistas locais e do movimento cultural na Cidade Tiradentes

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Segundo Seminário de Negritude e Resgate da Cidadania – O perfil do negro no Brasil rumo ao 3º. milênio
2. Data da implementação	novembro de 1999
3. Local	EMEF Vereadora Anna Lamberg Zéglio, antiga 14-G, Avenida dos Têxteis
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (promotora do evento)
5. Ênfase prioritária	Discutir a participação do negro na sociedade brasileira
6. Estratégia de intervenção	Palestras; shows; exposições; desfiles
7. Parcerias envolvidas	Associações da Cidade Tiradentes
8. Público alvo/beneficiário	Moradores do distrito Cidade Tiradentes
9. Fontes de financiamento	Parcerias entidades e comerciantes locais de matérias e serviços prestados
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Divulgação e conscientização do papel do negro no contexto nacional

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Jovens em Movimento: Projetos e Iniciativas – CENAFOCO 2

2. Data da implementação	dezembro a julho de 2002 a 2003
3. Local	ONG Ação Educativa, Rua General Jardim, Campos Elíseos, São Paulo
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participação de integrantes da posse)
5. Ênfase prioritária	Elaboração de propostas de políticas públicas para a juventude
6. Estratégia de intervenção	Vídeo, workshops de cinema
7. Parcerias envolvidas	Ação Educativa, Olhar Periférico
8. Público alvo/beneficiário	Jovens das periferias de São Paulo
9. Fontes de financiamento	CENAFOCO
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Formação de grupos juvenis com a preocupação de discutir políticas públicas e elaboração de projetos sociais
12. Detalhamento	<p>Joinha Filmes nasce a partir da oficina de produção de vídeo ministrada pelo documentarista André Costa, na ONG Ação Educativa. Integrado por membros da Aliança Negra Posse, o grupo produziu um videodocumentário, Atitude em Cena, que teve como objetivo mostrar diversas associações de jovens e sua atuação na comunidade local. Importante ressaltar que através desse trabalho realizado, o grupo Joinha Filmes vêm participando ativamente de inúmeros eventos atrelando o vídeo produzido a temáticas como cidadania; juventude brasileira; periferia; direitos sociais; pobreza e globalização</p>

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Foram realizados três eventos: 10 horas de hip-hop contra a fome; 10 horas de hip-hop contra a violência; hip-hop a favor da educação
2. Data da implementação	199/2000
3. Local	Pólo cultural AE Carvalho
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participação do integrante da posse, Gildean Silva Pereira, Panikinho)
5. Ênfase prioritária	Arrecadação de alimentos não perecíveis para a o projeto Vem Comer (CEDECA, Rua Dijalma Dutra, Luz), que envolve meninos de rua que moram no centro de São Paulo
6. Estratégia de intervenção	Shows de rap, dança break, grafite
7. Parcerias envolvidas	Comércio local
8. Público alvo/beneficiário	Meninos de rua que moram no centro de São Paulo
9. Fontes de financiamento	Parcerias de ONGs e comerciantes locais de materiais e serviços prestados
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Conscientizar a população para temas como cidadania e ação social
12. Detalhamento	Como entrada para o evento, cada pessoa teria que levar 1 Kg de alimento não perecível

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Semana de Cultura Negra
2. Data da implementação	novembro de 2002
3. Local	Cidade Tiradentes
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participante grupo de rap gospel da posse, Shallom Adonai)
5. Ênfase prioritária	Conscientização da comunidade negra da Cidade Tiradentes e região sobre a questão da discriminação
6. Estratégia de intervenção	Filmes, palestras, shows
7. Parcerias envolvidas	Igreja do Evangelho Quadrangular
8. Público alvo/beneficiário	Jovens negros evangélicos e não evangélicos
9. Fontes de financiamento	Parcerias com entidades da região de trocas de materiais e serviços prestados
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Discutir a temática racial através dos princípios bíblicos

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Comemoração dos nove anos de existência da Aliança Negra Posse
2. Data da implementação	25 de julho de 2000
3. Local	EMEF, Oswaldo Aranha Bandeira de Melo, Avenida dos Metalúrgicos, s/n, Cidade Tiradentes
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (promotora do evento)
5. Ênfase prioritária	Divulgar a Aliança Negra Posse
6. Estratégia de intervenção	shows
7. Atividades desenvolvidas	Apresentação de grupos de rap da região e convidados; desfile da beleza afro
8. Parcerias envolvidas	Escolas locais da Cidade Tiradentes, de comerciantes da Cohab, e entidades como o MOCUTI (Movimento Cultural da Cidade Tiradentes), ONGs e da União dos Moradores do Conjunto Santa Etelvina e adjacências
9. Público alvo/beneficiário	Jovens e adultos/moradores da Cidade Tiradentes
10. Fontes de financiamento	Parcerias com comerciantes locais e outras associações através de materiais e serviços prestados
11. Resultados alcançados/horizonte da ação	Atingir meta de arrecadar alimentos, agasalhos e brinquedos
12. Detalhamento	Cabe ressaltar que muitos dos bens arrecadados no evento foram revertidos a pessoas carentes, moradoras dos prédios

	abandonados do distrito Cidade Tiradentes
--	---

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Feira de Artes da Cidade Tiradentes
2. Data da implementação	1990/2000
3. Local	Cidade Tiradentes
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (promotora)
5. Ênfase prioritária	Divulgar a arte local da Cidade Tiradentes
6. Estratégia de intervenção	Panfletos, faixas, shows, arte na rua, comidas típicas, artesanato
7. Parcerias envolvidas	Associações locais tais como, MOCUTI e União dos Moradores da Cidade Tiradentes, e dos comerciantes do bairro
8. Público alvo/beneficiário	Moradores do bairro
9. Fontes de financiamento	Parcerias com entidades e comerciantes locais através de materiais e serviços prestados
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Melhorar a comunicação dos moradores e incentivo ao lazer no distrito Cidade Tiradentes

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Programa de Alfabetização Solidária (projeto piloto Grandes Centros Urbanos)
2. Data da implementação	1998/1997
3. Local	Cidade Tiradentes (participante)

4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse
5. Ênfase prioritária	Alfabetização de Jovens e Adultos
6. Estratégia de intervenção	Palestras, oficinas
7. Atividades desenvolvidas	Aulas de alfabetização
8. Parcerias envolvidas	UNICSUL, MOCUTI
9. Público alvo/beneficiário	Moradores do local
10. Fontes de financiamento	UNICSUL
11. Resultados alcançados/horizonte da ação	Pessoas alfabetizadas e aumento ao acesso a educação

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	PAE (Programa Auto Emprego)
2.	2000
3. Local	Cidade Tiradentes
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (parceria)
5. Ênfase prioritária	Instrução de elétrica residencial e predial
6. Estratégia de intervenção	Aula expositiva (Franilson – aulas de elétrica)
7. Parcerias envolvidas	Secretária de Estado das Relações do Trabalho
8. Público alvo/beneficiário	Adultos e jovens da região
9. Fontes de financiamento	Secretária de Estado das Relações do Trabalho
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Formar cooperativas

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto	Marcha Noturna pela Democracia Racial
2. Data da implementação	É realizado a cada ano no dia 12 de maio
3. Local	Centro de São Paulo
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (parceria)
5. Ênfase prioritária	Ato contra a discriminação racial
6. Estratégia de intervenção	Faixas, panfletos, shows, boca-a-boca, rádios comunitárias
7. Atividades desenvolvidas	passeata
8. Parcerias envolvidas	Instituto de Padre Batista
9. Público alvo/beneficiário	Jovens e adultos negros
10. Fontes de financiamento	Parcerias com entidades e comerciantes através de materiais e serviços prestados
11. Resultados alcançados/horizonte da ação	Combate à discriminação do negro na sociedade

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Semana de Cultura Hip-Hop
2. Data da implementação	Realizado desde 2001 nos meses de julho a agosto, tem a finalidade de ser anual
3. Local	Ação Educativa, Rua General Jardim, Campos Elíseos, São Paulo e Sesc Consolação
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (organizadora), dentre outros

5. Ênfase prioritária	Visa divulgar a verdadeira cultura hip-hop, não só a musicalidade rap, mas também a dança break, o grafite, a discotecagem, os trabalhos comunitários realizados pelas posses e a livre improvisação dos rimadores. Mostrar que o hip-hop é uma cultura em contínua transformação
6. Estratégia de intervenção	Shows, vídeo, exposição fotográfica, folders, cartazes, folhetos, divulgação no jornal, internet, na TV, rádios comunitárias
7. Atividades desenvolvidas	Aqui a Aliança Negra vem desenvolvendo a monitoração de oficinas, além de workshops de hip-hop e a apresentação do evento
8. Parcerias envolvidas	ONG Ação Educativa, posse Conceito de Rua, posse Senzala Urbana e outras posses de hip-hop de São Paulo
9. Público alvo/beneficiário	Jovens e adultos voltados ou não a cultura hip-hop
10. Fontes de financiamento	Parcerias com Ação Educativa e Sindicato dos Bancários
11. Resultados alcançados/horizonte da ação	Divulgação da cultura hip-hop e estabelecer o intercâmbio com outras posses do país

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Hip-Hop no Ar
2. Data da implementação	2001/2002
3. Local	Avenida dos Metalúrgicos, Praça do 65, próximo ao 2º terminal de ônibus
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (organização)
5. Ênfase prioritária	Integração da comunidade local; incentivo a novos talentos do rap regional; a união de rappers da zona leste, oeste, sul e norte; incentivo ao lazer da Cidade Tiradentes
6. Estratégia de intervenção	Shows de rap
7. Parcerias envolvidas	Na Rima Produções; escola de samba Príncipe Negro; Locadora Master
8. Público alvo/beneficiário	Jovens moradores do local
9. Fontes de financiamento	Parcerias com outras associações, comerciantes locais através de materiais e serviços prestados e doação em dinheiro dos membros da Aliança Negra Posse
10. Resultados alcançados/horizonte de ação	Promover o lazer na Cidade Tiradentes e intercâmbio com outras posses, além da promoção da cultura hip-hop no distrito
12. Detalhamento	Na Rima Produções é formado por um grupo de integrantes da posse Aliança Negra, que se juntaram para levar o lazer para a comunidade local. Realizado uma vez a cada mês, todo último domingo de cada mês, o projeto trazia grupos rap de vários locais de São Paulo, que se

	<p>apresentavam ao ar livre no distrito de Cidade Tiradentes. Muitas vezes, nesses eventos eram realizados alguma campanha como de agasalho ou arrecadação de alimentos não perecíveis. Cabe ressaltar que as parcerias não envolviam ajuda financeira, então, todo o dinheiro empregado saía do bolso dos integrantes tanto para fazer o carroto do som como para a manutenção dos equipamentos. Com isso, o projeto não conseguiu manter sua continuidade.</p> <p>Além disso, a Aliança Negra chegou a possuir um programa na rádio comunitária, Colina FM, apresentado pelos integrantes Cláudio e Leco, de segunda a sexta das 20h00 as 22h00, com frequência no distrito da Cidade Tiradentes chegando a Guaianases e São Mateus. Aqui o ouvinte ligava e pedia as músicas que gostaria ouvir, já que o programa era ao vivo os integrantes da posse também aproveitavam para levar grupos de rap ao estúdio para serem entrevistados.</p>
--	---

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	CENAFOCO – Projeto Centro Nacional de Informação

2. Data da implementação	2002
3. Local	Cidade Tiradentes, zona leste de São Paulo
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participante)
5. Ênfase prioritária	Cursos de empreendedores sociais para elaborações de projetos na comunidade
6. Estratégia de intervenção	Palestras, vídeos, cartilhas do CENAFOCO
7. Atividades desenvolvidas	Cursos de capacitação
8. Parcerias envolvidas	ONG Ação Educativa
9. Público alvo/beneficiário	Jovens entre 16 a 21
10. Fontes de financiamento	CENAFOCO
11. Resultados alcançados/horizonte da ação	Elaborar projetos e capacitar recursos criando um processo de autonomia própria

ATUAÇÃO DA ONG

1. Projeto/evento	Agosto Negro
Data da implementação	agosto de 2003
2. Local	Várias regiões de São Paulo
3. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participante)
4. Ênfase prioritária	Destaca a importância social da cultura hip-hop
5. Estratégia de intervenção	Shows, cartazes, folhetos, folders, rádios comunitárias, e-mail, boca-a-boca
6. Parcerias envolvidas	Prefeitura Municipal de São Paulo
7. Público alvo/beneficiário	jovens

8. Fontes de financiamento	Prefeitura Municipal de São Paulo
9. Resultados alcançados/horizonte da ação	Divulgar a cultura hip-hop em São Paulo

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Seminário de Políticas Públicas para a Juventude
2. Data da implementação	setembro de 2003
3. Local	São Paulo
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participante)
5. Ênfase prioritária	Discutir e priorizar as leis e incentivos a juventude e educação.
6. Estratégia de intervenção	Vídeos, workshops hip-hop, folders, cartazes, folhetos
7. Parcerias envolvidas	Ação Educativa, Abong, dentre outras
8. Público alvo/beneficiário	Jovens e adultos
9. Fontes de financiamento	Governo Federal
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Fortalecer a ação das entidades participantes

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	1)Amostra de Cinema de São Paulo 2)Festival Rio é Coisa de Cinema 3)Amostra de Belo Horizonte
2. Data da implementação	agosto e novembro de 2003

3. Local	São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participação dos integrantes do Joinha Filmes)
5. Ênfase prioritária	Divulgação do documentário Atitude em Cena
6. Estratégia de intervenção	Vídeo-documentário (Atitude em Cena)
7. Atividades desenvolvidas	Amstras de vídeos
8. Público alvo/beneficiário	Jovens, adultos
9. Fontes de financiamento	CENAFOCO, Ação Educativa (financiamento na inscrição e ida da Aliança ao evento)
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Divulgação dos trabalhos realizados por jovens das periferias de São Paulo

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Palestra sobre hip-hop e seus elementos artísticos
2. Data da implementação	17/04/2004
3. Local	E. E. 1º. e 2º. Grau Reverendo de Oliveira, AE Carvalho
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participante Celso Ângelo Pereira)
5. Ênfase prioritária	Divulgar o nome da Aliança Negra e da cultura hip-hop feita na Cidade Tiradentes
6. Estratégia de intervenção	Palestras, e oficinas de discotecagem
7. Atividades desenvolvidas	Oficina de discotecagem, como surgiu o dj, técnicas de mixagem, produção

	musical
8. Parcerias envolvidas	Comerciantes locais e associações através de materiais e serviços prestados
9. Público alvo/beneficiário	Jovens da comunidade AE Carvalho
10. Fontes de financiamento	Parcerias locais
11. Resultados alcançados/horizonte da ação	Divulgação da cultura hip-hop

ATUAÇÃO DA ONG	
1. Projeto/evento	Palestra sobre atuação dos movimentos sociais entorno das políticas públicas
2. Data da implementação	24/04/2004
3. Local	Unicentro Belas Artes de São Paulo
4. Instituição	ONG Aliança Negra Posse (participante)
5. Ênfase prioritária	Discussão sobre das políticas públicas e o papel do estado
6. Estratégia de intervenção	Debate, vídeos
7. Atividades desenvolvidas	Debates
8. Parcerias envolvidas	Unicentro Belas Artes de São Paulo
9. Público alvo/beneficiário	Jovens do ensino superior
10. Fontes de financiamento	nenhuma
11. Resultados alcançados/horizonte da ação	Repensar as políticas públicas efetudas pelo estado e o papel das entidades ligadas a sociedade civil

Enquanto protagonistas juvenis, os componentes da Aliança Negra Posse exercitam sua ação para a cidadania, na reivindicação de direitos básicos como educação de qualidade; atenção médica digna e eficiente; segurança que contemple os direitos humanos e oportunidades de trabalho com remuneração condigna. Através do desenvolvimento dessas atividades o jovem ocupa sua posição de centralidade, onde tanto a opinião quanto a participação passam a ser valorizadas em todos os momentos.

Numa sociedade débil cujas instituições governamentais se definem impotentes diante da desintegração social e moral da população periférica, a credibilidade da posse junto ao distrito Cidade Tiradentes aparece, por exemplo, como um fator de destaque no combate as drogas.

Aqui o tema aparece abordado tanto nas letras dos *rappers* como nas palestras que vêm sendo realizado em diversas localidades. É importante ressaltar que muitas das informações são extraídas da própria experiência de vida dos componentes, do seu dia-a-dia na periferia. No quesito educação, aponta Elton⁶⁶, nas varias visitas feitas às escolas da região, os componentes da posse enfatizam a importância do saber ler e escrever no ofício do bom rimador. Além disso, a temática da educação aparece nos discursos da Aliança vinculado à estrutura social, ou seja, a ação dos indivíduos encontra-se condizente a sua localização na hierarquia social.

“é tema recorrente nas letras de *hip-hop* que você tem que aprender, que você não tem só dever, você tem direitos, você tem que lutar pelos seus direitos, melhor educação, melhor escola,

⁶⁶ Dados obtidos durante a entrevista realizada no dia 13/03/2004, Cidade Tiradentes, São Paulo.

melhor trabalho (...) os melhores salários é pra quem tem faculdade...” (Entrevista realizada na Cidade Tiradentes, São Paulo, no dia 103/03/2004).

Podemos dizer que grande parte da mobilização exercida pela Aliança Negra, se resume, principalmente, na reivindicação ao direito a fatia do bolo produzido em sociedade.

“...o lazer aqui é escasso, não tem nada pra curtir, as vezes rola um samba aqui de fim de semana, infelizmente tem muitos conflitos de área contra área, acaba ocorrendo tiroteios, então acaba com o lazer da Cidade Tiradentes...” (Entrevista realizada com Cláudio, Coquinho, dia 103/03/2004, Cidade Tiradentes, São Paulo).

Como meta a ser cumprida, a Aliança Negra Posse pretende realizar, ainda, dentre outros projetos, uma academia de capoeira, academia de *break*, cursos de informática.

Nas diversas parcerias realizadas é muito comum acontecer da Aliança Negra entrar com a parte da divulgação ou com a parte da sonorização do evento (nesse caso, todo o equipamento de som utilizado no dia passa a ser cedido pela ONG) ou, ainda, muitas das vezes, a posse faz a ponto do estar-junto coletivo, isto é, tida como chamariz da festa é colocada no papel de performance onde o que se busca é o fator racional por trás destas manifestações.

Em todos os eventos que participam, a Aliança Negra Posse vem procurando um certo preparo inicial, seja com leituras indicadas por algum especialista num determinado assunto ou, até mesmo, num bate-papo ocasional com alguém, cursos de aperfeiçoamento com outras ONGs, que em troca de algum serviço prestado pela Aliança, fornecem cursos de capacitação voltados a temáticas específicas.

“...a Aliança Negra Posse está muito mais preparada, muito mais ciente dos problemas que acontecem na Cidade Tiradentes, ciente no sentido político da coisa, está mais madura, com jovens que amadureceram...” (Entrevista realizada com Gildean Silva Pereira, no dia 13/03/2004, na Cidade Tiradentes, São Paulo).

A Aliança Negra é composta por pessoas que são casadas, solteiros, muitos com filhos; a maioria dos integrantes é da Cidade Tiradentes, outros de São Miguel, caso da Márcia e da Atiele, já Celso, Marcelo Dogão e Dimenor são da zona sul. Muitos dos componentes estudam no ensino fundamental, outros fazem faculdade e cursos técnicos. A posse é integrada por pessoas das mais diversas profissões como, pedagogos, professores, pessoas que trabalham no comércio, assistentes sociais e biólogo. Aqueles que participaram da primeira formação continuam até hoje, já aqueles que desejam entrar na ONG, esta se encontra aberta a todos independentes de credo, raça, idade ou renda familiar.

OS COMPONENTES

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DE FUNDAÇÃO DA ALIANÇA NEGRA POSSE
REALIZADA EM 25/06/99

PRESIDENTE

Cláudio José Assunção

VICE

Uiliam Castro Kawatoko

SECRETÁRIA DA MESA

Marileide de Oliveira Marcelino

DIRETORA EXECUTIVA

Josevania Paula Moreira dos Santos

SECRETARIA EXECUTIVA

Marilene de Oliveira Marcelino

1º. TESOUREIRO]

Edmilson Calixto

SECRETARIAS

Cristina Caldeira Freire

Karina de Sousa

Elza Teixeira da Silva

CONSELHEIROS

Franilson de Jesus Batista

Ricardo Gonçalves dos Santos

Alexander de Sousa

Elton Fernandes Ferraz

Stetison Fidelis Junior

EVENTOS MUSICAIS/PALESTRAS/PROJETOS

(MEMBROS E SIMPATIZANTES)

Atiele dos Santos

Gildean Silva Pereira

Iraildes Simone Cardoso

Carlos José Ramos de Souza

Alexandre Gonçalves Pereira

Débora

Diego

Celso

Arnaiton Ribeiro da Silva

Matusalém Feitosa dos Santos

Márcia Cristina Isidoro de Oliveira

Rodrigo Oliveira Vicente

Marcelo Dogão

Greice Medeiros

Claúdia Freire

GRUPOS DE RAP DA ALIANÇA NEGRA

ZAI; ORIGINAL HIP-HOP; FATOR ÉTICO; SHALLOM ADONAI; EMBRIÕES;
DEFESA DE RUA; DOMÍNIO NEGRO

COMPONENTES ALIANÇA NEGRA POSSE

Claúdio José Assunção, 28, Coquinho, morador da Cidade Tiradentes, é do grupo de *rap* gospel Shalom Adonai e Original Hip Hop, atualmente é presidente da ONG Aliança Negra

Uiliam Castro Kawatoko, 30, conhecido como Japa, morador da Cidade Tiradentes, é do grupo Shallom Adonai, trabalhou com arte-educação.

Josevania Paula Moreira dos Santos, 28, moradora da Cidade Tiradentes, era do grupo Shallom Adonai

Elton Fernandes Ferraz, 29, morador da Cidade Tiradentes a 17 anos, é do grupo Shallom Adonai e Original Hip-Hop, e integrante da produtora cinematográfica Joinha Filmes

Franilson Luis de Jesus Batista, 32, um dos membros fundadores da Aliança Negra Posse, morador da Cidade Tiradentes, mais conhecido como mestre guru devido ao fato de ser capoeirista. Franilson é *rapper* do grupo Fator Ético.

Alexandre de Souza, mais conhecido como Keké, 28, morador da Cidade Tiradentes, é membro fundador da Aliança Negra

Stetison Fidelis Junior, mais conhecido como Brecha, 30, está na Aliança desde sua fundação, é morador da Cidade Tiradentes, e *rapper* do grupo Original Hip-Hop

Ricardo Gonçalves dos Santos, 29, conhecido como Rick Jay, é membro fundador da Aliança Negra, morador da Cidade Tiradentes, é do grupo de *rap* Embriões

Marilene de Oliveira Marcelino, 31, está na Aliança a cerca de 3 anos, é moradora da Cidade Tiradentes

Elza Texeira da Silva, 28, moradora da Cidade Tiradentes

Cristina Caldeira Freire, 27, é do grupo Shallom Adonai, moradora da Cidade Tiradentes

Marileide de Oliveira Marcelino, 26, entrou na Aliança em 1998, participou em alguns grupos fazendo vocal no Shallom Adonai, e no Domínio Negro, e outros grupos também da posse

Karina de Sousa, 23, moradora da Cidade Tiradentes, é do grupo Shallom Adonai, acompanha a Aliança Negra desde sua fundação

Edmilson Calixto (tesoureiro), 27, mais conhecido como Dimi, morador da Cidade Tiradentes, é do grupo de *rap* Domínio Negro

Atiele dos Santos, 29, moradora de São Miguel Paulista, é escritora, é do grupo Fator Ético, e integrante da produtora Joinha Filmes

Márcia Cristina Isidoro de Oliveira, 30, moradora de São Miguel Paulista, é produtora do Joinha Filmes. Trabalhou com alfabetização de jovens e, projeto de bolsa trabalhos para jovens de 17 a 21 anos

Arnaiton Ribeiro da Silva, ZAI, 28, morador de São Bernardo do Campo, mudou o nome por aconselhamento de um produtor, por ser um nome mais artístico. Faz parte da Aliança desde 1991, mas foi na década de 90 que começou a se envolver com o *rap*. Atualmente canta *rap* gospel, grupo Shallom Adonai

Iraildes Simone Cardoso, 28, moradora da Cidade Tiradentes, é do grupo Defesa de Rua

Alexandre Gonçalves Pereira, mais conhecido como Leco, morador da Cidade Tiradentes, é do grupo Embriões

Gildean Silva Pereira, morador da Cidade Tiradentes, mais conhecido como Paniquinho, entrou na Aliança Negra Posse por intermédio do grupo Fator Ético como MC (mestre de cerimônia, aquele que faz as rimas no *rap*)

Celso, Dj do grupo Fator Ético

Matusalém Feitosa dos Santos, 24, é contrabaixista do grupo de *rap* gospel Shallom Adonai

Carlos José Ramos de Souza, 28, é do grupo Defesa de Rua, morador da Cidade Tiradentes

Greice Medeiros, 23, é do grupo Joinha Filmes, está na equipe de apoio do cursinho pré-vestibular do Educafro.

Débora, 25, é moradora de São Mateus, e do grupo Defesa de Rua

Diego, 20, simpatizante da cultura hip-hop

Rodrigo Oliveira Vicente, 26, mais conhecido como Dimenor, morador do parque Brinton, zona sul, é do grupo Pânico Brutal

Marcelo Dogão, 25, morador do parque Briston, zona sul, é do grupo Pânico Brutal

Claudia Freire, moradora da Cidade Tiradentes, simpatizante da cultura *hip-hop*

Qualquer pessoa que sente afinidade com a causa da Aliança e quer colaborar é sempre bem vindo. Geralmente o freqüentador da posse ou é uma pessoa ligada à cultura *hip-hop* ou morador da região que simpatiza com as idéias do grupo ou, ainda, aquele que ouviu uma palestra da ONG e é de outra região da cidade, outra cidade ou estado e se identificou em algum momento com o discurso da posse. O freqüentador da Aliança não precisa ser necessariamente negro, mas aquele que se indigna com as injustiças sociais e que de alguma forma quer contribuir com o próximo.

Todavia, fica evidente que um ponto fortemente debatido pela posse encontra-se entorno da questão racial compreendendo fatores como identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, dominação e alienação.

Cabe refletir, então, sobre as diversas formas de xenofobias, intolerâncias, preconceitos, segregações, racismos e ideologias raciais. Nesse caso, apreendemos com os componentes da Aliança que a participação envolve fazer parte, tomar parte, ser parte de um ato ou processo, de ações coletivas, na qual os diversos atores interagem entre si a fim de buscar uma sociedade regida pelos critérios de equidade e justiça. Combinar a participação que explicita as diferenças, as identidades e aspirações dos diferentes grupos sociais, significa buscar traduzir a generalidade, a universalidade da palavra cidadania.

Tomando, como exemplo, a pesquisa realizada pelo Ibope a pedido da ONG Ação Educativa, entre os dias 29 de outubro e 2 de novembro de 2003, no qual se propôs a medir a percepção que o brasileiro possui a respeito da democracia, das 2.000 pessoas entrevistadas, 44% disseram acreditar que exercem o poder expresso no primeiro artigo da constituição brasileira, ou seja, todo poder emana do povo, 30% afirmaram não o exercerem e 26% não souberam opinar. Nesses indicadores o Jornal Folha de São Paulo (Góis, A 9, 2003), registrava que maioria dos brasileiros (56%) não demonstrava interesse em participar de nenhum tipo de prática que influenciasse, de alguma maneira, as políticas públicas.

Podemos dizer que, um dos méritos da Aliança Negra Posse é ser constituída por sujeitos sociais ativos ou agentes políticos, como chamará Evelina Dagnino (2000), para aqueles cuja luta pelo reconhecimento da democratização dos direitos, se dá a partir da apropriação da noção de cidadania enquanto projeto de uma nova sociabilidade, num formato mais igualitário de relações sociais e um novo sentido de responsabilidade pública⁶⁷.

Afinal, esses sonhos singularizadores, ou seja, essa dita consciência diferencial do desejo auto-reflexivo, torna-se condição necessária e suficiente para a constituição de uma nova posição de sujeito libertário. A redenção da liberdade subalterna nada mais é do que o momento da margem: um momento vitorioso no qual podemos redescobrir o potencial revolucionário do local⁶⁸. A Aliança Negra vem buscando dentro da sua comunidade em repensar uma estrutura mais igualitária nas relações sociais que implique na reconfiguração

⁶⁷ Ver: TELLES, Vera da Silva. Sociedade civil e os caminhos (incertos) da cidadania. In: **São Paulo em Perspectiva**, v. 8, n.2, p. 7-15, 1994. ; ZALUAR, Alba. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 35, p. 29-47, out. 1997.

⁶⁸ Ver: MOREIRAS, Alberto. A globalidade negativa e o regionalismo crítico. In: **A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos**. 2001, p. 67-97.

da dimensão pública da sociedade ampliada, aberta ao debate público de questões pertinentes as regras de vida social, a partir do reconhecimento do outro como interlocutor e portador de direitos legítimos.

CAPÍTULO IV

REDES JUVENIS
NÚCLEO CULTURAL FORÇA ATIVA

NCFA

NÚCLEO CULTURAL FORÇA ATIVA

Correio eletrônico: Endereço: Avenida dos Têxteis, 1050, Gráficos, distrito Cidade Tiradentes, zona leste da cidade de São Paulo

Cep: - São Paulo – SP

Página eletrônica: www.nfativa.cbj.net

I

O Local

Ao redor do Núcleo Cultural Força Ativa temos dois bares, uma mecânica de automóveis, uma funilaria, e uma pequena loja de tapeçaria. Pelas proximidades, ainda, encontramos uma espécie de comércio local, com pequenas lojas construídas pelos próprios moradores. Na composição do cenário, também nos deparamos com vários prédios da Cohab em seus formatos homogêneos, ruelas idênticas com nomes A 15, H-12, além das casas de alvenaria, casas inacabadas, construídas sob nenhum projeto de arborização. O serviço de transporte público que serve as imediações é composto por ônibus e vans (na sua maioria).

O Núcleo Cultural Força Ativa localizado na Avenida dos Têxteis, 1050, Gráficos, distrito Cidade Tiradentes, zona leste de São Paulo, tem como sede à biblioteca comunitária Solano Trindade, onde encontramos pichado na porta da biblioteca a seguinte

mensagem: “saia dessas violências, ao lazer, a cultura e educação e dever de participação, jovens agente”.

Numa das fachadas do muro da biblioteca Solano Trindade temos o símbolo do Núcleo Cultural Força Ativa em forma de átomo, que significa a própria fruição de energia, aquilo que transmite a força. Além disso, temos estampada na parede a figura da teórica socialista Rosa de Luxemburgo e o desenho do patrono da biblioteca, Solano Trindade, que segundo o núcleo foi o que mais influenciou com suas idéias o movimento hip-hop, principalmente aqueles que escrevem rap⁶⁹.

“ele sempre teve essa posição marcante quando diz que negros que exploram negros não são nossos irmãos, ele tem também muito definido essa coisa da luta de classes” (Nando Comunista, membro do NCFA. Entrevista realizada em 18/08/2004).

Temos também, exposto num dos muros do Centro Cultural Força Ativa a caricatura do filósofo e economista Karl Marx que, segundo os componentes do grupo, foi aquele que mais estudou e refletiu sobre o funcionamento do capital. Outro que não foi retratado, mas que posteriormente também terá sua imagem estampada é do grande estudioso das relações raciais, Clóvis Moura.

⁶⁹ Solano foi teatrólogo, poeta, agitador e organizador cultural.

O Núcleo Cultural Força Ativa possui em suas instalações internas duas bandeiras hasteadas, sendo que uma, de cor vermelha, representa o emblema do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, MST, e a outra, também de cor vermelha, contém a foice e o martelo, símbolo marxista.

Com o objetivo de trabalhar a politização da população por meio de palestras e eventos culturais na região, no combate ao racismo e todas as formas de discriminação na sociedade, o NCFA apresenta-se como uma organização juvenil preocupada com a estruturação, no nosso país, das classes sociais. Ou seja, das relações de dominação e de subordinação de classe que constituem os eixos principais de desigualdade, de miséria, de exploração e de relações de poder nas sociedades capitalistas. Para Alberto Moreiras (2000), o posto de se pensar como na hegemonia de classes é preferível entender o movimento do social como algo que passou a operar através das próprias disjunções do sistema global, com base na qual a reprodução social distribui e redistribui uma miríade de posições de sujeito, constantemente sobredeterminadas, constantemente em mutação. Sob essas condições, até a noção gramsciana do intelectual orgânico progressivo como alguém com uma ligação direta com as lutas antiimperialistas e anticapitalistas pareceria em tempos atuais, dentro desse universo sistêmico um produto ideologicamente embalado para consumo subalterno.

De acordo com o grupo, a relação cidadão somente poderá ser restabelecida na sua plenitude no momento em que conseguirmos recuperar mecanismos que aproximam os indivíduos das decisões econômicas, políticas e culturais que lhes digam respeito. A representação, que distancia naturalmente o cidadão dos poderes decisórios, não pode mais responder sozinha pelo avanço da democracia no mundo. Em todo caso, podemos afirmar que o NCFA é um movimento vivo, um tipo de magma de vontades em conflito ou

antagonismos; ele é móvel e ubíquo, subvertendo os cenários e amarras institucionais da política. Nesses pequenos espaços culturais cotidianos de resistência, passamos a ter o surgimento de valores coletivistas e de formas sociais de autogoverno.

Outro destaque da atuação do núcleo está no combate a discriminação de cor. Nesse sentido, a participação do militante do NCFA favorece também na recuperação dos valores da cultura e da história do negro, mediante um processo de reconstrução, levando a revisar os valores introjetados durante o processo de socialização, possibilitando, o desenvolvimento de uma identidade e de uma auto-estima mais positiva.

Força Ativa

O Núcleo Cultural Força Ativa nasce da sua antecessora Posse Força Ativa (segunda posse inaugurada em São Paulo depois do Sindicato Negro), anteriormente surgida em outubro de 1989 e sediada na zona norte de São Paulo, nas imediações do antigo Santana Samba. Rubia, rapper do grupo RPW e uma das fundadoras da Posse Força Ativa, ressalta a importância na época do local, enquanto ponto de encontro e discussão para muitos rappers.

“a gente freqüentava um baile que chamava Santana Samba, que era o pico dos rappers. Todos se reuniam lá de quarta-feira, e a partir de idéias, de conversas a gente resolveu fazer uma posse. Tinha a posse Sindicato Negro já, o pessoal se reunia lá na Rosselvet e depois disso resolvemos, que na verdade o idealizador disso foi o Skema. Teve várias pessoas que

participaram desse começo como foi o Dj Alpiste, o W Dee do Consciência Humana, depois foi DRR, pessoal do Filosofia de Rua. Então era mais o pessoal que freqüentava o baile do Santana Samba...” (Rubia, ex-membro da Posse Força Ativa, rapper do grupo RPW. Entrevista realizada em 16/09/2004).

Os integrantes da Posse Força Ativa, unidos pela sede de conhecimento, se reuniam na praça que dava acesso ao metrô Santana, zona norte de São Paulo. Mesmo a revelia e muitas das vezes expulsos pelos guardas do metrô, acabaram se reunindo numa escola local, voltando logo após para a praça. Depois disso, o grupo se transfere para a sede do PT (Partido dos Trabalhadores) e em seguida para a livraria Griô, na galeria Metrôpole, perto da Rua Sete de Abril, centro da cidade de São Paulo. Assim, descontentes com o conteúdo das letras de rap na época a posse que inicialmente se reunia em torno da musicalidade passa a discutir outras temáticas como de gênero, questão racial ou, ainda, problemas relacionados à questão social e econômica.

“A primeira etapa foi isso, era ler e informar as pessoas. A intenção da gente não era ficar conhecido, ter fama, o pessoal na época via como brincadeira. O rap é uma coisa séria, é um meio de comunicação” (Skema, fundador e ex-membro da Posse Força Ativa. Entrevista realizada em 15/11/2004).

Paulo Roberto da Silva Santos, 29 anos, profissão autônomo, conheceu a Posse Força Ativa através de um amigo que já freqüentava, e foi através do atrativo da música, através do rap, que começou a conhecer outras pessoas que fora a musicalidade mantinham também interesse voltado para as questões sociais. E foi na posse que Paulo obteve os primeiros passos da sua formação política.

“...o cantar era secundário, a gente queria ver mudanças, queria ver o despertar da consciência, a gente queria despertar as pessoas, através da música, mas não só, a gente fazia debates, panfletagem, chegou até o cúmulo de roubar um livro do Malcom X. Na época já tinha o filme em cartaz, e tinha o livro rodando. Era um livro só e rodava pra todos ler. A gente até pensou “meu deus olha o estado que a gente chegou, a gente tá roubando livro”, é uma coisa até boa, num país que não lê, a pessoa roubar um livro pra ler. A gente estava com muita sede de conhecimento” (Entrevista realizada em 18/08/2004).

Nesse caso, acompanhando o raciocínio do teórico da antropologia sonora, Allan P. Merriam, o rap enquanto musicalidade por ser um produto do homem não deixa de refletir a cultura do qual faz parte. Assim, como modelo primário de existência e produto da ação

humana para o uso da comunicação e do entendimento social, a música não é só reflexiva, mas tem a importante tarefa de servir como guia para as ações humanas⁷⁰.

Outro momento da Posse força Ativa foi o de se organizar através de passeatas, panfletagens e de fornecer oficinas nas escolas.

“...as pessoas tinham aquela visão você vai na escola só pra estudar. Você pode fazer muita coisa dentro das escolas. A gente oferecia oficinas. A primeira escola que a gente foi era em Santana. ...as pessoas mudaram com o tempo, e a Força Ativa foi um momento importante na vida delas, de aprender as coisas, conhecer pessoas, sair do “mundinho”, a gente conseguiu abrir pras pessoas que a vida delas não era só aquele “mundinho”, não era só aquela rotina, eu acordo e vou dormir. Então, as pessoas mudaram. Tinha uma perspectiva (...) você tinha um livro, você tinha pessoas pra conhecer, conversar, você é um ser humano, você tem muita coisa ai dentro de você e que muitas vezes você não sabe. As vezes o seu conhecimento pode não servir pra você, mas pode servir pra outra pessoa, é a troca de experiências. (Skema, fundador e ex-membro da Posse Força Ativa. Entrevista realizada em 15/11/2004).

⁷⁰ Ver: MERRIAM, Alan P. **The anthropology of music**. Northwestern University Press, 1997.

Ao longo da sua trajetória a Posse Força Ativa chegou a agrupar aproximadamente em torno de oito grupos de rap, ou seja, vinte cinco pessoas no total, vindas de diversas partes da cidade de São Paulo.

“tinha gente lá da favela da Zaquinache, tinha gente da João XVIII, tinha nós que morava em Itaquera, eu e o Wagner. Tinha o J.L que morava perto do Parque do Carmo. Tinha gente de todos os lugares, mas todo mundo do extremo. Acho que quem morava só lá no centro era o Márcio, que a gente chamava de Cidadão X” (Nando Comunista, membro do NCFA. Entrevista realizada em 18/08/2004).

Aqui Nando Comunista narra seu primeiro contato com a posse.

“conheci o pessoal do Força Ativa num concurso de rap lá no Santana Samba, que a gente tinha um grupo que era o Extrema Esquerda Radical, que era eu o Wagner, o nome dele era Zapatista. Tinha também o J.L., mas na época ele não era do grupo, era só eu e o Wagner. Eu lembro que numa quarta-feira a noite eu cantei a música Estado, fala o que é o estado, a gente tem uma definição disso. Eu lembro que quando eu desci do palco, o Skema me abordou e perguntou: você é comunista? Eu falei: depende se for o comunismo da

Rússia eu não sou comunista, mas se for aquele na base que Marx e outros escreveram eu sou. Os caras começaram a fazer um debate, convidaram a conhecer o grupo, e aí a gente acabou gostando, que era uma posse diferente das outras que se reunia não só pra fazer hip-hop, se reunia pra fazer hip-hop e outras coisas mais, além de lutar contra o preconceito, o racismo e a discriminação da época” (Entrevista realizada em).

Destacamos abaixo a letra da música *Estado* interpretada pelo grupo de rap Extrema Esquerda Radical, quando do encontro de Nando Comunista com a Posse Força Ativa

ESTADO

Estado capitalista, deficitário,
Comitê executivo da burguesia,
opressor do proletariado
Poder monopolizado, expressão
imediata de mercados em bloco
Economia globalizada
A superestrutura é gigante
No domínio e controle de
Empresários, latifundiários e grupos de
elite dominante

Estas frações controlam e dirige a
política institucional

Implementando planos economicos a
serviço do Capital

Então pra que disputar o parlamento,
Ocupar cargos no governo, cadeiras no
congresso

Se tudo está a reboque do Capital
Certamente é um retrocesso escolher a
via eleitoral

Como forma de luta e combate ao
Capital

Votando em propaganda eleitoral,
Participar e formular programa
governamental

Na via politicista, a população é elitista
Racista, capitalista, votam pela
aparência

Em propaganda eleitoral, eis as metas
de

Programa governamental global

Ditado pelo Fundo Monetário

Internacional:

Economia globalizada, dolarizada,

contenção de inflação, serviços
públicos terceirizados
empresas estatais privatizadas,
nas áreas periféricas, no ser humano
não se investe em nada
Incrementos em ferrovia, rodovias
valorizam
Propriedades fundiárias
Grandes fazendeiros, posseiros e
governo
Evitam e impedem a Reforma Agrária
O neo-liberalismo, cassino mundial,
global é incapaz
De conter o metabolismo social,
De eliminar a luta de classes e o
antagonismo
Da batalha final: TRABALHO X
CAPITAL
A sociedade civil é oprimida pelos
grupos dirigentes
Que exercem poder de manipulação
Através do monopólio da coerção e
aplicação
De violência física a serviço do estado

As polícias, as Forças Armadas

São instrumentos, coerção

fundamental

Do terrorismo estatal

A ideologia da classe dominante é

empregada

A sociedade despolitizada

Sustentando a propriedade privada

Assegura e reproduz a divisão

Garantindo o controle e dominação

Dos proprietários dos meios de

produção

A superestrutura assim é arquitetada

Sociedade política, exército, polícia e

Técnicos burocratas

Assim se define o estado

Em sua teoria restrita e ampliada.

Letra: NANDO COMUNISTA &

ZAPATISTA

(Letra inspirada em Gramsci no seu

trabalho sobre Hegemonia).

CONTEXTO

Estado, fala do regime de governo que é capitalista controlado pelo fundo monetário internacional, globalizado e dolarizado. Dentro do país controla e dirige a política institucional, ou seja, está no governo. Este é um estado burguês, controlado por empresários, latifundiários, grupos da elite dominante que oprime os proletários. Destaca também o retrocesso na escolha dos governantes do país através do sistema eleitoral, já que a população é tida aqui como racista, capitalista, e só vota pela aparência. Temos na letra de rap o retrato de uma sociedade civil oprimida, manipulada pelo grupo dirigente, despoliticizada e que sustenta a propriedade privada.

O serviço público encontra-se tercerizado, e a periferia permanece sem investimentos. As construções e empreendimentos como ferrovias, rodovias beneficiam apenas os proprietários de terras e grandes fazendeiros. Não existe a reforma agrária. A polícia e a força armada encontram-se a serviço do estado tido como opressor.

Caracterização identitária construída pela narrativa musical	Dinâmica social	Obstáculos presentes na construção poética	Aspectos valorativos presente na dinâmica textual
<ul style="list-style-type: none">• Estado capitalista neo-liberalista, controlado pelo fundo monetário internacional,	<ul style="list-style-type: none">• Temos um estado opressor, que é capitalista controlado pelo fundo monetário	<ul style="list-style-type: none">• Estado neo-liberalista, capitalista, controlado pelo fundo monetário	<ul style="list-style-type: none">• Não tem

<p>economia globalizada, voltada para os interesses de uma elite burguesa, dominante, que está no poder a serviço do capital</p> <ul style="list-style-type: none"> • A letra dá um exemplo dessa elite que é dentre outros, composta por: Latifundiários, grandes fazendeiros, proprietários de terras, empresários, grupos de elite dominante que ocupa cargos no governo, cadeiras 	<p>internacional, globalizado que controla e dirige o país a serviço do capital e dos interesses da elite dirigente.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Temos a luta de classes, um antagonismo entre trabalho versus capital 	<p>internacional, com economia globalizada, que é incapaz de eliminar a luta de classes e o antagonismo do trabalho versus capital</p> <ul style="list-style-type: none"> • A propaganda eleitoral, a eleição é um retrocesso como forma de luta no combate ao capital • população elitista, racista, capitalista vota pela aparência • Sociedade civil oprimida, manipulada 	
--	--	---	--

<p>no congresso.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Proletariado oprimido • População é elitista, racista, capitalista e vota pela aparência • Sociedade civil, depolitizada, sustenta a propriedade privada, é oprimida e manipulada • Polícia e força armada a serviço do estado opressor. 			
--	--	--	--

A música como bem salienta o etnomusicólogo Tiago de Oliveira Pinto (2001), pode ser entendida a partir de seus elementos estéticos, mas também como uma forma simbólica de comunicação, meio de interação social entre o indivíduo e o grupo.

“Música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade. Ao mesmo tempo é singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural” (p.3).

Nesse caso, a performance musical do rap abrange um conceito mais abrangente a partir do momento em que a musicalidade ganha um significado além do puramente sonoro e adota uma perspectiva social de acontecimento cultural local.

De Posse para Núcleo Cultural

Com o assassinato de um dos componentes da Posse Força Ativa, acrescentado ao fato dos integrantes decidirem tomar rumos individuais, a posse que chegou a agrupar em sua totalidade aproximadamente vinte grupos de rap, permaneceria ainda ativa por mais três anos.

“eu trabalhava de sábado então pegava meu horário de almoço e fugia do serviço, que era ali em Santana mesmo, pra participar da reunião. Depois disso, aconteceram várias coisas. Teve até o assassinato do Chiquinho, um cara que era do mesmo grupo do Alpiste na época, que era do Força Ativa também. Foi assassinato depois do baile. Também o pessoal, que na época estava no começo e hoje em dia são grupos de nome, então começaram cada um tomar seu rumo

de cunho artístico” (Rubia, ex-membro da Posse Força Ativa, rapper do grupo RPW. Entrevista realizada em 16/09/2004).

“várias pessoas começam a casar, gente entra na polícia, gente entra no exercito, aí houve uma desmobilização geral do grupo, porque cada pessoa estava preso nas suas necessidades nos bairros” (Nando Comunista, membro do NCFR. Entrevista realizada em 18/08/2004).

Com a desmobilização da posse, Nando Comunista, até então morador de Itaquera, encontrava-se de mudança para o distrito Cidade Tiradentes. Com o objetivo de falar sobre as inovações trazidas nas letras de rap produzido na época, cuja temática ia de encontro a um rap mais politizado, voltado para as idéias socialistas e não preocupado com a sonoridade da rima, mas sim com o discurso produzido, Nando e seu irmão Weber chegaram a dar uma entrevista a rádio comunitária local Companheira.

No período, o distrito Cidade Tiradentes era visto por Nando como terreno fértil para o seu rap já que grupos locais, estavam preocupados mais em exaltar traficantes, tratar as mulheres por termos pejorativos.

A mudança de posse para núcleo cultural deve-se ao fato de começarem, a partir daquele instante, também a agregar pessoas não vinculadas somente ao hip-hop. Além disso, outra explicação dada na alteração do nome está no fato da palavra posse simbolizar a restrição da atuação do grupo às imediações locais, onde o coletivo encontrava-se situado.

Com o núcleo passamos a ter uma ampliação comunicacional das ações do grupo para além das fronteiras territoriais do “gueto”.

“posse trata de você estar num determinado território ou gueto, como os estadunidenses chamam, e usar aquele espaço para fazer hip-hop e não sair dali. E como já estava desenvolvendo essa consciência internacionalista de ser solidário com os oprimidos do mundo, essa coisa de almejar melhores condições de vida, essa coisa do socialismo, a palavra posse já não dava mais conta, e o pessoal que ia participando não eram pessoas que só fazem rap, break, grafite, já eram outras pessoas que estavam ligadas a outras coisas que fazia rock, teatro” (Nando Comunista, membro do NCFA. Entrevista realizada em 18/08/2004).

“as pessoas que participam do nosso grupo, não precisam necessariamente fazer rap ou participar do hip-hop como um todo, basta só querer mudar a realidade colocada, ou melhor dizendo: tem que ser um descontente com tudo com o que está acontecendo, interessado em denunciar as catástrofes causadas pelas elites no Brasil e no mundo” (Weber, membro do NCFA. Entrevista realizada em 04/09/2004).

Skema, fundador e ex-membro da Posse Força Ativa não vê a mudança no nome do grupo como uma espécie de ruptura com o passado, mas acredita numa continuidade e um avanço no ponto de vista da politização do coletivo. Nas palavras do antropólogo italiano Massimo Canevacci (2000), a cultura jovem é parte constitutiva da metrópole contemporânea, e isso significa dizer que se trata de uma cultura múltipla, plural, móvel e opositiva, exprime conflitos, inovações, é uma cultura que está sempre se renovando. Assim tanto a posse como o núcleo cultural são partes constitutivas do tecido metropolitano.

De acordo com Skema, a partir do Núcleo Cultural Força Ativa teremos uma maior preocupação em termos da parte organizacional e estrutural do grupo.

“a gente antes tentava fazer as coisas com menos organização e mais entusiasmo, lia, conhecia e queria passar sem uma programação. Hoje, senta, se debate, convoca as pessoas pra irem nas escolas, assistir filmes”
(Entrevista realizada em 15/11/2004).

Entre o final de 1994 e o começo de 1995, o grupo já estava sediado nas imediações do distrito Cidade Tiradentes. No começo se reuniam na casa de Nando Comunista, na rua 25 G, atual Rua Engenheiro Carlo Grazia. Com o tempo o espaço foi ficando muito pequeno, tamanho era o número de pessoas interessadas no grupo. Assim, começaram a se reunir na frente do prédio de Nando Comunista. Por intermédio de uma

antiga professora de Nando, a Edilaine, que ao tomar conhecimento dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo, os convida para dar uma palestra na escola EMEF Anna Lamberg Zéglío, que na época encontrava toda pichada, depredada e com a presença dos traficantes nas dependências internas da escola.

Com a iniciativa do projeto Vamos Ler Um Livro, que teve sua origem em 1995, o rapper Betinho, do NCFA, escreveu uma letra que levou o mesmo título do projeto, e que foi interpretado primeiramente pelo grupo de rap Juventude Armada, integrantes na época do NCFA, e que ganhou sua versão na interpretação do grupo Comuna Força Ativa, também do coletivo.

Primeira Versão

Música: Vamos Ler Um Livro

Letra: Adalberto (Betinho)

Interpretação: Juventude, Armada

Ei, ei, cara

Mergulhe na história

Preste atenção no que eu vou dizer

agora

Chega de ler besteira,

Chega de babaquice

Procure se informar

Não seja o mestre da burrice

São tantos que falam merda

E isso enjoa, é um tormento

Procure ler um livro

Pois é a máquina do tempo
Milhares de livros estão ao seu
alcance
Mas você não quer saber
Sua idéia é fraca a todo instante
Você só fala besteira
Não tem auto-estima, meu irmão
Procure ler um livro, a fonte de
informação
Mas você não quer saber
Só se liga em leituras pornográficas
Tipo revistas importadas que vêm
com loiras bem grandes na capa
Meu irmão, se esse tipo de coisa para
você é informação
Se liga nas patricinhas que aparecem
na Malhação
A televisão é uma droga que esconde
a nossa história
Só tem coisa pra boy, quer ver os
pretos pedindo esmola
E os grupos de rappers que estão
surgindo agora

Vamos ler mais livros e mostrar a
verdadeira história

E para aqueles que acham que o hip
hop é brincadeira

E sobem aqui no palco só para falar
besteira

E se exhibir para certas patricinhas

Essas garotas que nos criticam e não
têm nenhuma teoria

Agora eu quero ouvir, todo mundo
comigo:

Vamos ler um livro, vamos ler um
livro

Povo da periferia, vamos ler um livro

Eu quero ouvir a maioria, vamos ler
um livro

Comuna Força Ativa, pois não
queremos ser os tais

Pois sabemos que a boa leitura
ensina até demais

Portanto, meu amigo, procure se
informar

Pois do jeito que está, não, não pode
ficar

São tantos sem cultura, sem
conhecimento pra trocar

A leitura é importante, o livro é arma
fatal

Que acaba com a ignorância, deixa
sua mente legal

O meu nome é Weber, já fui um cara
acomodado

Mas cansei de ouvir besteira e muito
papo furado

Hoje eu sou um rapper, não me julgo
mais informado

Se hoje eu sei um pouco, quero
aprender muito mais

Eu não sou que nem outros manos,
que sabem pouco e querem ser
demais

Eles falam da droga, falam que ela
vai te destruir

Álcool e cigarro eles vivem a
consumir

Será que o álcool e o cigarro também
não é uma droga?

Não te critico, cara, eu só quero uma
resposta

Se aqueles que acham que eu estou
falando bosta

Para mim não batam palmas, para
mim virem as costas

Mas se estão gostando, quero ouvir
todos comigo

Vamos ler um livro, vamos ler um
livro

O hip hop vira moda

Isso não pode acontecer

Com tantos caras contando
historinhas

O movimento irá descer

Estou falando daqueles caras que não
têm idéia pra debater

Putá, puta que o pariu

Essas caras se julgam rappers

Mas pergunta sobre a história

Certamente eles não conhecem

Eles usam o movimento só para ficar
com mulher

E muitas coisas que perguntamos,
eles nem sabem o que que é
Estou cansado de ouvir esses caras
falarem besteira
Chega de letra babaca, o hip hop não
é brincadeira
Vamos mostrar a história que a
escola não mostra hoje em dia
Em forma de rap, mostrala para o
povo, aos trabalhadores, na periferia
Vamos ler um livro, vamos ler um
livro

Segunda Versão

Letra: Adalberto (Betinho), JK e Nando

Interpretação: Comuna Força Ativa

Ei, ei cara mergulhe na história,
Preste atenção no que eu vou te falar
agora,
Chega de ler besteira,
Chega de babaquice,
Procure se informar,

Não seja o mestre da burrice.
São tantos que falam merda,
Isto enjoa é um tormento,
Procure ler um livro,
Pois é a máquina do tempo,
Agora milhares de livros estão ao seu
alcance,
Mas você não quer saber,
Só idéia fraca a todo instante.
Você só fala besteira,
Não tem auto-estima ôh meu irmão,
Procure ler um livro,
A fonte de informação,
Mas você não quer saber,
Se liga em leitura pornográfica,
Tipo revistas importadas,
Que vem com loiras bem grande na
capa.
Ô meu irmão este tipo de coisa prá
você é informação?
Se liga nas “patricinhas” que aparecem
na malhação,
Televisão é uma droga que esconde a
nossa história,

Só tem coisa prá boy,
Quer ver os pretos pedindo esmola,
E os grupos de RAP,
Que estão me surgindo agora,
Vamos ler mais livros
E mostrar a verdadeira história,
Para aqueles que acham
Que o Movimento(Hip Hop) é
brincadeira
E sobe aqui no palco,
Só para falar besteiras
E se exhibir para as "patricinhas"
vazias,
Essas meninas que nos criticam
E não tem nenhuma ideologia,
Agora eu quero ouvir
Todo mundo comigo,
Vamos ler um livro, vamos ler um
livro.
Vamos ler um livro! Vamos ler um
livro!
Povo da Periferia!
Vamos ler um livro!

Vamos ler um livro! Vamos ler um
livro!

Eu quero ouvir a maioria!

Vamos ler um livro!

Comuna Força Ativa

Não queremos ser os tais,

Pois, sabemos que uma boa leitura,

Ensina até demais,

Por isso meu amigo,

Procure se informar,

Pois do jeito que está, não pode ficar,

São tantos sem "cultura",

Sem argumentos prá trocar,

A leitura é importante,

O livro é uma arma fatal,

Que acaba com a burrice

E deixa sua mente legal

O meu vulgo é JK,

Já fui um cara acomodado,

Mas cansei de ouvir besteira,

E muito papo furado,

Hoje eu sou Rapper,

Não me julgo mais informado,

Se hoje eu sei um pouco,

Quero aprender muito mais,
Não sou que nem muitos manos
Que sabe pouco e quer ser demais,
Eles falam de droga,
Que ela vai te destruir,
Álcool e cigarro eles vivem a
consumir,
Será que o álcool e o cigarro,
Também não são uma droga?
Não te critico Rapper,
Eu só quero uma resposta
E aqueles que acham,
Que eu estou falando bosta,
Para mim não batam palmas,
Para mim virem as costas,
Mas se estão gostando,
Eu quero ouvir todos comigo,
Vamos ler um livro, vamos ler um
livro
Refrão
O movimento(Hop Hop) vira moda,
Isto não pode acontecer,
com tantos manos,
Contando estorinha,

O Hip Hop irá descer,
Estou falando desses caras
Não tem idéia para debater
Putá que o pariu,
Esses manos se julgam Rapper,
Pois pergunte sobre a história
Certamente eles não a conhece,
Eles usam o Movimento(Hip Hop),
Só para "catar" mulher,
Muita coisa perguntada,
Eles não sabem o que que é,
Estou cansado de ouvir esses caras
falar besteiras,
Chega de letra babaca
O Hip Hop não brincadeira,
Vamos mostrar a história
Que a escola não mostra
Hoje em dia
E em forma de RAP,
mostrá-la para o povo,
Aos trabalhadores da Periferia

CONTEXTO

Tanto a primeira versão quanto a segunda (interessante ressaltar que de uma versão para outra, o que altera é apenas o uso de pequenas expressões, que talvez soariam melhor no momento de se fazer à rima, na busca de uma melhor métrica, com a eliminação de algumas palavras), mostram alguém que manda um recado, Weber, na primeira e JK, na segunda, para quem está ouvindo a música, para parar de falar futilidades e buscar a informação na leitura de um livro.

A televisão é vista como algo que esconde a história do povo, e que só retrata fatos ligados ao mundo dos boys, e que quer ver o preto pedindo esmola. Então é uma tevê que está a serviço de uma classe social.

Chama atenção para os grupos de rappers para lerem um livro e mostrarem mais a verdadeira história. Critica as pessoas dentro do hip-hop que só sobem no palco para falar besteiras, se exibir para as patricinhas, garotas que os criticam e que não tem teoria (pessoas sem informação). Conclama o povo da periferia a ler um livro, pois essa é a arma fatal contra a ignorância. Weber ou J.K. afirmam na letra que já foram pessoas acomodadas e que cansaram de ouvir tolices. Hoje são pessoas que querem aprender cada vez mais.

A letra retrata também as pessoas ligadas ao hip-hop que se acham inteligentes, mas só dizem besteiras, falam das drogas, que elas vão te destruir, mas consomem álcool e cigarro, que também é uma droga. Diz ainda, que o hip-hop não é brincadeira, não pode virar moda, pois desse modo enfraqueceria ao continuar compondo no seu interior pessoas sem idéias para debater, que desconhecem a história do hip-hop, se julgam rappers e usam o movimento para ficar apenas com mulheres. Para isso, coloca-se como necessário à revisão daquilo que é escrito nas canções. É preciso também mostrar para o povo, trabalhadores da periferia, a história que a escola não mostra. No final a narrativa da música conclama a todos para ler um livro.

Caracterização identitária construída pela narrativa musical	Dinâmica social	Obstáculos presentes na construção poética	Aspectos valorativos presente na dinâmica textual
<ul style="list-style-type: none"> • Pessoas que só lêem besteira e falam babaquices, são os mestres na burrice, não tem auto-estima, desconhecem a verdadeira história, só lêem pornografia, assistem televisão, não tem informação • Televisão é feita para os boys e mostra o negro pedindo esmolas • Aqueles que acham que o hip- 	<ul style="list-style-type: none"> • Mostra que a história é deturpada, falta informação, e que tanto a televisão e escola não mostram a história como ela é. E que só através de uma boa leitura, a leitura de um livro pode trazer o conhecimento, a informação e auto-estima. • Hip-hop não pode se transformar em moda, e também 	<ul style="list-style-type: none"> • Ignorância, falta de informação, de interesse em ler um livro • Pessoas do hip-hop, que se julgam rappers, não sabem debater, não tem conhecimento da história, não se informam estão fazendo o hip-hop declinar • Achar que o hip-hop é brincadeira, moda, escrevem letras sem conteúdo, e que 	<ul style="list-style-type: none"> • ler um livro; uma boa leitura, arma fatal contra a ignorância • rap, arma a favor do conhecimento, pois mostra a verdade dos fatos

<p>hop é brincadeira, só sobem no palco para falar besteiras, se exibir para as patricinhas (garotas que criticam eles e não tem nenhuma teoria)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Muitas pessoas sem cultura, sem conhecimento para trocar • Weber ou JK, rappers, já foram acomodados e cansaram de ouvir besteiras, não se julgam informados, mas querem aprender mais 	<p>tem que frear esses que se julgam rappers e deturpam o movimento, usam para se aproximar das mulheres, escrevem letras sem conteúdo, falam coisas e fazem outras.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O rap pode ser outra arma na busca do conhecimento, contra o estado de ignorância. 	<p>falam uma coisa por trás falam outra “eles falam da droga, falam que ela vai te destruir. Álcool e cigarro eles vivem a consumir. Será que o álcool e o cigarro também não é uma droga?”</p> <ul style="list-style-type: none"> • Televisão, falta de informação, não revela a verdade dos fatos • Escola não ensina a verdadeira história 	
--	---	---	--

<ul style="list-style-type: none"> • Outros manos, do hip-hop, que sabem pouco e querem mostrar que sabem demais, falam na letra que algumas coisas são erradas e por trás fazem essas mesmas coisas “eles falam da droga, falam que ela vai te destruir. Álcool e cigarro eles vivem a consumir. Será que o álcool e o cigarro também não é uma droga?”. • Contam historias e levam o hip-hop 			
--	--	--	--

para baixo; pessoas que não tem idéia para debater. Se julgam rappers, desconhecem a história, usam o movimento para ficar com mulheres			
<ul style="list-style-type: none"> • Povo da periferia são assemelhados a trabalhadores 			

A música *Vamos ler um livro*, era apresentada como uma espécie de jingle pelo grupo após suas palestras nas escolas locais. A letra procurava discutir dois pontos: primeiro, a necessidade dos rappers começarem a ler, afinal eles transmitem conhecimento, problematizam discussões; outro ponto é fazer com que a população de modo geral comece a ler.

Com os resultados obtidos através das palestras e sob a autorização da diretora do Ana Lambergia o grupo passaria a se reunir na escola todos os domingos. A partir daí, o

grupo ganharia sua notoriedade passando a ser convidado para dar palestras em outras instituições de ensino local.

Com a escassez de bibliotecas no distrito, juntamente com o Núcleo Cultural Força Ativa, tanto a Pastoral da Juventude Meio Popular, como o pessoal da Tendência do Trabalho e do Impacto Punk, decidiram montar um centro de estudos. Então, começaram a realizar debates, arrecadar livros que eram guardados na casa de cada um dos membros do coletivo, passando depois a guardar numa sala do grêmio da escola Ana Lambergá.

Reunidos nos finais de semana na casa da Bete, uma ativista de movimentos sociais no distrito começaram a pensar em montar uma biblioteca comunitária. Com mais de quatro mil livros, estantes, mas sem espaço para guardá-los, isso acabou desmotivando alguns dos participantes que achavam que aquilo era uma função do estado. O NCFA não desistindo do sonho de construir a biblioteca comunitária, deu início as alianças com outras entidades fora da comunidade.

Com o dinheiro arrecado no curso Agentes Comunitários e Direitos Humanos, fornecido pelo IBEAC, Instituto Brasileiro de Estudos e Apoios Comunitários, no qual participaram juntamente com o pessoal da Aliança Negra Posse (outro coletivo presente no distrito Cidade Tiradentes), e com seu intermédio, já que o grupo não possuía CNPJ, a Cohab cederia no ano de 2000 uma sala para a instalação da biblioteca comunitária a título precário, por um certo tempo de dois anos sem pagar aluguel.

Em outubro de 2001, a biblioteca comunitária foi implantada, e recebeu o nome de Centro de Documentação em Direitos Humanos e Biblioteca Comunitária Solano Trindade. O ponto de partida foi à parceria com o projeto Integrar, por meio do qual realizariam cursos e conseguiriam oficializar a compra de uma parte do acervo e outros materiais. Atualmente, ali funciona a biblioteca comunitária e as atividades de projetos

voltados na área de promoção e discussão dos direitos humanos, que é vinculado ao JACDH, Jovens Agentes Comunitários de Direitos Humanos⁷¹.

Podemos dizer que o IBEAC é considerado pelo núcleo como um dos melhores parceiros já existentes, pois foi através dele que primeiramente conseguiram a sala que hoje serve como atual sede do grupo. Além disso, foi por intermédio do IBEAC e da Bel da ONG CEERT, que o NCFA recebeu uma doação de 17 mil reais do casal Verena, da Itália, e que foi usado na compra de móveis, estantes, computador, máquina de estampa, mesa, arquivadores, enfim, tudo para a composição do centro de documentação.

O Núcleo Cultural Força Ativa vem se encarregando do funcionamento do espaço e arca com as despesas de sua manutenção, como água e luz. Fora isso, os membros do grupo se revezam no atendimento aos usuários da biblioteca e no tratamento do acervo (codificação, etiquetas, etc.). Todo o trabalho é feito manualmente, já que o único computador existente encontrava-se no início da pesquisa, no ano de 2004, em manutenção. A biblioteca fica aberta ao público de segunda à sexta-feira, das 10h00 às 18h30.

O NCFA privilegia na sua atuação questões voltas às problemáticas enfrentadas no dia-a-dia da comunidade local tais como: a violência policial, consciência afrodescendente, a autoafirmação, consciência política, desemprego, cultura, saúde e educação, além dos aspectos político-econômicos no embate das relações de classe.

O NCFA procura garantir a autonomia enquanto grupo sem serem tutelados por ninguém. Na verdade, o Núcleo Cultural Força Ativa não deixa de fazer alianças com outras entidades que de uma forma ou de outra têm como meta o fim da exploração de todas as discriminações e preconceitos existentes na sociedade. O NCFA é organizado de

⁷¹ O JACDH é um grupo que surge a partir do curso do IBEAC, Agentes Comunitários e Direitos Humanos, e que possui CNPJ. A maioria dos participantes é composta por ativistas do Núcleo Cultural Força Ativa.

forma colegiada (centralismo democrático ou autogestão), sem hierarquias, isto é, onde tudo passa a ser discutido e deliberado em grupo.

“quando o grupo faz uma coisa tem que ser respeitada porque se não o sujeito acha que é autônomo, faço como eu quero (...) não tem um chefe, não tem um presidente, não tem ninguém que represente o grupo, a socialidade representa o grupo, uma pessoa também representa o grupo desde que seja aprovado pela maioria do grupo, que o grupo delibere. A gente recebe muitos convites de várias pessoas da cidade de São Paulo, o espaço de decisão das coisas é na reunião da Força Ativa que é o primeiro domingo de cada mês, a gente escolhe uma série de informações que cada pessoa pega, aí traz pra reunião. A gente além de discutir o que tem proposto pra pauta, vai discutir essas outras coisas também. O pessoal apresenta as idéias, a gente discute, depois a gente tira uma resolução do que se vai fazer e quem vai fazer isso e de que forma vai fazer. Aí monta grupos de trabalhos pra elaborar a atividade e desenvolver. No caso é uma forma de você centralizar a informação individualmente, depois descentralizar no geral” (Nando Comunista, membro do NCFA. Entrevista realizada em 18/08/2004).

As comissões - oficina/palestra, captação de recursos, formação interna, comunicação e imprensa, e comissão executiva - cumprem um papel importante neste modelo de organização. Fica ao encargo do ativista se vincular naquela comissão no qual se acha mais habilitado. As reuniões acontecem muito ao encargo das pessoas envolvidas no processo⁷².

Ice Boy, que já foi membro da Aliança Negra Posse (a primeira posse em atuação na periferia), ex-ativista e atual simpatizante do Núcleo Cultural Força Ativa, ambas sediadas no distrito da Cidade Tiradentes, acredita que o diferencial do NCFA perante outros coletivos, deve-se ao fato dessa estar mais voltada a projetos vinculados as problemáticas sociais, sobretudo a educação. Ainda que, em relação a Aliança Negra Posse⁷³, salienta Ice boy, o NCFA possui uma maior autonomia de atuação no que diz respeito no desenvolvimento de deliberação dos projetos.

O Núcleo Cultural Força Ativa é, para Ice Boy, reconhecido por ser um grupo de intensa militância política, centrado no coletivo, chegando até mesmo existir uma espécie de controle interno, na medida que se faz toda uma discussão em torno da postura “ideal” a ser exercida pelos membros do grupo.

“A semana toda é de militância intensa. Na semana toda tem que manter a biblioteca aberta, elaborando projetos, pensando neles, indo atrás de captação, palestras, fazendo

⁷² Numa das reuniões realizadas no segundo semestre de 2004, foi discutido sobre o não funcionamento adequado das comissões e a escolha de uma coordenação provisória.

⁷³ Os dois grupos Aliança Negra Posse e Núcleo Cultural Força Ativa já participaram conjuntamente de atividades no distrito Cidade Tiradentes, sendo que uma delas diz respeito a Fundação Palmares, com oficinas de hip-hop nas escolas locais, onde sentaram juntos para discutir sobre a hip-hop no distrito. E outra, lembra Ice Boy, foi o encontro para formação do CTA, Centro de Testagem e Aconselhamento, de direitos humanos.

oficinas direto (...) Tem que andar conforme o grupo anda. O grupo te cobra muita coisa, te cobra uma postura. Tem que ser o coletivo sempre. De dentro você não percebe, mas tem muita cobrança (Entrevista realizada em 03/08/2004).

Celso Fabiano, outro simpatizante do Núcleo Cultural Força Ativa, morador há dez anos no distrito de Cidade Tiradentes, ex-ativista do coletivo Impacto Punk, e idealizador do zine Concreto e Asfalto, se mostra contrário a Ice Boy, no tocante ao controle por parte do grupo sobre as ações individuais.

“Quando você está participando de um coletivo você se sente mais importante até mesmo pra você, tanto a sua auto-estima, quando da importância que você se dá pra si. Eu consigo exercitar o que eu gosto, o que eu sei fazer. Quando você está no coletivo, quando nos unimos torna mais forte”
(Entrevista realizada em 04/09/2004).

O NCFA procura sua auto-crítica social tendo como bandeira da luta pelo exercício da cidadania. E para que isso ocorra, sente a necessidade da sua ampliação do diálogo com coletivos que compartilham de vários ideais em comum.

Desse modo, o ativista do Núcleo Cultural Força Ativa é aquele que faz a leitura crítica dos órgãos oficiais e que busca a politização através da leitura, do ato de escrever, de refletir e de propor ações.

Se um indivíduo almeja entrar para o Núcleo Cultural Força Ativa, terá que vir numa das reuniões realizadas sempre no primeiro domingo de cada mês. Nesse primeiro encontro o indivíduo é tido como visitante, e com uma maior frequência no grupo passa a ser considerado como simpatizante, isto é, aquele que acompanha as discussões do grupo sem pegar nenhuma atribuição. O simpatizante só se tornará um membro efetivo quando participar do seminário anual, atividade obrigatória para aquele que deseja ser ativista do coletivo. Aqui a pessoa declara sua vontade em fazer parte do grupo. Cabe ressaltar que essa passagem é decidida coletivamente entre os ativistas.

Como na primeira fase do Força Ativa, o Núcleo Cultural também perdeu ao longo de sua trajetória muitos integrantes, por diversos motivos.

“A gente perdeu muita gente boa, poço de conhecimento. (...) teve gente que foi trabalhar na polícia, teve gente que entrou no exercito, teve gente que teve que trabalhar e parou (...) E também você ir para outros bairros, vai perdendo contato com as pessoas” (Nando Comunista, membro do NCFa. Entrevista realizada em 18/08/2004).

Hoje o grupo é composto de aproximadamente vinte e cinco participantes, incluindo ativistas e simpatizantes. Em termos de escolaridade, muitos dos integrantes efetivos do NCFA encontram-se cursando o ensino fundamental e médio, outros cursam o ensino superior, alguns são formados e, ainda, tem aqueles que se intitulam autodidatas. Muitos dos membros fazem algum tipo de capacitação.

A idade predominante varia em torno de 19 a 33 anos. A maioria é solteira, alguns são casados e outros possuem filhos.

Reuniões Ordinárias

Realizadas sempre no primeiro domingo de cada mês, serve para discutir o que está acontecendo no momento e delegar tarefas. As reuniões geralmente começam em torno das 11h00 com atraso de 10 a 15 minutos e pode chegar a seu término por volta das 14h00 as 14h30, e dependendo do andamento da reunião, pode-se formar um grupo que ficará por mais algumas horas discutindo sobre um determinado tema até sair sua resolução. Quando necessitar o grupo tem a liberdade de convocar uma reunião extraordinária a qualquer momento do dia e da semana, com o objetivo de discutir e de solucionar algum assunto que mereça urgência na sua resolução. Existe também o seminário anual que acontece todo começo do ano onde o núcleo faz um balanço de tudo o que aconteceu durante o ano, com prováveis possibilidades de mudança ou não.

O primeiro encontro com o coletivo se deu quando resolvi ir até a sede depois de uma conversa por telefone com Góes, integrante do NCFA, logo após ter falado com a Fabiana, também membro do grupo, e não ter obtido respostas.

Fui apresentada ao grupo para saber se poderia ou não realizar as minhas

pesquisas. Sinto-me confortável ao avistar ali o Ice Boy, uma pessoa que já tinha tido um contato anterior, em um outro contexto, e o Batista, um colega antropólogo, que estava ali pela sua pesquisa de doutoramento.

Góes abre a reunião falando da pauta do dia, e logo me apresenta para os demais do grupo. Resolvi nesse dia não fazer nenhuma anotação, pois poderia parecer aos olhos dos presentes algo um tanto estranho e até mesmo incomodo. Então, já que era meu primeiro dia e ainda não me conheciam o suficiente, achei prudente falar um pouco do meu trabalho de mestrado que foi sobre o hip-hop.

Djalma, mais conhecido no grupo por Nando Comunista, questionou sobre os meus propósitos enquanto pesquisadora. Prontamente respondi que eram as melhores possíveis. Fui aceita ao grupo para realizar minha pesquisa. Deixaram-me a vontade para ir embora se quisesse e voltar quando achasse melhor. Resolvi ficar e continuar meu trabalho, observando.

As reuniões ordinárias são abertas a todos da comunidade e coletivos do distrito e fora dele. Os participantes, sentados em círculo, chegam a girar em torno de 21 a 25 pessoas. É passado um papel para que todos, sem exceção, coloquem o nome, telefone e e-mail. As reuniões são mediadas por um ativista do grupo, que na reunião anterior manifesta sua vontade, de modo espontâneo, de coordenar a próxima reunião. O coordenador do dia pede para aqueles que estão indo pela primeira vez ou que já vêm freqüentando e não são ativistas do grupo, que se apresentem aos demais e conte o motivo de estarem ali.

Nessas reuniões são discutidos diversos assuntos, sendo que uma delas diz respeito às Bandeiras de Luta, ou seja, temáticas abordadas pelo grupo e que identificam como parte da composição da ideologia do NCFA. Posteriormente, é produzido um

documento por um ativista do núcleo e entregue a todos para a apreciação, o que depois é colocado no site.

Na bandeira sobre os Direitos Humanos, por exemplo, podemos ver um pouco dessa ideologia do NCFA que transparece no conteúdo abordado do texto. Aqui os direitos aparecem como um instrumental de dominação pela classe dominante, a partir do momento que tende a assegurar a essa classe social a propriedade privada dos meios de produção, legitimando, com isso, sua forma de opressão através da manipulação da economia. O texto alerta os trabalhadores a se organizarem rumo a uma sociedade mais igualitária, uma luta que transcende nos vários campos de resistência e que busca uma sociedade sem classes, mas gerenciada por todos os trabalhadores.

Na primeira reunião em que eu estava presente, foi mencionada a ocorrência do mau uso do e-mail do grupo por parte de alguns dos ativistas, que estavam usando o veículo para fazer brincadeiras, com isso, deixando de pensar nos colegas que ao receberem a mensagem, julgando ser algo importante, gastavam horas enfrentando diversas dificuldades, devido ao pouco tempo destinado à utilização dos computadores nos telecentros da região.

Nessas reuniões ordinárias também são discutidos sobre os eventos a serem organizados pelo Núcleo Cultural, a finalidade e a estruturação de cada evento, como por exemplo, a semana do livro que se propunha a trazer para a Cidade Tiradentes autores nas escolas de rede pública do distrito, centrando a maior parte das discussões na biblioteca Solano Trindade, sede atual do NCFA, com o objetivo de trazer o público para dentro da biblioteca e de conhecerem o trabalho do núcleo.

Podemos perceber que a biblioteca aparece como pauta obrigatória nas reuniões do NCFA, seja para organizar o mutirão de limpeza, seja para discutir sobre o déficit da

equipe (muitos dos membros se desdobram nos diversos projetos mantidos pelo núcleo cultural), já que estamos falando do ponto estratégico onde são feitos os contatos, direto com a comunidade local.

Grupo de Estudos

O grupo de estudos é realizado sempre no terceiro domingo de cada mês. Na verdade a leitura sempre foi o ponto crucial do NCFA.

“a gente sempre gostou de ler, e aprofundar essas coisas o conhecimento, de como a gente vai entender a sociedade, e a gente leu muita coisa socialista também. Então a gente queria entender como funciona porque que o cara governa, porque o cara domina, então a leitura foi sempre o diferencial. E por conta disso, é um grupo que se destaca dentro do movimento hip-hop, porque a gente defende as coisas com consistência, não por aparência (...) Quando a gente ia nos lugares as pessoas se espantavam assim, que eu acho até mesmo pejorativo, da gente ser preto, ser trabalhador, filho de trabalhador, as vezes desempregado e morar na periferia, cantar rap e ter um puta conhecimento a ponto de discutir com qualquer pessoa. As vezes as pessoas não acreditavam que a gente poderia ter essa potencialidade,

principalmente aqui na Cidade Tiradentes” (Nando Comunista, membro do NCFA. Entrevista realizada em 11/09/2004).

O GDE, Grupo de Estudos, ganha sua importância a partir do momento em que serve como base de sustentabilidade interna e externa ao Núcleo Cultural Força Ativa, seja nas oficinas, nas palestras, na própria postura do militante, seja na produção textual.

Por ter sido o primeiro do grupo a ter entrado numa universidade, uma pessoa que sempre mereceu a confiança do coletivo e também por sua bagagem teórica e de vida, Wagner Tavares foi eleito pelo NCFA para ser o mediador do grupo de estudos. Assim, Wagner lê o texto do dia, onde cita na discussão outros autores, além de mencionar os livros que acabaram de sair sobre a temática abordada, e também de citar experiências ocorridas no seu dia-a-dia que de alguma forma ganham relevância ali no momento da discussão.

Citamos abaixo alguns dos textos lidos pelo GDE:

- 1) *O Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx
- 2) *A Ideologia Alemã*, de Karl Marx
- 3) István Mészáros, capítulo Direitos Humanos e Marxismo retirado de *Ideologia, Filosofia e Ciência Social - Ensaio de Negação e Afirmação*
- 4) Texto de Engels chamado de *Classes Sociais Necessárias e Supérfluas*, que está na Revista Temas

- 5) Marshal Berman, *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar/A Aventura da Modernidade* com os capítulos A Perda do Halo e Autodestruição Inovadora
- 6) José Chasin, "*Hasta Cuando*"?
- 7) Ricardo Antunes, *A Rebeldia do Trabalho/O confronto Operário No ABC Paulista*, parte I e capítulos I, II e III.
- 8) István Mészáros, texto retirado da Revista *Práxis* intitulado *Ofensiva Socialista*

Segundo Wagner Tavares, membro do Núcleo Cultural Força Ativa, NCFA, as influências do GDE sobre os membros do NCFA, simpatizantes e ativistas, são absolutas. Desde a relação de um membro com o outro, a busca pelo conhecimento para entender as contradições geradas pelo capital, passando pela opção política partidária, ou até mesmo como uma armadura de proteção do próprio grupo frente aqueles que vão para visitar as dependências do NCFA na tentativa de cooptar o grupo.

“ creio que o NCFA precisa ser o mais laico possível, sem que com isto seja também "casa da mãe Joana". Isto é, precisa haver certa afinidade, mas nada de dogma. Entra quem estiver afim, todavia terá tarefas a cumprir...”
(Entrevista realizada em 11/09/2004).

Um ponto muito importante do GDE é o de não haver nenhuma espécie de doutrinação por parte do mediador. Frequentemente o grupo recebe a presença de convidados para dar palestras sobre temas específicos.

Sem a obrigatoriedade da frequência, o GDE se coloca aberto a todos, independente de credo, cor, classe social, local onde se mora, e que estejam interessados em conhecer um pouco mais sobre a ideologia e os trabalhos desenvolvidos pelo núcleo.

AUTOGESTÃO JUVENIL

Em meio à falta de políticas e programas nas áreas de cultura, educação, profissionalização, geração de empregos e segurança, a juventude se vira como pode. Para desfrutar das comodidades da ilha das fantasias capitalista, amplamente divulgadas pelos meios de comunicação, muitos enveredaram pelo caminho do crime. Porém, jovens mais críticos preferem lutar ao invés de se juntar a essa sociedade de consumo. É aí que surgem as organizações juvenis. Nestas organizações – que já se tornaram objeto de estudo de vereadores paulistas - os jovens se reúnem para defender e reivindicar as suas necessidades de lazer e cultura, tornando-se verdadeiros líderes comunitários. Realizando oficinas de auto estima, sexualidade, criação de grêmios estudantis, além de debates e shows musicais em escolas, associações e outros espaços públicos. As organizações juvenis buscam agregar anarquistas, punks, rappers, poetas, homossexuais e todos os jovens que se encontram à margem da sociedade.

escrito por: Djalma Lopes Góes (Nando
Comunista) militante do NCFA -
18/09/1999

Modos de atuação:

ATUAÇÃO DO NCFA	
1. Projeto/evento	Jovens Agentes de Direitos Humanos
2. Data da implementação	2000
3. Local	A primeira edição do evento foi na escola Ver. Anna Lamberg Zéglio
4. Instituição	Núcleo Cultural Força Ativa (promotora)
5. Ênfase prioritária	Esse projeto tem por objetivo implantar um centro de Documentação de Direitos Humanos no distrito Cidade Tiradentes.
6. Estratégia de intervenção	Oficinas, palestras
7. Parcerias envolvidas	EMEFs da região
8. Público alvo/beneficiário	Jovens, adultos
9. Fontes de financiamento	nenhum
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Discussão sobre a questão dos direitos humanos

ATUAÇÃO DO NCFA	
1. Projeto/evento	Revolução Com a Nossa Cara
2. Data da implementação	2001
3. Local	EMEFs da Cidade Tiradentes
4. Instituição	UJS (União da Juventude Socialista e grupos de rappers formados por ativistas do Força Ativa.

5. Ênfase prioritária	CD a ser vendido nas escolas após palestras
6. Estratégia de intervenção	CD de rap e palestras
7. Parcerias envolvidas	EMEFs da região
8. Público alvo/beneficiário	jovens
9. Fontes de financiamento	nenhum
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Divulgação as propostas do Núcleo Cultural Força Ativa

ATUAÇÃO DO NCFA

ATUAÇÃO DO NCFA	
1. Projeto/evento	CTA – Plantão Jovem (Centro de Testagem e Aconselhamento de Prevenção em DST/Aids)
2. Data da implementação	2002
3. Local	Profeta Jeremias, 96, Cohab Metropolitana, Santa Etelvina 3
4. Instituição	NCFA (em parceria com a prefeitura da cidade de São Paulo)
5. Ênfase prioritária	Prevenção de DST/Aids
6. Estratégia de intervenção	Fazer atividades fora da unidade para alcançar os jovens que não têm contato com os insumos de prevenção de DST/Aids, que é o preservativo
7. Parcerias envolvidas	Secretaria Municipal de Saúde através do programa de DST/Aids e a Unesco
8. Público alvo/beneficiário	Jovens
9. Fontes de financiamento	Prefeitura de São Paulo
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	A linguagem utilizada pelo NCFA, que foge aos padrões utilizados pelos centros de DST/Aids, vem conseguindo trazer a

	atenção dos jovens no distrito para a temática
--	--

ATUAÇÃO DO NCFA	
1. Projeto/evento	Hip-Hop com Sorvete
2. Data da implementação	Essa edição que ocorreu no Corpo de Bombeiro foi em 2004
3. Local	Corpo de Bombeiros, AV. dos Mertilúgicos, Cidade Tiradentes
4. Instituição	NCFA (promotora)
5. Ênfase prioritária	Divulgação do Núcleo Cultural Força Ativa
6. Estratégia de intervenção	Shows de rap e debates
7. Parcerias envolvidas	Força Ativa e Secretaria do Estado
8. Público alvo/beneficiário	Moradores do bairro
9. Fontes de financiamento	nenhum
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	divulgação dos trabalhos exercidos pelo NCFA

ATUAÇÃO DO NCFA	
1. Projeto/evento	Semana do livro
2. Data	Realizado sempre na semana de setembro de cada ano
3. Local	Biblioteca Solano Trindade, Avenida dos Têxteis, 1050, Gráficos, distrito Cidade Tiradentes. E em algumas escolas da rede

	pública da região.
4. Instituição	NCFA (promotora e organizadora)
5. Ênfase prioritária	Incentivar as crianças e jovens a gostarem de ler
6. Estratégia de intervenção	Contar histórias infanto-juvenis para crianças e adolescentes. Realizar um debate acerca temas significativos ou situações problemáticas do bairro com a presença de convidados.
7. Parcerias envolvidas	EGJ – Espaço Gente Jovem, As EMEFs da região, Ação Comunitária Santo Cristo, Secretaria de Estado da Cultura
8. Público alvo/beneficiário	Crianças, jovens e adultos
9. Fontes de financiamento	nenhum
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Incentivar a leitura

ATUAÇÃO DO NCFA	
1. Projeto/evento	Biblioteca Comunitária Solano Trindade
2. Data da implementação	Concebido em 1995 foi implantado em 2001
3. Local	Avenida dos Têxteis, 1050, Gráficos, distrito Cidade Tiradentes.
4. Instituição	Núcleo Cultural Força Ativa (promotora)
5. Ênfase prioritária	Incentivo a leitura e discussão das políticas públicas

6. Estratégia de intervenção	Fazer atividades que desenvolvam o gosto pela leitura
7. Parcerias envolvidas	IBEAC, Instituto Brasileiro de Estudos e Apoios Comunitários; Cohab Metropolitana; Secretária de Estado da Cultura, através do programa São Paulo, Estado de Leitores; e ultimamente o VAI, Programa para Valorização das Iniciativas Culturais, e Ação Educativa, através do Integrar pela Educação.
8. Público alvo/beneficiário	Pessoas da comunidade
9. Fontes de financiamento	Financiado pelo VAI (programa de valorização das iniciativas culturais)
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Além de virar um centro de referência para a juventude, estímulo na leitura, promover a desmistificação de que pessoas da periferia, pobres, não gostam de ler.

ATUAÇÃO DO NCFA	
1. Projeto/evento	Projeto Grafite
2. Data	Durante o ano de 1999

3. Local	EMEFs da região
4. Instituição	NCFA (promotora e organizadora)
5. Ênfase prioritária	Surgiu da idéia de transformar o espaço de atuação que é a escola, valorizando o espaço-físico. Trabalhar com jovens da comunidade através de oficinas de desenhos e pinturas, fazer o jovem construir uma identidade de respeito com a escola. Melhorar a auto-estima, valorização do ser humano
6. Estratégia de intervenção	Reuniões, debates, leitura e discussões sobre os diferentes temas a serem trabalhados nas paredes, muros e salas das escolas
7. Parcerias envolvidas	EMEFs da região
8. Público alvo/beneficiário	Jovens da comunidade e alunos da escola
9. Fontes de financiamento	Comerciantes, associações e comunidade local
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Eliminar a violência e valorizar o espaço escolar

ATUAÇÃO DO NCFA	
1. Projeto/evento	Culturas juvenis, educadores e escolas
2. Data da implementação	1999
3. Local	Ação Educativa

4. Instituição	Núcleo Cultural Força Ativa (participante)
5. Ênfase prioritária	Esse projeto tem por objetivo proporcionar um diálogo entre as culturas juvenis e a escola, entendendo os movimentos juvenis como protagonistas e atores que também cumpre um papel educativo em nossa sociedade. Os problemas do modo geral na educação, propor solução através de um vídeo onde o mesmo será usado como discussão sobre a escola no seu bairro
6. Estratégia de intervenção	Palestras
7. Parcerias envolvidas	Nesse projeto teve a participação das seguintes organizações juvenis: Posse Poder e Revolução, União Graffit, e o Núcleo Cultural Força Ativa.
8. Público alvo/beneficiário	Jovens
9. Fontes de financiamento	nenhum
10. Resultados alcançados/horizonte da ação	Discutir a importância da escola e da educação

Cidade Tiradentes é um dos mais pobres entre os 96 distritos do município de São Paulo. Está situado no extremo leste da capital e apresenta problemas relacionados à insuficiência na oferta de serviços e equipamentos públicos. Isso agrava as dificuldades decorrentes do desemprego, do tráfico ilegal de drogas e da violência a ela associada.

O NCFA, que possui seu site próprio, já utilizou como veículo de comunicação uma rádio comunitária chamada Rádio Companheira, na Cidade Tiradentes. Além disso, o grupo freqüentemente aparece em reportagens de tevê, jornais e revistas.

Através da musicalidade rap, oficinas ou projetos como o Plantão Jovem, que envolve a prevenção em DST/Aids, o NCFA vem mobilizando a população local na discussão das políticas públicas voltadas para a região; além de todo um trabalho voltado a questão da educação e o incentivo a leitura. Atualmente o NCFA mantém parceria com diversas escolas da rede pública da região e também fora dela. Além da parceria com os Jovens Agentes Comunitários de Direitos Humanos, que divide o espaço da biblioteca. O núcleo também atua em parcerias com o VAI, Programa de Valorização das Iniciativas Culturais; com a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, com a ONG Ação Educativa, o Ética e Arte de Guaianazes, o IBEAC, Instituto Brasileiro de Estudos e Apoios Comunitários, com a Secretaria de Estado da Cultura, através do programa São Paulo Estado de Leitores e com a Cohab Metropolitana. Estas são algumas das parcerias que o núcleo vem mantendo e que não envolve financiamentos em dinheiro, mas que caminha bem mais de encontro com os pontos existentes em comum frente a ideologia do NCFA.

A experiência mundial tem demonstrado proveitosa a relação cooperativa entre governo e coletivos juvenis autogestivos. Ela tem significado um impulso substantivo para o desenvolvimento deles, e não apenas no que diz respeito à obtenção de mais recursos para o cumprimento de seus objetivos. A cooperação tem feito a estes coletivos juvenis ampliarem sua importância econômica e seu papel na definição de políticas públicas. Por outro lado, o governo adquire um parceiro importante para implementar as políticas públicas, principalmente em áreas onde sua ação é mais ineficaz e onerosa.

CAPÍTULO V

REDES PERIFÉRICAS JUVENIS ALIANÇA NEGRA POSSE E NÚCLEO CULTURAL FORÇA ATIVA

“I define collective action in the strict sense as the ensemble of various types of conflict-based behaviour in a social system. A collective action implies the existence of a struggle between two actors for the appropriation and orientation of social values and resources, each of the actors being characterized by a specific solidarity. (...) Collective action also includes all the types of behaviour which transgress the norms that have been institutionalized in social roles, which go beyond the rules of the political system and/or which attack the structure of a society’s class relations (...) a social movement is an analytic construct and not empirical object”.

Alberto Melucci⁷⁴.

“Contemporary movements are prophets of the present...they announce the commencement of change; not, however, a change in the distant future but one that is already a presence”.

Alberto Melucci CHALLENGING CODES

Cena Pública Juvenil

Na verdade, há uma imprecisão em se falar de juventude como se fosse um conjunto homogêneo. O modo de vida, os problemas e as necessidades dos jovens variam de acordo com o local onde vivem, sexo, faixa etária e classe social. Não há *uma* juventude, mas sim

⁷⁴ Trecho extraído do artigo: The new social movements: A theoretical approach. *Social Science Information* SAGE, London and Beverly Hills, 19, 2 (1980), p.202.

diferentes juventudes que, do ponto de vista das políticas públicas, requerem ações diferenciadas.

De acordo com Lourdes Sola (1998), a grande maioria dos problemas da juventude identifica-se com os mesmos problemas e necessidades de toda a população, normalmente tratados setorialmente pelos governos municipais. No entanto, há dois aspectos que fazem a juventude merecer uma atenção particular como sujeito de políticas públicas:

a) especificidades da juventude - as carências da juventude, em termos de políticas públicas, são diretamente influenciadas por sua condição concreta de vida. Suas demandas são diferenciadas em relação a outras faixas etárias ou possuem manifestações específicas à juventude. As necessidades de emprego, formação profissional, saúde, lazer, por exemplo, tendem a ser bastante particulares aos jovens. Por outro lado, mesmo que haja coincidência de objetivos das políticas em relação aos jovens e a outros grupos sociais ou faixas etárias, como no caso da prevenção ao uso indevido de drogas, a forma de atingi-los tende a ser bastante específica;

b) convergência de necessidades - a juventude é um momento em que se combinam uma série de necessidades particulares: busca de socialização, afirmação de gênero, entrada no mercado de trabalho, início da vida adulta. Esses desafios colocados para o jovem são interligados entre si. Nesse momento de transição estas diversas necessidades de atendimento à saúde, moradia, emprego etc; convergem de forma crítica. Atuar em uma esquecendo-se das restantes dificilmente será eficaz.

Atualmente temos uma enorme quantidade movimentos jovens que são expressões concretas da sociedade contemporânea e seus paradoxos.

Os jovens são protagonistas ativos dessas disputas em torno dos sentidos que emprestam ao tema da juventude, pois mesmo como atores impõem significados que

traduzem modos diversos de pensar a si mesmos e seus pares, perfilam diferentemente suas demandas e estabelecem projetos pessoais ou coletivos.

No caso brasileiro a reflexão sociológica tem na década dos anos 60 um marco fundamental, no qual as manifestações juvenis são vistas como questionadoras da ordem social, revolucionárias de usos e costumes, e estruturadoras de utopias sociais e políticas. A geração dessa década e suas mobilizações tipificaram a “juventude engajada”, sendo o movimento estudantil uma de suas formas mais características. Essa juventude crítica – objeto de estudos clássicos no Brasil - tinha como referência fundamental jovens de classe média, cujos questionamentos culturais e políticos deram relevância à juventude como ator social. Diferentemente da juventude transviada americana ou dos rebeldes sem causa europeus dos anos 50, os movimentos juvenis de década de 60 representavam mais que uma ruptura entre adultos e jovens ou uma violência sem direção social definida. Eles foram vistos como expressão de uma certa politização que apontava ideais de construção de uma nova sociedade.

Essa forma de representar a juventude permaneceu como referência de análise, o que significou, para muitas reflexões posteriores, a desqualificação das manifestações juvenis dos anos subseqüentes, que passaram a ser vistas como expressões de alienação. Essa desqualificação relaciona-se, basicamente, ao fato de que nos anos 70, e principalmente durante toda a década de 80, os jovens se organizaram em torno de movimentos culturais que se apresentavam socialmente com um estilo de vida que tinha na música, no lazer e no privilegiamento de determinados itens de consumo - sua marca de identificação⁷⁵.

⁷⁵ Ver: Abramo Wendel, Helena. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Página Aberta, 1994.

Em relação à sociabilidade juvenil contemporânea, Maffesoli em sua obra “Le temps des tribus” (1988), retrata no terreno social a presença de micro-grupos que vão se desenvolver no interior de uma sociedade massificada. Parte também da diferenciação entre uma sociedade marcada pela modernidade (fundada sobre uma organização econômico-política, onde a inserção dos indivíduos estaria marcada por funções configuradoras de identidades específicas e agrupamentos contratuais) e uma estruturação social pós-moderna (caracterizada por uma estrutura complexa onde os indivíduos se localizariam socialmente através de uma multiplicidade de engajamentos e exercício de papéis intercambiáveis). As tribos, como vai denominar o autor, correspondem às novas formas de reagrupamento social pós-modernas, onde a fluidez de sua composição social, o caráter efêmero e frágil de suas organizações e a dimensão local, seriam suas marcas distintivas. O engajamento em tais micro-grupos implicaria no compartilhamento emocional de valores, lugares e ideais que são ao mesmo tempo circunscritos (localismo) e universalizáveis.

O modo de produção mudou, novos tipos de privações surgiram, e os novos movimentos sociais são o resultado lógico de tudo isso. Sociedades pós-materialistas, pós-industriais, pós-afluentes, baseadas na informação, constituem arranjos estruturais que criam, exatamente nessa ordem, novas formas de estratificação, novos grupos de conflito, novos padrões de dominação e novas percepções dos objetivos e interesses em jogo. Mais do que reivindicar uma redistribuição, os movimentos contemporâneos de protesto concentram-se nos códigos, no conhecimento e na linguagem. O conflito baseado na opressão torna-se simbólico, e sua análise requer métodos interpretativos, não somente modelos explicativos.

Esses campos configuram hoje o centro das preocupações da sociedade em relação à dinâmica de seus centros urbanos e à expansão de processos de representação

identitária e as formas de exclusão social. Nesse contexto, o estudo da juventude urbana e seu processo de formação/deformação como sujeitos e suas manifestações se torna uma tarefa socialmente fundamental.

Para o sociólogo português José Machado Pais (1990), é no cotidiano e no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação. A perspectiva dos jovens através de seus quotidianos permite, ainda, segundo o autor, descobrir a diversidade de seus comportamentos, já que se movem em diferentes contextos sociais e partilham linguagens diferentes e valores diferentes. As suas diferentes maneiras de se pensar, de sentir e de agir resultam de diferentes mapas de significação que orientam as suas condutas, as suas relações interindividuais e as suas trajetórias⁷⁶.

Políticas Públicas e Juventude

As políticas públicas são práticas coletivas, representam ações ou mediações político-institucionais, definidas principalmente pela existência de recursos públicos e pelos mecanismos de intervenção do Estado na sociedade. Cada vez mais se percebem experiências de políticas públicas implementadas por múltiplos sujeitos políticos e sociais,

⁷⁶ Numa perspectiva contemporânea, a juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica. As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade, ao mesmo tempo denunciam para a sociedade a questão complexa do tempo em que as envolvem. A noção de juventude é socialmente variável. A noção de tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos modificam-se de sociedade para sociedade, e na mesma sociedade, ao longo do tempo e através das suas divisões internas. Ver: ABRAMO Wendel, Helena. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Página Aberta, 1994.

como as Organizações Não Governamentais, as Igrejas, as entidades filantrópicas e outras entidades da sociedade civil.

De acordo com Maria das Graças Rua (2001), podemos classificar as políticas públicas em três dimensões que devem estar estreitamente inter-relacionadas, às vezes não se podendo separar uma dimensão da outra: as políticas sociais tradicionais de educação, saúde, cultura, transportes, habitação, crianças e adolescentes; as políticas estruturais de promoção do desenvolvimento, como a política industrial, a política agrícola e agrária, a ambiental, a construção civil, a relação com o mercado financeiro internacional; e as políticas compensatórias ou reparadoras e redistributivas, são muitas vezes chamadas de emergenciais ou paliativas, como as tradicionais (seculares) políticas de combate aos efeitos da seca no Nordeste, passando pelas modernas bolsa-escola e outros instrumentos de redistribuição de renda para os empobrecidos, até o mais recente Fome Zero e as políticas de quotas para negros nas universidades.

Desta forma, consideramos que as políticas públicas são ações institucionais, destinadas a responder a demandas ou necessidades de reformas sociais, a ampliação dos direitos da cidadania e a promoção do desenvolvimento.

A autora é ainda mais categórica ao apresentar o entendimento de políticas públicas como conjunto de decisões e ações destinadas à resolução de problemas políticos. Nesse caso, as políticas públicas se destinam a solucionar problemas políticos, que são as demandas que lograram ser incluídas na agenda governamental. Enquanto essa inclusão não ocorre, o que se tem são “estados de coisas”: situações mais ou menos prolongadas de incômodo, injustiça, insatisfação ou perigo, que atingem grupos mais ou menos amplos da sociedade sem, todavia, chegar a compor a agenda governamental ou mobilizar as autoridades políticas.

De certo modo, a implementação de políticas são amplamente produto de conflitos em torno do destino de recursos e de bens públicos limitados, ocupando um espectro amplo de negociações e de formação de consenso, mesmo que provisórios.

As políticas de juventude, segundo Rua (2001), comportam no interior do aparelho de Estado uma diversidade de orientações e podem disputar recursos e operar diferentes definições de prioridades em face de outras políticas. Podem estar mais próximas de modelos participativos e democráticos ou serem definidos a partir do que no Brasil tradicionalmente foi designado como cidadania tutelada ou, apenas, como forma de assistência e controle do Estado sobre a sociedade, sobretudo para os grupos que estão na base da pirâmide social.

Dois conceitos vigoraram em documentos de órgãos do governo federal e Ongs, principalmente quando referidos a projetos e programas fortemente focados na juventude: protagonismo juvenil e jovens em situação de risco social. Aliás, essas são mais marcadas por apelo social do que conceitos ancorados em diagnósticos sociais e reflexões analíticas sobre o tema da juventude. Na grande maioria dos casos, representaram simplificações facilitadoras do entendimento de realidades sociais e culturais complexas e também códigos de acesso para financiamentos públicos orientados por uma tão nova quanto frágil conceituação de proteção social e cidadania participativa. Estimular o protagonismo juvenil, expressão tantas vezes encontrada em textos de projetos variados, parece ser auto-explicativa até o momento em que nos perguntamos sobre o seu verdadeiro significado. A idéia de constituição dos Conselhos Municipais e Estaduais dos direitos dos jovens, ganha força justamente pelo terreno fértil no interior das iniciativas juvenis, mas também por fazer parte do debate mais geral de ampliação da cidadania e da democracia participativa, como expressões de um contexto marcado pela socialização da política e politização do social. Ou

seja, faz parte da luta política pela constituição de uma esfera pública não estatal, que ao comprometer a sociedade com a realização de políticas públicas, valoriza, reforça e cobra o papel do Estado, com a sua responsabilidade de enfrentar os graves problemas da atualidade.

Torna-se importante articular o processo de constituição dos Conselhos Municipais e Estaduais dos direitos dos jovens, com os processos mobilizadores e participativos das juventudes, para que não se torne mais um instrumento de atendimento e assistência, onde os jovens são considerados como “destinatários” ou “beneficiários”, e não como sujeitos. A constituição dos Conselhos devem ser desde a sua origem, como mais uma expressão do protagonismo juvenil.

As políticas de juventude são formas plurais, nem sempre convergentes, avançando no desafio de fazer aproximar a juventude às instituições sociais e à realidade, com a disponibilidade de estruturas organizadas (nível regional e local) e institucionais (escola, família, empresa, associações, administração pública, etc...), num propósito de conhecer os problemas e necessidades da juventude, no contexto, de modo a adotar os recursos adequados.

Uma política pública voltada para a juventude deve oferecer uma resposta global às diversas necessidades dos jovens, melhorando sua qualidade de vida e favorecendo ao máximo sua participação nas decisões.

Por conta de seu caráter multisetorial, a abrangência de uma política municipal de juventude pode variar em função das necessidades e possibilidades de cada município. Além disso, é preciso que se evite considerar os jovens apenas como público-alvo de uma política pública. Não adianta elaborar uma política sem que se pergunte aos jovens o que querem. É possível tratá-los como sujeitos dessa política, participantes ativos de seu

desenho e implementação. Nessa visão, os jovens tornam-se parceiros e interlocutores do governo municipal, realizando ações conjuntas da política municipal de juventude. Para isto, é importante localizar e contatar organizações já existentes, para contar com seu apoio, além de articular fóruns para discussão dos problemas e propostas.

A implantação de uma política de juventude traz resultados que não se restringem a benefícios imediatos para os jovens. Na verdade, os benefícios produzidos podem ser absorvidos por toda a sociedade e seu impacto se estende a longo prazo.

Agentes jovens periféricos: Aliança Negra Posse e Núcleo Cultural Força Ativa

Fica patente o caráter extremamente urbano e periférico das organizações pesquisadas, Aliança Negra Posse e Núcleo Cultural Força Ativa, no que tange aos fatores ligados a localização de ambos e que acabam por influenciar suas atuações - a ausência de certas infraestruturas básicas e a evidente carência da comunidade do distrito de Cidade Tiradentes⁷⁷, diante do enorme grau de pauperização em relação ao bem estar social. Ressalta-se que o fator “carência” destaca-se com grande força na determinação do perfil dos agrupamentos juvenis aqui pesquisados.

Anteriormente a conquista da sede, tanto a Aliança Negra Posse como o Núcleo Cultural Força Ativa, encontravam abrigo nas escolas locais da rede de ensino público do distrito – isso também se deveu ao forte caráter de atuação de ambos na temática da educação. Com espaço cedido pela Cohab Metropolitana de São Paulo, coube aos dois

⁷⁷ Conhecida por todos como cidade dormitório, os moradores do distrito Cidade Tiradentes já se conscientizaram de que o lugar é apenas para dormir e descansar nos fins de semana, uma vez que ali não há emprego e quase nenhum centro cultural, cinema ou teatro. Cabe ressaltar que o distrito foi o pioneiro no uso dos Telecentros e os primeiros a se beneficiarem com o Plano de Inclusão Digital, em junho de 2001.

coletivos a manutenção da atual sede de ambos, assim como reformas necessárias. Os dois agrupamentos arcam com as despesas diárias com ajuda dos membros - com melhor condições financeiras no momento -, que contribuem com soma em dinheiro.

Tanto o NCFA como a Aliança Negra Posse sofrem com a falta de investimentos para a concretização de muitos dos projetos. Cada um a seu modo visa a ampliação de direitos e benefícios sociais e afirmação de identidade do jovem morador do distrito de Cidade Tiradentes. Na verdade, cada coletivo se aglutina em torno a grandes ideais vinculados tanto as causas de aquisições mais básicas que é ligado ao micro-cotidiano quanto pelo macro (sistêmico), quando temos a transposição da discussão, que deriva de um projeto reflexivo do self e relacionadas com o estilo de vida, centrada em debates e contestações, para amplos territórios que não só o local de onde se vive.

Podemos pensar na ótica de Alberto Melucci (2001) que a teoria da ação social desses coletivos leva a entender a constituição da engrenagem social. E é através da autoreflexividade desses sujeitos, com seus fluxos de informação que poderemos encontrar a chave da mudança para a estrutura societal. Ou como bem salienta Evelina Dagnino (2000), temos aqui o exercício prático de civilidade regida pelo reconhecimento da alteridade e que tem como medida o ideal de equidade como expectativa a validação, legitimação de valores e aspirações. Estamos falando da luta por direitos de se ter direitos, isto é, a base fundamental para a emergência de uma nova noção de cidadania, com a constituição de sujeitos sociais ativos.

Nesse sentido, a cidadania ativa, não se trata apenas do direito à vida, mas do direito à vida em sociedade, ou seja, à participação civil e política que implica, em primeiro lugar, contrapartidas da parte de quem é atendido. Advinda do pertencimento a uma mesma comunidade nacional. Aqui, idealmente, as políticas públicas deveriam se ocupar de

prevenir a exclusão - mais do que de reinserir os excluídos -, e de criar uma sociabilidade positiva.

A Aliança Negra, de posse (grupo ligado a manifestação cultural e artística o hip-hop), torna-se ao longo da história ONG e com isso ganha uma amplitude nos seus trabalhos extra localidade. Na constituição, a Aliança Negra Posse é formada por grupos de rap (um deles, o Fator Ético, possui cd gravado) que fazem da música a bandeira política de ação, de reivindicação, de publicização e de comunhão com outros coletivos.

Um dos principais veículos de comunicação da Aliança Negra Posse com o outro é a musicalidade rap. A partir daqui o coletivo se publiciza e começa a participar de palestras envolvendo problemáticas ligadas ao universo jovem-negro e sua localidade como drogas, saúde, educação, aborto, racismo, discriminação, primeiro emprego, a falta de aparelhos sociais voltados a cultura e ao lazer⁷⁸.

No exercício da teatralização, dos grupos pertencentes a Aliança Negra, sinalizam através da musicalidade uma não aceitação a estigmas e violências a que estão cotidianamente submetidos. Seus espaços de vida não são mais envergonhadamente ocultados, como fizeram muitas das antigas gerações de moradores do distrito, mas assumidos explicitamente em seus poemas. Através da musicalidade temos a mediação de caráter educacional, informacional e político no registro de uma comunidade carente, discriminados, marginalizados, jovens periféricos no qual os direitos civis estão ameaçados.

⁷⁸ O lazer, para os jovens, aparece como espaço especialmente importante para o desenvolvimento de relações de sociabilidade, das buscas e experiências através das quais procuram estruturar suas novas referências e identidades individuais coletivas. O lazer se constitui também como campo onde o jovem pode expressar suas aspirações e desejos e projetar um outro modo de vida. É justamente nos espaços de lazer e nas atividades ligadas à diversão e ao consumo cultural que poderemos ver surgir modos de expressão dessas novas condições juvenis, da qual fazem parte as críticas ao modo de vida atual e as elaborações referentes às expectativas de futuro. Ver: ABRAMO Wendel, Helena. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Página Aberta, 1994.

Já o Núcleo Cultural força Ativa, é um agrupamento juvenil no qual agregam em seu espaço pessoas que não são vinculadas somente ao universo hip-hop. Cabe ressaltar, que o uso da palavra posse foi a muito abandonada pelo Núcleo por assim entender na sua simbolização uma certa restrição contida na atuação do grupo preso apenas às imediações locais, onde o coletivo está situado. O grupo não só atua na localidade, mas também cultiva a ampliação comunicacional de suas ações para além das fronteiras territoriais do gueto. É preciso, sobretudo, restaurar as redes de reciprocidade positiva para estabelecer parcerias com todas as formas de associações que promovem aquelas reciprocidades.

O Núcleo Cultural Força Ativa visa o aprimoramento conceitual e a busca do conhecimento, da consciência de classe, a luta contra o racismo que acaba sendo revertido nas ações práticas do grupo. A música torna-se fator secundário na movimentação política do coletivo. Aqui, a criticidade advém das leituras feitas em grupo a partir dos clássicos da política e o exercício da escrita como parte importante na manifestação de seus membros. Através de reuniões, o NCFA discute modos de intervir nas políticas públicas efetuadas pelo Estado, principalmente direcionada aos jovens do distrito, buscando uma opinião sobre as mesmas e a reformulação de propostas.

Cabe registrar que a importância da comunicação está aliada a capacidade performativa de intervenção pública desses coletivos, como verdadeiros agentes sociais, pautado por elevada base racional (ideais e convicções), e criteriosamente orientada.

Concluimos que, a ação dos dois agrupamentos juvenis, ao transcender amplamente os seus próprios limites internos, ao repercutir, portanto, sobre o conjunto da sociedade, confere-lhes um caráter eminentemente dinâmico e, também, um papel prioritário em termos de inovação social na busca pelos princípios da liberdade e igualdade, os quais marcam também o forte cunho ético-moral e emancipatório de cada coletivo.

O papel importante (e revitalizado) da Aliança Negra Posse e Núcleo Cultural Força Ativa depende, cada vez mais, da capacidade de preservar as estruturas comunicacionais e de promover a sua mais ampla comunicabilidade no tecido social.

Em termos comunicacionais, é a participação no discurso público que permite aos coletivos adquirirem reflexivamente consciência da sua situação política e definirem uma posição face ao poder, em função de expectativas e aspirações intrínsecas e autonomamente motivadas.

Estrutura organizacional

No caso da Aliança Negra Posse por se tratar de uma ONG, o coletivo acaba por seguir um padrão hierárquico na sua estruturação; assim temos atribuições de cargos como de conselheiros, presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretários. Do ponto de vista do coletivo, as funções apenas são estabelecidas para que haja um melhor aproveitamento de todas as idéias sem a limitação de poderes entre uns e outros, visando com isso a participação de todos.

O processo de institucionalização (ou perda da inocência), vem dar respostas a preocupação dos membros dos dois coletivos na busca de angariar os fundos necessários para dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos. Com base nisso, a Aliança Negra Posse torna-se ONG (Organização Não-Governamental). Na verdade, ter um CNPJ torna-se sinônimo de meios facilitadores em conseguir recursos para a concretização dos projetos a serem realizados.

Através de diversas parcerias e, principalmente, do JACDH (Jovens Agentes de Direitos Humanos, composta em sua grande parte por membros do Núcleo Cultural Força

Ativa - NCFA) -, organização institucionalizada com registro de CNPJ, o NCFA recebe auxílio na captação de recursos financeiros para realização dos seus projetos.

O NCFA tem é composto por comissões responsáveis por: oficina/palestra, captação de recursos, formação interna, comunicação e imprensa, e comissão executiva. Fica ao encargo dos ativistas (membros efetivos do grupo) se vincularem na comissão no qual se vêm mais habilitados. As reuniões internas em cada comissão acontecem muito ao encargo das pessoas que estejam ali envolvidas.

Autogestão

A palavra autogestão ou autoprodução remete ao discurso da autonomia. Isto é, queremos ser reconhecidos enquanto nós, reconhecidos na nossa identidade, e que muito está ligado a concepção que se tem da identificação com o grupo e interesses comuns.

Nesse contexto, a autonomia vem a significar na conquista do direito a voz, do papel de protagonista ao buscar espaços mais amplos de negociação com o Estado.

A condição social de exclusão e a experiência cotidiana tornam-se papeis fundantes na organização desses dois coletivos. Assim, a identidade imaginada surge como recusa aos papéis sociais, uma imposição contra a ordem societal estabelecida. O conflito societal, os antagonismos, a luta, a capacidade do ator de ser ator, de fazer sua história, é a base da união presente nos dois coletivos juvenis. Aqui o Estado tanto é visto como o agente da resolução dos problemas como também o adversário. Para Ana Maria Doimo (1995) a proliferação de novas formas de intervencionismo ativo em interlocução direta com o Estado, tem coincidido com a erosão dos sistemas de representação das instituições políticas.

“esses formatos de participação não só tem traduzido uma crise das medidas convencionais de comunicabilidade política, como levantando o desafio de se construírem novas formas de participação política (...) Trata-se, pois, de alterar o sistema de representação de interesses, de modo a garantir a participação das diferenças através de alguma medida de equalização desses interesses junto à esfera decisional. Em outras palavras, como diria Offe, trata-se de uma tarefa de reengenharia institucional, no sentido da atribuição de status público aos grupos de interesse...” (p.60)

A composição dos valores dos dois agrupamentos juvenis, Aliança Negra Posse e Núcleo Cultural Força Ativa, estão estreitamente relacionadas às parcerias formadas. Os dois coletivos mantém parcerias com diversas entidades governamental e não-governamental, instituições de ensino público (NCFA com escolas públicas da região e Aliança Negra escolas públicas da região e universidade públicas e privadas), e vinculação com outros coletivos de jovens da região e fora dela procurando uma rede crescente e ampliada de comunicação. O reforço das redes de solidariedade se dão aqui em meio ao reconhecimento das diferenças e à defesa de uma nova cultura cívica.

O medo da cooptação e a perda da autonomia, da manipulação, são comuns aos discursos dessas organizações que, mesmo com todos esses receios, se lançam na arriscada aventura de encontros com órgãos governamentais e não-governamentais, em busca de parcerias. Podemos destacar aqui como vantagens da união conjunta com o Estado e outras organizações, a sobrevivência dessas organizações no que se refere as condições

necessárias para a capacitação dos integrantes desses coletivos. A necessidade de uma boa qualificação técnica específica (muitos dos membros hoje cursam universidades) para atender as demandas geradas tem se revelado um desafio importante como condição necessária para uma participação efetiva dos coletivos junto a comunidade.

ELEMENTOS DE COMUNICAÇÃO

- Identificação dos desafios e estratégia de comunicação

INDICADORES	ITENS EXPLICATIVOS
PLANEJAMENTO COMUNICACIONAL	<p>Por parte da Aliança Negra Posse, muitas das vezes não ocorre um planejamento estratégico de comunicação administrativa bem definido, ficando muito livremente ao encargo dos membros isolados, sua atuação nos diversos projetos efetuados pela ONG. Essa liberdade de atuação isolada dos membros, como ocorre na Aliança Negra Posse, não acontece no Núcleo Cultural Força Ativa. Aqui tudo passa a ser discutido em reuniões coletivas. O poder decisório é centralizado nas direções coletivas e não individuais.</p> <p>Ao contrário do NCFA, na Aliança Negra Posse não possui uma definição sistemática, contínua e estratégica de ações com objetivos a médio ou longo prazo.</p>

<p style="text-align: center;">IDENTIDADE COLETIVA E RELACIONAMENTO C/ PÚBLICOS</p>	<p>Os dois coletivos apresentam muito bem constituídos no discurso, o embate com as relações sociais normatizadas pelo sistema social. A resultante passa pela elaboração e execução dos projetos defendidos pelos dois coletivos</p> <p>Ocorre uma definição muito clara do perfil do público alvo que se pretende atingir – jovens negros carentes do distrito da Cidade Tiradentes e também daqueles que independente de cor, crença, local onde se mora, se identificam com o trabalho desses coletivos.</p>
<p>FRONTEIRAS DA COMUNICAÇÃO</p> <p>FRONTEIRAS DA COMUNICAÇÃO</p>	<p>Compreensão ampla por parte dos dois coletivos, que não se restringe unicamente ao local de onde se vive. O que se coloca como exigência aos agrupamentos as diversas parceiras formadas com outros coletivos dentro e fora do distrito.</p> <p>Os dois grupos ainda padecem de insuficiência de recursos financeiros para o desenvolvimento dos projetos.</p>

IDENTIFICAÇÃO
POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO NÚCLEO CULTURAL FORÇA ATIVA

Fontes de financiamento do núcleo	Meio e forma de comunicação do núcleo	Bens de propriedade	Principal dificuldade	Estratégia adotada para a superação das dificuldades	Principais temáticas de atuação	1) Principais beneficiários 2) Enfoque	Produtos e serviços comercializados	Âmbito/região de atuação
Doação em dinheiro dos próprios membros do Núcleo que contribuem quando podem com soma em dinheiro. Cabe ressaltar que muito dos membros trabalham em projetos, vindos das diversas parcerias formadas, como oficinairos	Através do rap; internet; fóruns, documentário, entrevistas na tv. Com restrição a programas que não são realizados ao vivo, para não haver o perigo da edição. O grupo discute primeiro como será a matéria. Outras formas de comunicação é o jornal; as rádios comunitária (o grupo já chegou a ter um programa chamado Swingue Brasileiro conceito e Politização no ar, que tocava rap na Cidade Tiradentes e proporcionou visibilidade e divulgação para os trabalhos do grupo).	algumas estantes, alguns livros, microfone, computador, um par de teck nikes, um compressor para fazer grafite	A maior dificuldade está na questão da autogestão. Por não ter uma liderança que imponha nada as coisas tem que ser conversadas, discutidas e construídas em coletivo. E outra é de tocar o trabalho sem recursos financeiros, impossibilitando o enriquecimento das ações do coletivo.	a criação da comissão de captação de recursos	prevenção de DST/Aids através do Plantão Jovem; promoção dos direitos humanos através do Centro de Documentação; incentivo a leitura e a educação escolar; luta pela emancipação das mulheres; movimento hip-hop; racismo.	As atividades do NCFA são voltadas para os oprimidos seja da comunidade local ou for dela; crianças, adolescentes e adultos, independente de raça, cor ou credo. Tendo como foco de atuação central os jovens da região.	O NCFA não comercializa produtos	1) âmbito de atuação: Nacional, Estadual e Municipal 2) região de atuação: Sudeste

IDENTIFICAÇÃO
POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO ALIANÇA NEGRA POSSE

Fontes de financiamento da ONG	Meio e forma de comunicação da ONG	Bens de propriedade da ONG	Principal dificuldade da ONG	Estratégia adotada para a superação das dificuldades	Principais temáticas de atuação	1) Principais beneficiários/ 2) Enfoque	Produtos e serviços comercializados	Âmbito/ região de atuação
Doação em dinheiro dos próprios membros da posse; parcerias não envolvendo dinheiro com órgãos municipais, comerciantes locais, outras associações	Shows; CDs; camisetas com o logo da posse; rádios comunitárias; e-mail/página eletrônica na internet; cinema; TV; fóruns/conferências; contato boca-a-boca; jornal; revistas; fanzines.	equipamento de edição de vídeo; biblioteca	Financeira; Falta de infraestrutura ; falta de patrocínio para a realização dos projetos; aumentar o número de voluntários; melhorar instalações/ espaço físico; contratar assessoria especializada	Negociar projetos/ captar recursos; formular plano de comunicação/ marketing social; estabelecer alianças estratégicas	Educação; arte, cultura e lazer; saúde; discriminação racial; relação de gênero e discriminação sexual; trabalho e renda; direitos humanos	1) jovens negros e não negros; adultos negros e não negros, moradores da Cidade Tiradentes; vinculados a cultura hip-hop; simpatizantes do coletivo; 2) Integração dos de jovens negros na sociedade enquanto sujeitos críticos; desenvolver a cidadania; transformar as discussões em políticas públicas; fortalecer as entidades e coletivos organizados; solucionar problemas imediatos.	A ONG não comercializa produtos	1) âmbito de atuação: Nacional, Estadual e Municipal 2) região de atuação: Sudeste

Projetos

- Problemáticas NCFA de atuação: a violência policial, direitos humanos, consciência afrodescendente e autoafirmação e participação cidadã da juventude negra, consciência política, desemprego, cultura, saúde e educação, políticas públicas para juventude do distrito Cidade Tiradentes, além dos aspectos político-econômicos no embate das relações de classe;
- Problemáticas Aliança Negra Posse de atuação: educação, saúde (gravidez precoce, o uso de drogas e o alto índice de doenças sexualmente transmissíveis), direitos humanos, lazer, políticas públicas para juventude do distrito Cidade Tiradentes, educação, discriminação racial, marginalização de jovens afro-descendentes , violência

Tanto os dois coletivos, nas suas diferentes formas de atuação, buscam conscientizar a juventude negra, principalmente os jovens moradores do distrito de Cidade Tiradentes da condição de pobreza e desigualdade no qual estão sujeitos e que constituem obstáculos estruturais na representação de seus interesses gerando debilidades. A ação educativa visa defender direitos educacionais e qualidade da educação para a comunidade local, além de criar oportunidades para a expressão e ação dos jovens do distrito.

A socialização dos jovens do distrito Cidade Tiradentes é marcada pela ausência total de redes de proteção social, característica de um quadro de exclusão social que promove o estreitamento da possibilidade de exercitar escolhas culturais alternativas e que, em última instância, influencia seus processos de socialização. Romper o isolamento social

desses jovens que vivem em contextos de fortes precariedades materiais e culturais vêm se tornando a bandeira de luta desses dois agrupamentos.

Vemos diante da atuação dos dois agrupamentos juvenis que a conquista da cidadania deixa de ser pensada exclusivamente em termos da vigência de direitos reconhecidos pelo Estado e passa a compor um “catálogo” de demandas e atitudes que cobram reconhecimento e respeito para si. Em outros termos, a cidadania passa a se orientar num terreno em que sua definição não está dada a priori, nem de uma vez por todas, nem tampouco se expressa uniformemente. É preciso construir a cidadania.

Caber ressaltar que a defesa dos direitos humanos passa a ser entendido por parte dos dois coletivos, como forma de assegurar e expandir os direitos básicos de infra e superestrutura e na luta contra o racismo a quaisquer formas de discriminação. Resgatar a autoestima é uma tarefa de cidadania contra toda forma de discriminação e violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sociedades capitalistas assentam na desigualdade social, mas esta tende a ser menor quando são levadas a sério as políticas de igualdade de oportunidades, assentes nos sistemas nacionais de educação, saúde e previdência social.

Boaventura de Sousa Santos, sociólogo⁷⁹

MODALIDADES DE INTERMEDIÇÃO, PRÁTICAS CULTURAIS E IDENTITÁRIAS

Enquanto as estatísticas mundiais tendem a mostrar o quanto às desigualdades na distribuição da riqueza estão a reforçar-se, apesar da intensificação dos fluxos mundiais de capital, da ampliação dos mercados, da globalização das comunicações, as conquistas para melhorar os padrões de vida estão cada vez mais escassas a maior parte da população do globo.

Em geral, percebemos através das designações utilizadas para caracterizar o mundo contemporâneo: modernidade tardia, pós-modernidade, segunda modernidade, modernidade reflexiva, sociedade global, globalização cultural, glocalização, sociedade do conhecimento e da informação, etc., permeia na base ainda o reconhecimento de que a incerteza marca o futuro das nossas sociedades (Bauman, 1998).

⁷⁹Trecho extraído do artigo “Integração pluralista. Folha de São Paulo, Tendências/Debates, 13 nov., A3, 2005.

Estamos vivenciando uma poderosa inovação tecnológica que vem impondo e transformando os indivíduos em meros consumidores de mercadorias, além de produzir identidades socialmente úteis, perfeitamente codificadas e estereotipadas, que nos chegam através da publicidade, da moda, das diversas narrativas mediáticas e das próprias personagens dos media.

A desagregação de grupos sociais e de práticas sociais, até então unificadas, estabilizadas e consolidadas em torno de uma lógica que garantia uma margem de liberdade de escolha dos indivíduos sobre as suas condições materiais e culturais de existência, vem impondo as políticas sociais cada vez mais uma maior reflexividade na concepção que temos por cidadania (Beck, 1995)⁸⁰.

Os agrupamentos juvenis analisados nesta obra constituem os atores que reagem à reificação e a racionalização sistêmica do mundo contemporâneo. Eles propõem a preservação de um espaço autônomo e de organização e de formação de identidade.

Trata-se da construção de um espaço autônomo que desenvolve processos de formação democrática de opinião pública e da vontade política coletiva; de outro, vincula-se a um projeto de práxis democrática, onde a sociedade civil se torna uma instância deliberativa e legitimadora do poder político, onde os indivíduos são capazes de exercer seus direitos subjetivos públicos.

Aqui o espaço de encontro dos comuns é entendido e praticado (com frequência mais pelo Núcleo Cultural Força Ativa, NCFA) como uma arena de discurso, autônoma em

⁸⁰ A prática da cidadania depende de fato da reativação da esfera pública onde indivíduos podem agir coletivamente e se empenhar em deliberações comuns sobre todos os assuntos que afetam a comunidade política. Em segundo lugar, a prática da cidadania é essencial para a constituição da identidade política baseada em valores de solidariedade, de autonomia e do reconhecimento da diferença. Cidadania participativa é também essencial para a obtenção da ação política efetiva, desde que ela habilite cada indivíduo para ter algum impacto nas decisões que afetam o bem-estar da comunidade.

relação ao sistema político, como um local onde se realiza a interação intersubjetiva de cidadãos conscientes, solidários e participativos.

O espaço dos comuns (sede onde acontece as reuniões) se da segundo perspectiva emancipatória, contemplando procedimentos, discursivos, participativos e pluralistas, que permitam aos atores um consenso comunicativo. Nem o “espaço doméstico”. A autonomia participativa revaloriza o primado da comunidade imaginada e da solidariedade, possibilitando a reflexão sobre os imperativos sistêmicos, isto é, dos controles burocráticos do Estado e das imposições econômicas do mercado.

A importância desses agrupamentos acontece no momento em que podemos ter uma contribuição a democratização dos sistemas políticos pela mudança nas regras de procedimento as políticas públicas voltadas para a juventude periférica e a ampliação dos limites dessa política.

Segundo Alberto Melucci, a existência de espaços públicos independentes das instituições do governo, do sistema partidário e das estruturas do Estado é condição necessária da democracia contemporânea. Como intermediações entre o nível do poder político e as redes da vida cotidiana, esses espaços públicos requerem simultaneamente os mecanismos da representação e da participação. Ambos são fundamentais para a existência da democracia nas sociedades complexas. Dessa forma, constatamos que esses agrupamentos podem ser vistos como pontos de conexão entre as instituições políticas e as demandas coletivas, entre as funções de governo e a representação de conflitos (Melucci, 1989).

A construção desses agrupamentos juvenis contribui na participação social e política dos cidadãos. Tais entidades promovem a articulação do desenvolvimento democrático para a sociedade.

Os chamados novos movimentos sociais se organizaram de forma autônoma fora dos partidos políticos, pois sentem-se afugentados pela forma piramidal, burocrática e profissional das lutas politico-partidárias. Em suma, essas entidades e movimentos da sociedade civil, de caráter não-governamental, não-mercantil, não-corporativo e não-partidário, podem assumir um papel estratégico quando se transformam em sujeitos políticos autônomos e levantam a bandeira da ética, da cidadania, da democracia e da busca de um novo padrão de desenvolvimento que não produza a exclusão social.

Nesse modelo, participação e cidadania tornam-se conceitos fundamentais para orientar a atuação das organizações não lucrativas, seja voltada para a sociedade, seja para a realização de parcerias com o Estado, em função do interesse público. Verifica-se, paradoxalmente, que o mesmo processo de globalização que enfraquece o poder dos Estados nacionais fortalece a sociedade civil que intensifica o grau de organização do terceiro setor para realizar funções sociais que o Estado deixa de cumprir e que o mercado jamais cumpriu.

Preenchendo o vazio deixado pelo Estado e buscando compensar as desigualdades econômicas e sociais agravadas pelo processo de produção das empresas de mercado, esses agrupamentos estudados tende a cumprir um papel de crescente importância no distrito Cidade Tiradentes, zona leste da cidade de São Paulo.

Discute-se nesses coletivos juvenis a inclusão democrática de cada indivíduo ao reconhecer e respeitar as noções de responsabilidade e direitos ali desenvolvidos. Entre os desafios está o impulso para a legitimação da decretação e legislação dos direitos com base na necessidade do grupo e não nos termos possessivo-individualistas que tradicionalmente definem os discursos dos direitos. A identidade coletiva não é determinado somente pelo

conjunto de práticas a que uma comunidade se atrela; as relações com os outros e instituições também demarcam o senso de pertencimento.

De acordo com Teresa Caldeira, antropóloga autora de *Cidade de Muros* que investiga as formas da violência na periferia da maior cidade brasileira, afirma que os conflitos urbanos e o espaço da cidade passou a ser o foco tanto de organização social e política quanto de revolta.

A partir das mudanças recentes causadas pela globalização e pelo neoliberalismo – que alteraram a estrutura produtiva e geraram um desemprego estrutural que cria uma nova população urbana, inserida nos lugares mais precários das metrópoles.

“...Há a população excluída, que não tem condições de inserção no mercado de trabalho, altos índices de desemprego e falta de condição de inserção na vida da própria cidade; e uma cidade que exacerba as ofertas de consumo e promessas de mobilidade social. O espaço da cidade, onde está visível a exclusão da possibilidade de consumo, acaba sendo o espaço onde as pessoas articulam os protestos...” (Buarque, p.4, 2005).

A performatividade é o poder discursivo destes coletivos juvenis produz efeitos de afirmação de identidade. A diversidade desses agrupamentos traduz de certo modo diferentes carências que vão unir e movimentar os indivíduos dentro da metrópole numa mobilização rumo as coletividades ao assegurar a liberdade de pertencimento, isto é, a

liberdade de fazer-se representar - o que implica na autonomia de espaços que garantam o reconhecimento de exprimir o desejo de participação. A partir de reivindicações na apresentação de propostas de mudanças sociais para as instituições públicas.

Podemos descrevê-los em termos da criação de um espaço social de comunicação no qual são institucionalizados códigos específicos de distinção entre um "nós" coletivo.

A principal relevância no estudo das expressões juvenis que integram, a ONG Aliança Negra Posse e o Núcleo Cultural Força Ativa, localizados no distrito Cidade Tiradentes, São Paulo, se evidencia no ponto de oferecerem propostas, ao coletivo urbano, na transformação dos códigos que marcam a dinâmica social. Nesse sentido, lembrando Alain Touraine (1988), percebemos uma nítida aproximação desses agrupamentos juvenis com a noção elaborada pelo autor de movimentos sociais já que os mesmos também derivam fundamentalmente dos conflitos e, frutos de uma relação de produção e organização social, uma relação dupla de identidade e de oposição, e que se dirige não como por meras conquistas de poder, mas como projeto cultural, processo de mudança no mundo.

Partimos do pressuposto de que a sociedade não é apenas um sistema mecânico de relações econômico-políticas ou sociais, mas um conjunto de relações interativas, feito de afetos, emoções, sensações que constituem o corpo social.

Esses agrupamentos nos oferecem a liberdade de quebrar todos os entraves que se opõe à imagem de uma identidade sempre perseguida e nunca alcançada; a imagem dos que buscam uma identidade agarrando-se ansiosos a pequenos sinais de auto-expressão publicamente reconhecíveis, apenas para serem forçados pela desnorante velocidade da desvalorização pública a abandoná-los e substituí-los (Bauman, 2001). O apelo à identidade reflete a ação de um militante contra a organização da vida social numa sociedade cuja calculabilidade da técnica adquire o seu caráter determinante frente a uma parcela do social

que ainda fortemente resiste apesar dos esforços para institucionalizá-lo. Um movimento que não está ligado pela rede dos aparelhos estatais e que não se contentam em aceitar o evidente, mas que se mantém a espreita, como desviante. As identidades coletivas proporcionam um princípio de integração social.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994, 172p.
- ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.). Hip-hop: movimento negro juvenil. In: **Rap e Educação - Rap é Educação**. São Paulo: Summus, 1999, p. 83-91.
- _____. **Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo**. 1996, 317p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, 352p.
- _____. O que é liberdade. In: Entre o passado e o futuro. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 188-220.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: história e literatura**. São Paulo: Ática, 1995, 96p.
- BARBERO, Jesús Martín. Comunicação plural: alteridade e sociabilidade. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 9, ano III, p. 39-48, maio/ago.1997.
- _____. Globalismo comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 57-86.
- BAUDRILLARD, Jean. **Power Inferno**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003, 75p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, 141p.

_____. **O mal estar da pós-modernidade.** Tradução de Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, 272p.

_____. **Modernidade Líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, 258p.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva : política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: Editora Unesp, 1995, 264p.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987, 247p.

BERLINCK, Manoel Tosta. **Marginalidade social e relações de classes em São Paulo.** Petrópolis: Vozes, 1975. 152 p. (Coleção Sociologia brasileira; 1).

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, 360p.

BIANCARELLI, Aureliano. Em São Paulo, desigualdade cresce na saúde. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 16 de fevereiro, 2004. Cotidiano C 1.

_____. Itaquera/Guaianazes. Região tem pouco lazer e muitas obras. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 25 de janeiro, 2004. SP, 450 Especial 36.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, 311p.

_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação.** Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996, 231p.

BUARQUE, Daniel. Exclusão cordial. **Folha de São Paulo,** 13 nov, 4, 2005.

- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Editora 34: Edusp, 2000. 400 p
-
- _____. **A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos processos**. São Paulo: Brasiliense, 1984, 300p.
- CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, 150 p.
- CANEVACCI, Massimo. **Culture eXtreme Mutazioni giovanili tra i corpi delle metropoli**, Itália: Meltemi Editore, 2000, 205 p.
- CAPITELLI, Marici. Na passarela, à moda de Cidade Tiradentes: conjunto habitacional terá grife. Roupas foram inspiradas no estilo de vida da comunidade. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 09 de outubro, 2003. Cidades/sociedade C 4.
- CARDOSO, Ruth et al. **3º. setor: desenvolvimento social sustentado**. São Paulo: Paz e Terra, 1997, 173p.
- CARLOS, Ana Fani. Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001. 368 p.
- COHEN, Jean L. Strategy or identity: new theoretical paradigms and contemporary social movements. **Social Research**, v.52, n. 4, p.663-716, winter, 1985.
- CONTADOR, Antônio Concorde; FERREIRA, Emanuel Lemos. **Ritmo & Poesia: os caminhos do Rap**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997, 259p.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**. Porto Alegre: L & PM, 1981. 232 p. (Fontes do Pensamento Político).

- CUNHA, Livia Maria Gomes da. Depois da festa. Movimentos negros e políticas de identidade no Brasil. In: DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo; ALVAREZ, Sonia. (Org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000, p. 335-380.
- DAGNINO, Evelina. Cultura, cidadania e democracia. A transformação dos discursos e práticas na esquerda latino-americana. In: DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo; ALVAREZ, Sonia. (Org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000, p. 61-102.
- DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70**. Rio de Janeiro: ANPOCS: Relume Dumará, 1995, 353p.
- EAGLETON, Terry. **Raymond Williams: critical perspectives**. Cambridge: Polity, 1989, 235 p.
- EVERS, Tilman. Identidade: a face oculta dos novos movimentos sociais. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 2, n. 4, p.11-23, abr. 1984.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Tradução de Julio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995, 223p. (Série Megalopolis).
- FERRAROTTI, Franco. **Rock, rap e l'immortalità dell'anima**. Napoli: Liguori Editore, 1996, 119p.
- FILIPPA, Marcela . Popular song and musical cultures. In: FORGACS, David; LUMLEY, Robert. **Italian cultural studies na introduction**. Oxford University Press: New York, 1996, p. 327-343.
- FORACCHI, Marialice Mencarini. **A participação social dos excluídos**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1982. 173 p. (Ciências Sociais).

- GOHN, Maria da Glória Marcondes. **A força da periferia: a luta das mulheres por creches em São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 1985. 187 p.
- _____. **História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros**. São Paulo: Edições Loyola, 1995. 213 p.
- _____. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2000, 383p.
- GOIS, Antônio; ESCÓCIA, Fernanda da. O Brasil do século 20. País fica mais rico e mais desigual. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 30 de setembro, 2003. Especial 1.
- GOIS, Antônio. Maioria no Brasil não exerce o poder político, diz pesquisa. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 26 de novembro, 2003. Brasil A 9.
- GRANJO, Maria Helena Bittencourt. **Agnes Heller: filosofia, moral e educação**. Petrópolis: Vozes, 1996. 124 p.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos**. Tradução de Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Cátedra, 1989, 507 p. (Teorema Serie Mayor).
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, 102p.
- HALL, Stuart et al. Subcultures, cultures and class: a theoretical overview. In: HALL, Stuart; TONY, Jefferson. (Org.). **Resistance through rituals. Youth subcultures in post-war Britain**. Routledge: London, 2000, p. 9-74.
- HEBDIGE, Dick. **Subculture: the meaning of style**. London, New York: Routledge, 1988, 195p.
- HELLER, Agnes. **Cotidiano e a historia**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho; Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. 121 p.

IANNI, Octávio. **A sociedade global**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, 194p

JAMENSON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução de Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996, 431p. (Temas; 41).

KELLNER, Douglas. A voz negra: de Spike Lee ao rap. In: **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001, p.163-252

KOWARICK, Lúcio. **Escritos Urbanos**. São Paulo: Ed. 34, 2000, 144p.

_____. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, 202p. (Coleção Estudos Brasileiros; 44).

LACLAU, Ernesto. Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 1, n. 2, p. 41-47, out.1986.

LEFEBVRE, Henri. La vida cotidiana en el mundo moderno. Madrid: Alianza, 1972 255 p
El libro de bolsillo. Sección humanidades

MACEDO, Lúlie; KORMANN, Alessandra. Todas as caras da metrópole. **Revista da Folha**. São Paulo, 24 agosto, 2003, p. 6-34.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, 350p.

_____. **Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, 237p. (Série Ensaio & Teoria).

_____. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1997, 286p.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo**. São Paulo: HUCITEC, 1996, 141 p.

MELUCCI, Alberto. **Challenging codes. Collective action in the information age**. New York: Cambridge University Press, 1996a, 441p.

_____. An introduction to study of social movements. **Social Research**, v.52, n. 4, p. 749-787, winter, 1985a.

_____. A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bonfim. Petrópolis: Vozes, 2001. 199p.

_____. Movimentos sociais, renovação cultural e o papel do conhecimento. Entrevista de Alberto Melucci a Leonardo Avritzer e Timolyyra. **Novos Estudos Cebrap**, n 40, p. 152-166, novembro, 1994.

MELUCCI, Albert; et. all. **Nomads of the present. Social movements and individual needs in contemporary society**. Temple University Press, Philadelphia, 1989, 288p.

_____. The symbolic challeng of contemporary movements. **Social Research**, v.52, n. 4, p.789-816, winter, 1985b.

_____. **The playing self. Person and meaning in the planetary society**. New York: Cambridge University Press, 1996b, 177p.

MERRIAM, Alan P. **The anthropology of music**. Northwestern University Press, 1997, 358p.

MITHELL, Tony. Questions of Style: the Italian Posses and their social contexts. In: Popular music and local identity. **Rock, pop and rap in Europe and Oceania**. Leiscester University Press: London, 1996, p. 137-172.

- MOREIRAS, Alberto. **A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos.** Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, 405p. (Humanitas; 61).
- NASCIMENTO, Rômulo Pereira. **Relações sociais em Cidade Tiradentes: um estudo preliminar das relações entre educação e moradia.** 1998, 191p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- NAKANO, Anderson Kazuo. **Quatro COHABs da zona leste de São Paulo: território, poder e segregação.** 2002. 179 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- OFFE, Claus. New social movements: challenging the boundaries of institutional politics. **Social Research**, v.52, n. 4, p.817-868, winter, 1985.
- OGBAR; Jeffrey O.G.; PRASHAD, Vijay. Ritmo Nero, maschera Bianca. Lo spirito dell'hip hop, musica nata dalla ribellione dei Néri americani contro il razzismo, può anche nell'apologia Del consumismo. **Corriere dell'Unesco**, n. 11, p. 31-32, novembre, 2000.
- OGG, Alex; UPSHALL, David. **The hip-hop years. A history of rap.** London: Channel 4 Books, 1999, 221p.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 2.ed. Campinas: Pontes, 2000, 100p.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2000, 234p.
- PACODA, Pierfrancesco. **Hip-hop italiano: suoni, parole e scenari del posse power.** Torino: Giulio Einaudi, 2000, p. 125p.
- PAOLI, Maria Célia; TELLES, Vera da Silva. Direitos sociais, conflitos e negociações no Brasil contemporâneo. In: DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo; ALVAREZ,

- Sonia. (Org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000, p. 103-148.
- PAIS, José Machado. Lazeres e sociabilidades juvenis: um ensaio de análise etnográfica. **Análise Social**, Lisboa, v. XXV, n. 108-109, 1990, p. 591-644 (4º. e 5º.)
- PINTO, Pinto, Tiago de Oliveira. **Som e música. Questões de uma antropologia sonora**. Revista de Antropologia, 2001, vol.44, no.1, p.224.
- POTTER, Russell. **Spectacular Vernacular: hip-hop and the politics of postmodernism**. Albany, New York: University of New York Press, 1995, 191p.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. 317 p.
- _____. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990. 68 p.
- QUIRINO, Célia Nunes Galvão **Dos infortúnios da igualdade ao gozo da liberdade: uma análise do pensamento político de Alexis de Tocqueville**. São Paulo: Discurso: Editorial/FAPESP, 2001. 270 p.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação. Lisboa: Presença, 1999, 231p. (Universidade hoje; 10)**
- _____. **Estratégias da Comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade**. Lisboa: Editorial Presença, 1990, 223p. (Biblioteca de Textos Universitários, Lisboa, Portugal; 112).
- RUA, Maria das Graças Et. al. **Cultivando vida desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza**. 2. ed. Brasília: Unesco; Brasil Telecon, 2001, 583p.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987, 142 p. (Coleção Espaços).

_____. **Pobreza urbana**. São Paulo: HUCITEC, 1978. 119 p. (Coleção Estudos urbanos).

_____. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, 174p.

SANTOS, Rosana Aparecida Martins. **O estilo que ninguém segura: mano é mano! Boy é boy! Boy é mano? Mano é mano? Reflexão crítica sobre os processos de sociabilidade entre o público juvenil na cidade de São Paulo, na identificação com a musicalidade do Rap Nacional**. 2002, 274p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana**. 1998, 285p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Katthryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

SOARES, Pedro. Casas em favelas já chegam a 2,4 milhões. **Jornal Folha de São Paulo**, Cotidiano, C 5, 13 de nov. 2003.

SOLA, Lourdes. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas Brasília In: Juventude, comunidade política e sociedade civil**. Brasília : CNPD, 1998, v. 2 p. 753-

768

- SOUSA, Mauro Wilton. **Novas linguagens**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001, 72p.
- SPOSATI, Adaíza de Oliveira. **Mapa da exclusão/inclusão social da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Educ, 1996, 126p.
- _____. **Vida urbana e gestão da pobreza**. São Paulo: Cortez Editora, 1988, 333p.
- TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Tradução de Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994. 431 p.
- _____. **Mouvements sociaux d'aujourd'hui: acteurs et analystes**. Paris: Ouvrieres, 1982. 263 p. (Collection Politique Sociale).
- _____. **Sociologie de l'action**. Paris: Editions du Seuil, 1965. 509 p.
- _____. **Podemos viver juntos: iguais e diferentes**. Tradução de Jaime A. Clasen, Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1999, 387p.
- TELLA, Marco Aurélio Paz. **Atitude, arte, cultura e auto conhecimento: o rap como voz da periferia**. 2000, 229p. Dissertação (Mestrado) – Antropologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- TELLES, Vera da Silva. Sociedade civil e os caminhos (incertos) da cidadania. **São Paulo em Perspectiva**, v. 8, n. 2, p. 7-15, 1994.
- WANDERLEY, Mariângela Belfiore. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, Bader et. al (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**, 3.ed., 2001, p. 16-26.
- VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, 115p. (Série Antropologia social).
- ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social**. São Paulo: Escuta; Campinas: Unicamp, 1994, 208p.

_____. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas.

Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 12, n. 35, p. 29-47, out., 1997.

_____. **Máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1985, 265p.

ZENIP, Bruno. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. **Estudos Avançados**, Dossiê: O negro no Brasil, n. 50, v. 18, p. 225-241, jan/abril, 2004.

SITES

- <http://www.trabalhosp.prefeitura.sp.gov.br>.
- <http://www.amcidadetiradentes.hpg.com.br>
- <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spct>.

JORNAL

- Cidade Tiradentes é a memória negra. Moradores de conjunto habitacional gigante, construído no início da década de 80, dizem que foram “jogados” no local. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 21 de set. 2003. C 4.

RELATÓRIOS TÉCNICOS

- Relatório Técnico Distrito Cidade Tiradentes, Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado, Usina, abril, 2003.

- Empresa de consultoria na área de políticas para infância, Oficina de Idéias, maio a agosto, de 2003.